



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO
AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA



Exemplares de Sumaúmas

**AS DINÂMICAS SOCIOAMBIENTAIS DOS PROFESSORES
CAMPONESES DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA FRANCISCA
GÓES DOS SANTOS, CAREIRO DA VÁRZEA-AM**

MAÍRA GOMES DE SOUZA

**MANAUS-AM
2023**

MAÍRA GOMES DE SOUZA



Vista panorâmica da cidade do Careiro da Várzea – Amazonas

**AS DINÂMICAS SOCIOAMBIENTAIS DOS PROFESSORES
CAMPONESES DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA FRANCISCA
GÓES DOS SANTOS, CAREIRO DA VÁRZEA-AM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia.

Orientadora: Profa. Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe
Coorientador: Prof. Dr. Carlos Augusto da Silva

MANAUS-AM
2023

**AS DINÂMICAS SOCIOAMBIENTAIS DOS PROFESSORES
CAMPONESES DA ESCOLA MUNICIPAL PROFESSORA FRANCISCA
GÓES DOS SANTOS, CAREIRO DA VÁRZEA-AM**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe/ Presidente

Instituição: Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Antônio Ferreira do Norte Filho/Titular

Faculdade Santa Teresa

Profa. Dra. Jozane Lima Santiago/Titular

Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Marília Gabriela Gondim Rezende/ Titular

Universidade Federal do Amazonas

MANAUS-AM

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

S729a Souza, Maíra Gomes de
As Dinâmicas Socioambientais dos Professores Camponeses da Escola Municipal Professora Francisca Góes dos Santos, Careiro da Várzea-Am / Maíra Gomes de Souza . 2023
116 f.: il. color; 31 cm.

Orientador: Therezinha de Jesus Pinto Fraxe
Coorientador: Carlos Augusto da Silva
Tese (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Etnopedagogia;. 2. Sustentabilidade;. 3. Sazonalidade;. 4. Saberes;. 5. Ancestralidade;. I. Fraxe, Therezinha de Jesus Pinto. II. Universidade Federal do Amazonas III. Título

DEDICATÓRIA

Aos meus pais, Antônio Edson Braz de Souza e Maria Venina Gomes de Almeida, debelados da minha história, que se entrelaçam com as inspirações deste estudo por regarem a mente da pesquisadora, quando ainda criança, com suas histórias de vida como agricultores familiares e seringueiros; enfim, por formarem nossa família: ele e ela, dois camponeses que sempre viveram nas águas, terras e florestas; ela, filha de soldados da borracha: Valdemar Gomes de Almeida e Almerinda Gomes de Almeida; criança trabalhadora do seringal Novo Mundo e da roça, às margens do rio Tarauacá (Envira-AM). Estes heróis de minha existência, sem serem letrados, decorreram o conhecimento que surge da experiência ensinando, principalmente, princípios de vida e valores aos seus seis filhos. Homem e mulher simples do interior, sem recursos financeiros, abdicaram da vida e dos sonhos para dar aos filhos o que não puderam ter na infância: a oportunidade de sentar-se num banco da escola. E, nessa esteira de caminhar pelos caminhos de minha infância no dito seringal Novo Mundo, e à medida que fui percorrendo esse caminho, conheci a escola e nela fui tomando liberdade; foi quando me tornei capaz de gerar outras vidas. Assim dedico esta pesquisa aos meus filhos, minha maior motivação para percorrê-lo; à Ana Caroline Gomes de Souza, que por sua vez me fez enxergar e viver muitas experiências da vida em rede. E essa rede veio com o jovem e amado filho Natanael Murilo de Souza Fernandes, que chegou para somar na vida de uma mãe que muito ainda busca aprender; e, por fim, meus irmãos Elizane Gomes, Célio Gomes, César Gomes, Marcelo Gomes e Maiza Gomes, que por muitas vezes, quando minhas forças psicológicas pediam que eu parasse, foram o meu combustível. A todos a minha sincera gratidão.

AGRADECIMENTOS

Nessa caminhada de pouco mais de dois anos, foram grandes os esforços para chegar até aqui. Muitas renúncias, muito aprendizado, grandes descobertas, muita resiliência e um grande desejo de vencer. Chegar até aqui significou superar todos os meus limites como ser humano. A caminhada não foi solitária, por isso quero agradecer antes de tudo ao bom Deus, que me acompanhou, protegeu, consolou e abençoou todas as vezes que a Ele recorri.

Agradeço especialmente aos meus pais, Antônio Edson e Maria Venina Gomes; aos meus queridos e amados filhos Ana Caroline e Natanael Murilo; aos meus queridos irmãos Elizane, Célio, César, Marcelo e Maiza pela compreensão dos dias em que estive ausente do seio familiar.

Na travessia que fiz do rio Envira a Manaus, conheci pessoas dinâmicas, como a Professora Doutora Therezinha de Jesus Pinto Fraxe, que, em 2009, quando eu era inexperiente, me acolheu na Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, e hoje é minha orientadora de Mestrado. Foi na Secretaria que conheci três pessoas especiais que levo para a vida: a Fernanda Mendes, o Antônio Sérgio e o coordenador do PPGCASA, o Professor Doutor Henrique dos Santos Pereira, que, com a sua costumeira atenção, foi meu mestre. Também conheci o Prof. Dr. Carlos Augusto da Silva (Tijolinho), que, em conversas pelos corredores do CCA – Centro de Ciências do Ambiente, me incentivava à carreira acadêmica; e, ao chegar ao Mestrado, se tornou meu coorientador e parceiro acadêmico. São pessoas que foram e são de suma importância na minha vida.

A todo o corpo docente que fez parte desse processo nas disciplinas obrigatórias e optativas: Profa. Dra. Andrea Viviane Waichmn, Prof. Dr. Elimar Pinheiro do Nascimento, Profa. Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe, Prof. Dr. Henrique dos Santos Pereira, Prof. Dr. Neliton Marques da Silva, Profa. Dra. Maria Inês Gasparetto Higuchi, Prof. Dr. Valmir César Pozzetti e Prof. Dr. Carlos Augusto da Silva.

Aos professores membros da banca examinadora de defesa: Profa. Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe (Presidente), Profa. Dra. Marília Gabriela Gondim Rezende (Titular), Profa.

Dra. Jozane Lima Santiago (Titular) e Prof. Dr. Antônio Ferreira do Norte Filho da Faculdade Santa Teresa (Titular), cujas contribuições foram valorosas para trilhar o caminho percorrido.

À minha querida avó Maria Madalena (*in memoriam*), sempre entusiasta das minhas conquistas.

Ao Rosilque Mendes por me proporcionar momentos tranquilos que, no decorrer da pesquisa, serviram de refúgio para os meus dias de incertezas e de inseguranças.

Ao querido Professor Robério Ferreira de Souza, que com todo seu amor e dedicação fez parte das minhas primeiras investidas escolares alfabetizando-me, por quem meu sentimento é de muita gratidão.

Ao Prof. Dr. Nelcionei José de Souza Araújo pelas contribuições que nortearam os caminhos da pesquisa, pelas indicações de leituras e pelo material compartilhado dando-me apoio, compreensão e incentivo.

À Profa. Dra. Heloísa da Silva Borges, que, em 2014, embora eu estivesse sem experiência, admitiu minha participação no Programa Escola da Terra, o que me levou a pesquisar sobre “As dinâmicas socioambientais dos professores camponeses”, exatamente pela experiência adquirida como professora formadora, com a qual ocorreu a realização da pesquisa.

Às minhas amigas especiais Danielli Ferreira, Iraci Carvalho Uchôa, Cláudia da Costa Brito, Patrícia Ferreira, Elione Brás Pinheiro, Adriane Horta, Elian Wanderley, Rosilda Rossetti da Costa, Jenyffer Caroline Duarte, Thayla Yasmim uchôa e Lóhry Pontiz, por sempre acreditarem no meu potencial e pela certeza de uma amizade sólida e leal.

Aos meus amigos especiais Nonato Cipriano, Serifo Na Bulna, Jadilson Costa, Michael Portela, Antônio Timóteo, Rigor Maranhão, Alex Cordeiro, Ulisses Arjan e Breno Gomes, por sempre estarem do meu lado compartilhando conhecimento e acreditando na minha capacidade de vencer os obstáculos.

Minha eterna gratidão à Onete Alves, ao Marcelo Alencar e à Pâmela Alencar, que foram a melhor família, os quais me acolheram em tempos difíceis da minha vida após dez meses de estada em Manaus e hoje fazem parte da minha trajetória de vida.

Às minhas intercessoras e intercessores Mãe Dina, Antônia da Silva, Elieude Bacelar, Regiane Amorim, Pra. Gracely e Mauro Melo e Márcio Melo, que sempre estiveram orando por mim e por minha família, assim como minha querida tia Antônia Almeida.

Agradeço profundamente a todos os atores da pesquisa, aos(às) professores(as) camponeses(as) da Escola Municipal Francisca Góes dos Santos, que tratam a água como se fosse a veia de um grande coração, os quais a cada momento de subida e descida da água suspiram e respiram o ar que vem da praia ou das árvores do igapó. É a vida no anfiteatro na Ilha de Terra Nova. (Maíra Gomes de Souza, 2023).

Ao senhor Edson Silva, da empresa de transporte fluvial (Cooperativa de Transporte de Turismo Ambiental com Base Comunitária da Amazônia da Amazônia – Solinegro), pois sempre esteve disposto a colaborar na travessia para a Comunidade São Francisco, onde ocorreu o *locus* da pesquisa.

À Universidade Federal do Amazonas – UFAM; e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPG-CASA.

À Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pelo auxílio financeiro, durante os dois anos de pesquisa, que foi fundamental para viabilizar o trabalho de campo, pois, em se tratando de pesquisa em área rural, torna-se mais difícil e onerosa a logística de deslocamento.

E, por fim, a todos os colegas do curso de mestrado e doutorado da turma de 2021; em especial ao Antônio Timóteo Printes, Thayssa, Rocha, Thais Montenegro, que fizeram parte do meu grupo de coletas de dados e com os quais muito compartilhamos momentos desafiadores e aprendizagens. Foi na turma de doutorado que tive o prazer de conhecer os dois professores da Escola Municipal Francisca Góes dos Santos, Ana Cristina e Valdenir Fábio, que são duas pessoas que brilham igual a uma noite de lua cheia quando a luz da lua reflete na água ou na floresta, e as algazarras dos pássaros invadem a calada da noite. Foi na calada da noite que os dois mestres me guiaram e me inspiraram a tecer esta dissertação de mestrado. A todos os citados, meus sinceros agradecimentos; sem vocês nada seria possível, mas em especial à amável orientadora Profa. Dra. Therezinha e ao coorientador Prof. Dr. Carlos Augusto da Silva, que não mediram esforços para mediar conhecimento nesse processo de construção desta dissertação; e em especial à minha amiga Doralice (Dorinha), que sempre me alegrou de estar em seu seio materno!

RESUMO

Inicia-se esta dissertação tomando emprestadas as frases da escritora Cora Coralina “O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes” e a letra da música dos compositores Alexandre Magno Abrão & Thiago Raphael Castanho, que diz que “Seremos donos do nosso amanhã se estivermos unidos”. Nesse sentido, falar da Amazônia é sinônimo de complexidade, pois o saber, o conhecer e o desconhecido sempre estão estampados nos rios, na floresta e na terra. Para ter certa compreensão desses saberes, buscaram-se as literaturas especializadas que tratam da educação em nível de Brasil. Feito o levantamento da literatura, atravessou-se para a margem direita do rio Amazonas-Solimões para identificar as escolas sediadas na cidade de Careiro da Várzea – Amazonas, das quais duas estão na sede municipal; e duas, em áreas rurais. Para investigar o problema da pesquisa, focou-se no seguinte objeto: analisar as principais dinâmicas socioambientais dos professores camponeses da Escola Municipal Professora Francisca Góes dos Santos, na Comunidade de São Francisco de Assis, da Costa da Terra Nova, em Careiro da Várzea. Nas três escolas do município foram realizadas somente observações e conversas informais; já na Escola Municipal Francisca Góes dos Santos as observações foram intensivas. Para a coleta das assertivas, o campo metodológico abrangeu formulário semiestruturado, entrevistas formais, informais, *ajuris* de rodadas de conversas, além das anotações na caderneta de campo; e foram realizadas quatro idas ao campo, nos anos de 2021, 2022 e 2023, intercalando os períodos de seca e de cheia do rio Amazonas. Após as coletas de campo, foram feitas as compilações das fontes empíricas e teóricas. Conclui-se que, das 42 (quarenta e duas) assertivas, em 30 (trinta) delas houve repetições dos elementos; e em 12 (doze) não ocorreu essa repetição. Assim, conforme as dinâmicas socioambientais retratadas na voz da poetisa Cora Coralina, o saber acontece quando há a interação entre as pessoas e o ambiente; já o educador Paulo Freire sustenta que só é possível entender o desconhecido se houver a humildade de escutar. Nesse sentido, os professores camponeses seguem a linha dos ODS da ONU no que tange à educação continuada, pois todos têm graduação, especialização; alguns com mestrado e doutorando em Universidade pública.

Palavras-chave: Etnopedagogia. Sustentabilidade. Sazonalidade. Saberes. Ancestralidade.

ABSTRACT

This dissertation begins, borrowing the phrases of the writer Cora Coralina “We learn knowledge from masters and books. Wisdom is learned from life and from the humble” and the lyrics of the song by composers Alexandre Magno Abrao & Thiago Raphael Castanho, whose narrative is “We will be masters of our tomorrow if we are united”. In this sense, talking about the Amazon is always synonymous with complexity, because knowledge, knowing and the unknown are always stamped in the rivers, in the forest and in the land. In order to have a certain understanding of this knowledge, specialized literature was sought, which deals with Education at the level of Brazil. Once the literature was surveyed, we crossed to the right bank of the Amazon-Solimões river to identify the schools based in the city of Careiro da Várzea - Amazonas. With the identified schools, two in the municipal seat and two in rural areas. To equate the research problem, the following object was carried out: to analyze the main socio-environmental dynamics of the Peasant Teachers of the Municipal School Professora Francisca Góes dos Santos, in the Community of São Francisco de Assis da Costa da Terra Nova in Careiro da Várzea. Since, at the three schools, only observations and informal conversations were carried out. At the Francisca Góes dos Santos Municipal School, observations were intensive. In order to search for certain assertions, the methodological field that was applied were, the semi-structured form, formal and informal interviews, ajuris of rounds of conversations and more the notes in the field book and four trips to the field were carried out, being in 2021, 2022 and 2023, interspersed with dry and flood periods on the Amazon River. After field collections, empirical and theoretical sources were compiled. And finally, it is concluded that, of the 42 (forty-two) assertions, 30 (thirty) were repeated and 12 (twelve) were not repeated. Thus, to the socio-environmental dynamics in the voice of the poet Cora Coralina, knowledge happens when there is interaction between people and the environment, Educator Paulo Freire, invokes that it is only possible to understand the unknown if there is the humility to listen. In this sense, the peasant teachers follow the line of the UN (SDGs) in terms of continuing education, as they all have a degree, specialization, some with a master's degree and are studying at a public university.

Key words. Ethnopedagogy; Sustainability; Seasonality; Knowledge; ancestry

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: A canoa modelada conforme as características de ambiente de várzea-----	22
Figuras 2 e 3: Manifestações coletivas de festividades no templo das águas-----	39
Figura 1 e 2: Dinâmicas pedagógicas e socioambientais praticadas por todos na Ilha de Terra Nova-----	61
Figuras 3 a 5: Plataforma afixada no solo para o acesso à Escola Francisca Góes-----	61
Figura 6 a 8: Carroçaria confeccionada pelos professores e comunitários para a locomoção das crianças à Escola	62
Figura 1 e 2: Plataforma de madeira para a circulação das pessoas na sazonalidade	82
Figura 3 e 4: Pequena “maromba” construída para abrigar os animais domésticos-----	83
Figura 5, 6 7: Arruamento submerso e paralelo; árvores protegem as edificações do banzeiro e da correnteza do rio -----	84
Figura 8: Croqui da dinâmica da área urbana e pasto de gado-----	85
Figura 9 e 10: Placa comemorativa, o nível da água no muro e a plataforma de acesso ao interior da Escola Francisca Góes-----	92

IMAGENS

Imagem 1: Mapa da Área do Assentamento da Comunidade e da Escola	41
Imagem 2: Ilha da Terra Nova, onde fica a Comunidade e a Escola Francisca Góes	59
Imagem 3: Relógio Etnopedagógico na Escola Francisca Góes dos Santos	98

GRÁFICOS

Gráfico 1: Dispersão de níveis do rio no primeiro semestre de 2021-2022-----	66
Gráfico 2: Distribuição da organização ou das funções atribuídas entre professores do campo-----	67
Gráfico 3: Divisão de tarefas por categorias (professor/agricultor) -----	69
Gráfico 4: Escolaridade e escala de Tempo de Serviço no Magistério na Escola Francisca Góes dos Santos-----	95
Gráfico 5: Distribuição de informações sobre as dinâmicas sociais ambientais repetidas e não repetidas.	96

QUADROS

Quadro 1: Aspectos da legislação ambiental no Brasil-----	31
Quadro 2: Distribuições dos níveis de educação no Brasil-----	22
Quadro 3: Envolvimento entre o professor e a comunidade na produção de artefatos para a manutenção de serviços na escola e na comunidade de São Francisco-----	62
Quadro 4: As relações de eventos mútuos entre professor(a) camponês(a) e a comunidade na Ilha da Costa da Terra Nova – Careiro da Várzea – Amazonas-----	69

Quadro 5: Descrições de atividades socioambientais e pedagógicas-----	67
Quadro 6: Dinâmicas socioambientais e etnopedagógicas preventivas para evitar acidentes a caminho da Escola e vice-versa, no período de cheia do rio Amazonas-----	89
Quadro 7: Algumas características de dinâmicas etnopedagógicas e socioambientais do(a) professor(a) camponês(a) dos efetivos na Escola Francisca Góes dos Santos-----	93

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO GERAL -----	15
REFERÊNCIA -----	18
3.OBJETIVOS -----	19
3.1. GERAL-----	19
3. 2. ESPECÍFICOS-----	19
CAPÍTULO 1. O CAMINHAR DO PROFESSOR CAMPONÊS NA ESCOLA FRANCISCA GÓES, EM CAREIRO DA VÁRZEA – AMAZONAS ----	20
RESUMO-----	20
1. INTRODUÇÃO -----	22
2. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA-----	28
2.1. FUNDAMENTOS EM RELAÇÃO AO MEIO AMBIENTE DO BRASIL-----	30
2. 2. A PERSPECTIVA DO USO DOS RECURSOS DA MÃE TERRA-----	32
3. MATERIAL E MÉTODO -----	34
3.1. Do Método e Técnicas -----	34
3.2. DA QUALIFICAÇÃO DA PESQUISA-----	35
3.3. PROCEDIMENTO NA CAPTURA DE INFORMAÇÕES-----	36
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES -----	39
4. 1. DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL E EDUCACIONAL-----	42
5. CONSIDERAÇÕES -----	44
6. REFERÊNCIAS -----	45
CAPÍTULO 2. DINÂMICAS PEDAGÓGICAS E SOCIOAMBIENTAIS DO PROFESSOR CAMPONÊS NA ILHA DA TERRA NOVA, EM CAREIRO DA VÁRZEA – AMAZONAS, BRASIL -----	49
RESUMO-----	49
1. INTRODUÇÃO -----	51
2. BREVE DESTAQUE SOBRE O DIREITO À EDUCAÇÃO -----	52
3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO -----	53
3.1. NA LITERATURA QUE DISCUTE A EDUCAÇÃO DO CAMPO-----	56
3.2. ÁREA DE ESTUDO-----	57
3.3. ETAPA DE CAMPO NA COMUNIDADE DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, NA ILHA DA COSTA DE TERRA NOVA -----	60
4. RESULTADO E DISCUSSÃO -----	62
4.1. AS PRÁTICAS SÃO AFERIDAS POR MEIO DE PARTICIPAÇÃO ASSOCIATIVA ENTRE PROFESSOR(A) E COMUNIDADE QUANTO À DIVISÃO DAS TAREFAS-----	64
4.2. A INTERAÇÃO DOS(AS) PROFESSORES(AS) CAMPONESES(AS) EM ATIVIDADES SOCIOCULTURAIS-----	64
4.3. AÇÕES SOCIOAMBIENTAIS E PEDAGÓGICAS NA ESCOLA FRANCISCA GÓES-----	68
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	70
6. REFERÊNCIAS -----	70
CAPÍTULO 3. AS REDES DE DINÂMICAS DOS(AS) PROFESSORES(AS) CAMPONESES(AS) NA ILHA DE TERRA NOVA, EM CAREIRO DA VÁRZEA - AMAZONAS -----	74
RESUMO-----	74

1. INTRODUÇÃO -----	75
2. REDES DE COMUNICAÇÕES SOCIAIS -----	75
3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO -----	76
3.1. INFORMAÇÕES DE VIAJANTES NO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO DO BRASIL-----	77
3.2. BREVE HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE CAREIRO DA VÁRZEA-----	78
3.3. ASPECTOS DE LIMITE DO CAREIRO DA VÁRZEA-----	79
3.4. A CIDADE DE CAREIRO DA VÁRZEA-----	80
3.5. DINÂMICAS SOCIOAMBIENTAIS GERAIS-----	80
3.6. A COMUNIDADE DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, DA COSTA DE TERRA NOVA-----	86
3.7. A ETAPA DE CAMPO DE 2021-----	87
3.8. AS ETAPAS DE CAMPO DE 2022-----	88
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES -----	95
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS -----	98
6. REFERÊNCIAS -----	99
CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAIS -----	102
REFERÊNCIAS GERAIS POR CAPÍTULO -----	103
APÊNDICE -----	110

*Seremos donos do nosso amanhã se estivermos unidos
Em sintonia com os nossos sonhos
Mesmo se não formos iguais
Pois não somos iguais
Eu caminho no meio da multidão
Eu me sinto à vontade
Pois partilhamos noites, ruas e sonhos
Como se fôssemos iguais
Pois me faz tocar o céu, ver você sorrir
Vem lua, vem, vem dançar pra mim
Ninguém em seu lugar
Então deixa a noite seguir
Bom poder brindar que você está aqui
Dona do meu pensamento, você, nossa história
Dona do meu pensamento, você, nossa história
Observados por dragões, ferozes lutamos pra sobreviver
Mas precisamos realmente saber
O real valor que a vida tem
Caminho no meio da multidão
Eu me sinto à vontade
Pois partilhamos noites, ruas e sonhos
Como se fôssemos iguais
Pois me faz tocar o céu, ver você sorrir
Vem lua, vem, vem dançar pra mim
Ninguém em seu lugar
Então deixa a noite seguir
Bom poder brindar que você está aqui
Dona do meu pensamento, você, nossa história
Dona do meu pensamento, você, nossa história
Eu sempre vou te amar
Eu sei que eu sempre vou te amar
Dona do meu pensamento, você, nossa história
Dona do meu pensamento, você, nossa história
Nossa história
Nossa história
Nossa história
Nossa história*

Compositores: Alexandre Magno Abrão & Thiago Raphael Castanho
Artista: Charlie Brown Jr.
Lançado: (2009).

INTRODUÇÃO GERAL

Inicia-se esta introdução geral desta dissertação de mestrado tomando emprestadas as linhas desta canção dos compositores Alexandre Magno Abrão & Thiago Raphael Castanho: “Seremos donos do nosso amanhã se estivermos unidos”. Foi na etapa de campo de 2022, em pleno período de seca do rio, de frente à residência de uma professora camponesa, que se percebeu a existência de uma certa união entre o rio, a floresta e a terra, pois esses complexos naturais estão unidos por laços coloridos, assim como na canção de Charlie Brown Jr, que faz menção à lua, e a “lua dança”. Foi nesse dançar que o arqueológico Eduardo Góes Neves, no livro *Sob os Tempos do Equinócio: Oito Mil Anos de História na Amazônia Central* (2022), descreveu as paisagens frutos de intensos trabalhos coletivos entre humanos e animais.

As paisagens complexas forjadas por humanos e não humanos estão nos registros arqueológicos, como os utensílios confeccionados de rochas, talvez para serem ofertados aos serviços, assim como foi o caso da cerâmica, que – tudo leva a crer – foi feita para atender às demandas sociais do cotidiano desses povos; já no tocante aos animais, os peixes também prestaram e prestam serviços essenciais, pois, quando a água acessa a floresta de igapó, eles distribuem as sementes das árvores de um jeito complexo, já que elas não são trituradas ao serem expelidas. Com isso, quando a água deixa o igapó, as novas vidas surgem; da mesma forma as aves fazem essa distribuição de sementes, de modo que todas as espécies trabalham juntas. Por meio dessas complexas redes os povos foram empreendedores em amansar ou domesticar uma série de plantas. Por exemplo, a pupunha; a maniva nas modalidades das raízes da mandioca amarga e a doce (a macaxeira); além do arsenal de plantas úteis à farmacologia. Então, são essas histórias discutidas que estão no livro de Eduardo Neves, em que enfatiza que o passado e o presente caminham abraçados:

É comum que se pense que arqueólogos estudam o passado, mas esta ideia é incorreta. Arqueólogos estudam fenômenos do presente: os sítios arqueológicos e outros tipos de registros que viajaram pelo tempo, às vezes por milhões de anos, até os dias de hoje. Esta não é apenas uma distinção semântica, mas ela define de saída quais são as possibilidades e limitações que a arqueologia oferece para o conhecimento do passado. O passado é um país estrangeiro, um território estranho, ao qual jamais poderemos retornar (NEVES, 2022, p. 5).

As linhas suscitam que “o passado é um país estrangeiro (...)”, pois a Amazônia pode ser desconhecida para alguns, mas, para os povos que vivem nesses tapetes verdes das florestas, dos banzeiros das águas negras, claras e barrentas, os povos são possíveis gestores do tempo, pois organizam e desorganizam o ambiente para acostumarem ou se adaptarem, de sorte que os humanos e os animais dão brilho aos ecossistemas (Junk, 2020). Na várzea da Ilha do Careiro-AM, na margem esquerda do paraná homônimo, encontra-se sediada a cidade municipal, onde as residências, as ruas, a praça e mais alguns exemplares de árvores, como as duas frondosas sumaúmas (*Ceiba pentandra*), estão na parte oeste da cidade; elas parecem estar de mãos dadas, pois seus braços são parecidos com os de duas pessoas e se estendem como se estivessem acenando ao vento e às aves, além de emprestarem seus membros, pois há uma porção de bromélias cujas flores de colorações violetas acenam aos beija-flores, dos quais há o néctar para ser espalhado pelas florestas de igapós.

Assim, os humanos e os animais na várzea dançam em sintonia, cuja batuta são os sons dos pássaros e do rio, pois eles são espécies de relógios ecológicos que informam o tempo da

vazante ou da cheia do rio. O poeta Thiago de Mello, no livro *Amazônia, pátria das águas*, (MELLO, 2002, p. 15), aponta que “O regime das águas é um elemento constante no cálculo da vida do homem”. Nesse cálculo, ou numa balança do tempo, foi que se observaram as dinâmicas socioambientais do(a) professor(a) camponês (a). No sentido de caminhar, surfar na onda dos banzeiros, é que se fizeram oito travessias para compreender, entender e avaliar os principais contextos liderados pelos professores, sobre os quais a pesquisa se desenvolveu em quatro escolas, sendo duas sediadas na sede municipal de Careiro da Várzea e duas na área rural, das quais uma localizada no terminal de embarque e desembarque, na BR/319, na margem direita do paraná do Careiro; a outra localizada na Comunidade de São Francisco de Assis, no Distrito de Terra Nova. Segundo Bezerra (2016), o município de Careiro da Várzea possui 47 (quarenta e sete) escolas. Nesse sentido, a dissertação está dividida em três capítulos em formato de artigos, como segue.

No primeiro Capítulo, intitulado *O Caminhar do Professor Camponês na Escola Francisca Góes, em Careiro da Várzea – Amazonas*, buscou-se descrever os contextos e o contorcimento, conforme o poeta Thiago de Mello (2002), que são as razões do grande pêndulo do tempo que guia as relações do fazer pedagógico, ou seja, os cálculos aferidos na acepção de Morán (1994) são as adaptabilidades que correm em cada veia do rio.

O segundo Capítulo, que se chama *Dinâmicas Pedagógicas e Socioambientais do Professor Camponês na Ilha da Terra Nova, em Careiro da Várzea – Amazonas, Brasil*, caracterizou-se pelas afinidades das dinamicidades do professor ao traçar estratégias viáveis para explicitar de forma exponencial o funcionamento de uma pedagogia clara e objetiva, conforme dinamiza Paulo Freire (1996), a partir da ótica de que o ato de “escutar” são as ferramentas para uma educação crítica e libertadora.

Já o terceiro Capítulo, nomeado *As Redes de Dinâmicas dos(as) Professores(as) Camponeses(as) na Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea – Amazonas*, buscou compreender as correntes das redes de interações que há entre a etnopedagogia e as sazonalidades, em que há o tempo da Escola e o tempo para outras atividades; por exemplo, para desenvolver atividades voltadas à produção de alimentos por meio de hortas no solo e suspensas, isto é, nos jiraus e nos cultivos de plantas. Por fim, conclui-se que as principais dinâmicas socioambientais, de certo modo, foram enumeradas e analisadas nos campos qualitativo e quantitativo; e parece que os professores estão alinhados à ideia de que “O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os

humildes” (Cora Coralina, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, 1889-1985). Os capítulos estão sob nº CCAE: 24335319.2.0000.5020, em que foram concedidos às vozes dos atores sociais das escolas citadas ao longo da dissertação, conforme está na legislação de nº196/96.

REFERÊNCIAS

BEZERRA, Antônio Carlos Marinho. Careiro da Várzea: História e Atualidades. Manaus: Editora Valer, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática social. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JUNK, Wolfgang J. *et al.* Várzeas Amazônicas: Desafios para um Manejo Sustentável. Manaus: Editora do INPA, 2020

MELLO, Thiago de. Amazonas Pátria da Água. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORÁN, Emílio F. Adaptabilidade Humana: Uma Introdução à Antropologia Ecológica. Tradução de Carlos E. A. Coimbra Jr. e Marcelo Soares Brandão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

NEVES, Eduardo Góes. Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central. São Paulo: Ubu Editora, da Universidade de São Paulo, 2022.

3.OBJETIVOS

3.1. GERAL

Analisar as principais dinâmicas socioambientais dos Professores Camponeses da Escola Municipal Professora Francisca Góes dos Santos, na Comunidade de São Francisco de Assis, da Costa da Terra Nova, em Careiro da Várzea – Amazonas – Brasil.

3.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Investigar o caminho percorrido para se tornar professor camponês.
- Identificar as atividades socioambientais e os diálogos com as dinâmicas pedagógicas da Escola.
- Compreender as principais dinâmicas das ações dos professores camponeses.

CAPÍTULO 1. O CAMINHAR DO PROFESSOR CAMPONÊS NA ESCOLA MUNICIPAL FRANCISCA GÓES, EM CAREIRO DA VÁRZEA – AMAZONAS

RESUMO

O escopo deste capítulo parte do princípio de descrever a caracterização do caminhar do professor camponês. Mas, antes, eis uma breve panorâmica dos eventos da Amazônia. Uma das coisas que estão visíveis talvez sejam as dinâmicas paisagísticas, compostas por ações humanas e pelo meio físico. Na Ilha de Terra Nova, as paisagens são bem caracterizadas; por exemplo, são as florestas de igapós que funcionam como um grande útero que provê vidas de espécies de aves, peixes etc.; outro traço são as águas negras e embranquecido-amareladas, com cores dos sucos de açaí e bacaba, visíveis na Ilha de Terra Nova. Essas paisagens são marcadas pelas estações de subida, repiquete, cheia, descida e seca do rio Amazonas. Foi nessas estações de sazonalidade que se buscou levantar o caminhar do(a) professor(a) na Escola Municipal Francisca Góes. Para dinamizar tais caminhos, traçou-se o seguinte objetivo: o de investigar o caminho percorrido para se tornar professor camponês. Foram feitos procedimentos metodológicos, baseados em leis, livros, artigos, em dois contextos históricos do Estado brasileiro: o Brasil Império e a República, além dos aspectos no que diz respeito aos procedimentos ambientais. Ao final do levantamento secundário e mais as informações de campo, chegou-se aos dados de que o(a) professor(a) tem de passar por estratégias sistêmicas que envolvem teorias e práticas de como conviver com as dinâmicas impostas pelo rio Amazonas-Solimões, onde a canoa, o remo e o saber direcionam as estratégias para o caminhar da etnopedagogia das águas na Escola.

Palavras-chave: Escola; sazonalidade; dinâmicas; socioambientais; saberes.

ABSTRACT

The scope of this chapter starts from the principle of describing the characterization of the path of the peasant teacher. But first, a brief overview of events in the Amazon. One of the things that are visible is perhaps the composite landscape dynamics forged by human actions and the physical environment. On the island of Terra Nova, the landscapes are very characteristic, for example, the igapó forests that function as a great uterus in providing life for species of birds, fish, etc. from açaí and bacaba juices, to the colors of the landscapes to the visible things on the island of Terra Nova. These landscapes are marked by the seasons (ascent, repiquete, flood, descent and dryness of the Amazon River). It was in these seasons of seasonality that we sought to survey the path of the teacher at the Francisca Góes Municipal School, to streamline such paths, the following objective was traced, to investigate the path taken to become a peasant teacher. In order to equate, the methodological procedures were aimed at forming the genesis of teaching the first letters in laws, books, articles in two historical contexts of the Brazilian state, Brazil, Empire and Republic, in addition to aspects with regard to environmental procedures. At the end of the secondary survey and more field

data, we arrived at the data that the teacher has to go through systemic dynamics involving theories and practices of how to live with the dynamics of the Amazon-Solimões river, where the canoe or paddle and more knowing how to direct the strategies for the progress of the ethnopedagogy of waters in the School.

Key words: School, Seasonality, dynamics, socio-environmental, knowledge.

O saber a gente aprende com os mestres e os livros. A sabedoria se aprende é com a vida e com os humildes
(**Cora Coralina**, pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas 1889-1985 – **Coralina**).

1. INTRODUÇÃO

O escopo deste capítulo visa dialogar com as dinâmicas socioambientais do professor camponês¹ da Escola Municipal Francisca Góes, da Ilha de Terra Nova, no município do Careiro da Várzea – Amazonas. Se tracejada uma linha histórica da Amazônia de modo geral, é possível perceber que os rios são na verdade os caminhos de comunicação entre os povos na Amazônia (Silva, 2016), Witkoski (2021), Tocantins (2000), em que o artefato moldado de madeira por conhecimento ancestral – a canoa – talvez seja uns dos primeiros engenhos que possibilitaram as inter-relações entre os povos da Amazônia antiga (Neves, 2022), conforme se vê na figura 1.

Figura 1. A canoa modelada conforme as características de ambiente de várzea



Figura 1. Na subida das águas e no ápice da cheia a canoa é o artefato primordial para que professores(as) realizem os deslocamentos à escola e a outras instituições na Ilha de Terra Nova.

Foto. Carlos Augusto do Silva, maio de 2022.

Na Ilha de Terra Nova as pesquisas históricas e geográficas (Sternber, 1998) e arqueológicas (Neves, 2022) vêm demonstrando que sempre houve aglomerações contínuas

¹ Na acepção Silva (2016), as interações dos povos com a terra, a floresta, a água e os animais criaram caminhos de transformações de vidas na Amazônia.

de povos que, ao interagirem com o ambiente, deixaram fincados no solo, na floresta e na água sua história de vida, que são uma espécie de paisagem no tempo.

Fazer pesquisa na Região Amazônica é desafiador, porque há uma complexidade e diversidade de sistemas tanto nos aspectos naturais quanto nos sociais. No natural o pesquisador irá perceber que há uma gigantesca formalidade, como é possível identificar nos labirintos dos rios que formam a extensa Bacia Amazônica. Nela é possível encontrar, dependendo do período do ano, uma grande quantidade de água que colore os verdes das florestas; já em outras partes há extensas planícies, onde a água está serpenteada pelo leito dos rios. Digo isso, porque minha infância² foi no município de Envira, que fica localizada a sudoeste do Estado do Amazonas, na microrregião do Juruá, tributário da margem direita do rio Tarauacá.

O rio Envira, pela semântica do nome, está atrelado às fibras de árvores que são retiradas de uma espécie homônima para fins de atividades do cotidiano do seringueiro. Assim o social e o cultural estão interligados e funcionam como marcadores de saberes entre as crianças, os jovens e os adultos. É uma escola verde do tempo que forma especialistas para conviver com as águas, as florestas e as terras.

Os ancestrais dos povos que interagiram no rio Envira deixaram uma *poupança*, onde infinitudes de espécies de árvores foram cultivadas que talvez ainda não estejam bem concebidas pelas ciências. O certo é que, ao final dos séculos XIX e XX, o rio Envira foi entrelaçado de povos que deixaram seus lugares do Nordeste brasileiro e foram distribuídos em vários lugares do Rio Juruá. Assim, talvez, uma nova caracterização tenha sido imbuída aos povos desses lugares do Envira-Juruá. É nessa ordem que vem minha ramificação familiar.

Assim, considero-me como uma coletora semeadora, pois minha paternidade e maternidade foram eminentemente “seringueiros”. Na verdade, o ator social denominado de seringueiro é aquele que por muitos anos caminha em busca do látex. Devido a isso, pode ser considerado como um andarilho da floresta, na qual, por onde caminhou, deixou suas marcas encasteladas nas hastes das seringueiras (*Hevea brasilienses*). Esses símbolos talvez sejam

² A infância de criança no campo é diferenciada da criança que vive em área urbana. No Rio Envira as brincadeiras de crianças são subir em árvores, pular na água às margens do rio, onde tudo é prazer. Na acepção de Leandro Tocantins (2000), seria uma formalidade de estar no tempo e uma satisfação do brincar.

uma espécie de assinatura ou até a identidade desses povos, já que hoje é possível perceber, quando se chega a um ambiente chamado de “seringal”, que só há essas memórias de ações sociais e culturais do passado de um povo.

Minha memória está permeada mesmo pela labuta que meus genitores enfrentaram por trabalharem em lugares tão prazerosos, mas ao mesmo tempo sofridos pelas cargas que foram atribuídas aos coletores-semeadores; talvez esses sofrimentos resultaram em preservação ambiental e cultural desses lugares do alto complexo dos rios Juruá, Tarauacá e Envira.

Quanto ao ambiente cultural e social, tudo indica que estão em mãos duplas ou seguem na mesma simetria, pois ambos exercem tarefas múltiplas. Foi nessa duplicidade em que estive inserida no “aparelho ideológico de Estado”, ou seja, minhas primeiras investidas foram em uma escola no estirão³ do rio Envira, na qual percebi que a interação com a comunidade poderia ser o caminho rumo ao saber de forma coletiva.

E assim segui a caminhada de modo que, por força do destino, vim residir em Manaus, onde concluí o ensino médio. Com o certificado em mãos, fiz o meu primeiro “vestibular”; consegui a aprovação e cursei em uma entidade particular o curso de Pedagogia. Durante a graduação, fui trabalhar em uma instituição denominada de Rio Solimões-UNISOL; e fui destacada para contribuir com o programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente de 2009 a 2011. Foi no seio do PPGCASA, com a articulação entre os professores e os técnicos do Centro de Ciências do Ambiente, que ficou mais evidente que precisaria buscar novas luzes do saber. Já no final do contrato com a UNISOL e com o diploma de Pedagoga, fui convidada pelas professoras Heloísa Borges e Arminda Mourão para participar do Projeto Escola da Terra, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas.

Foi por meio desse projeto, como professora formadora, que iniciei o contato direto com o professor do campo, tendo em vista que esses professores são na verdade polivalentes, pois desenvolvem atividades em campo dos saberes imagináveis. Além de estarem em salas de aulas, atuam como agricultores familiares, pescadores, coletores e com práticas

³ São frases ou expressões dos comunitários, os quais informam que uma reta meio simétrica do rio Juruá, geralmente, tem cerca de cinco a dez quilômetros de distância; é o caso, por exemplo, do lago onde são realizadas as pescarias, ou do roçado na área de terra firme ou de várzeas.

agroecológicas⁴ etc. E isso foi presenciado durante as viagens aos municípios do baixo Solimões-Amazonas e a Envira, com as práticas do professor do campo.

E, com a aprovação na seleção de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, foi oportuno pesquisar as características socioambientais do professor da área de várzea ou professor das águas. O interesse pela pesquisa partiu do envolvimento supracitado.

A Amazônia, pelas suas dimensões territoriais, apresenta uma infinidade de características formadas pelos ecossistemas que contemplam esse território. Os ecossistemas são como um grande útero em que pulsam vidas formadas pelos verdes da grande diversidade de árvores, macros e micros, que são organismos que formam uma completude ambiental sistêmica (Morin, 2010). As várzeas que cobrem a maior parte do território apresentam características diferentes no meio físico, como é o caso das inúmeras ilhas que estão presentes nos leitos dos rios; estes, pelo dinamismo das águas, alimentam as vidas existentes nesses ambientes de várzeas.

Os primeiros viajantes que desceram e subiram o grande rio Solimões-Amazonas foram unânimes em manifestar a abundância da biodiversidade existente nos rios. E esses registros dos viajantes foram utilizados pela geopolítica da Coroa Portuguesa, já que, na acepção de (BECKER, 2005, p. 71), “A geopolítica sempre se caracterizou pela presença de pressões de todo tipo, intervenções no cenário internacional desde as mais brandas até guerras e conquistas de territórios”. Então, seguindo essa lógica da autora, a Amazônia foi sempre o ambiente de cobiça e de disputa pelos seus territórios; talvez essa disputa esteja presente nas narrativas dos primeiros viajantes, em que os rios eram os responsáveis pelas comunicações entre os povos que interagiram no imenso território amazônico e quando havia a cobiça por meio do sistema de trocas. Quem sabe sejam as multiplicações de sementes existentes nos dois ecossistemas de várzeas e terras firmes, na acepção de Ab’Saber (2003, 2008) e dos povos que inicialmente colonizaram a imensa Região Amazônica (Neves, 2022).

Os rios, no olhar de Leandro Tocantins (2000), são as ferrovias que sempre impulsionavam os sistemas econômicos, culturais, sociais etc. O etno-historiador Antônio Porro (2016) descreve que as margens dos rios e os interflúvios eram repletos de povos que

⁴ São sistemas nos quais os agricultores familiares utilizam os insumos por meio dos resíduos de árvores em processo de decomposição, capins etc., além de fazerem processos de reposições de espécies em torno das casas, dos roçados etc., o que forma paisagens culturais (Silva, 2016).

cultivavam espécies de plantas importantes para a dieta alimentar e para a medicina popular, e esses povos haviam desenvolvido sistemas com características sustentáveis, pois as pesquisas nos campos da antropologia, da arqueologia, da linguística vêm demonstrando que uma das características identificadas são as grandes áreas de florestas culturais presentes em antigos assentamentos humanos. E essas florestas estão sendo estudadas por vários ramos da ciência, como é o caso da etnobotânica, da etnoecologia etc., em que as florestas são grandes bibliotecas afixadas no sentido vertical, nas imensidões das margens e interflúvios dos rios.

Talvez um dos primeiros cientistas que descrevem os feitos da força de trabalho desses povos que estavam assentados nas margens dos rios possa estar na *Viagem Filosófica ao Rio Negro*, de Alexandre Rodrigues Ferreira, de 1783-1792. Na sua subida ao rio, descreve que, nos trechos entre os atuais municípios de Novo Ayrão e Barcelos, em certas paisagens, identificou que o solo arenoso e argiloso foi adicionado à [...] “mistura de terra humosa, que é essa terra preta; por outro nome, terra de jardins, na qual se resolvem os vegetais mediante a putrefação, que procede das vicissitudes do calor” [...] (FERREIRA, 2007, p. 57). Essa assertiva permite deduzir que os povos por milênios conseguiram desenvolver tecnologia salutar para se manterem em áreas que, segundo Ab’saber (2003), são compostas de florestas de campinaranas, em que o solo é formado por jazidas de areias, então o enriquecimento do solo foi importante para que o processo produtivo fosse de grande envergadura, no qual a agricultura familiar foi orquestrada de ações possivelmente comunitárias (Albuquerque, 2012).

E, nessa produção de coletividade, Ferreira (2007) descreve as atitudes desses povos da bacia do Rio Negro; dentre as variedades cultivadas faz os apontamentos da cultura da mandioca (*Manihot esculenta*), como certifica:

A mandioca tem várias aplicações fora da farinha, porque dela se tiram os polvilhos, que por bem conhecidos os não engradeço. A carimã alguma semelhança tem com a farinha de trigo, pois dela se fazem sofríveis massas; entre as qualidades de mandioca há uma, que se come cozida e assada, e esta mesma varia na qualidade e na cor, porque também há amarela; neste Estado se lhe chama macaxeira, e nos outros Brasis aipim. Há também outra qualidade de mandioca chamada mandiocaua, e não serve para mais do que para se lhe beber a substância, que, pelo seu bom gosto, serve de sorvete aos naturais e às moradoras brancas, que aqui se acham estabelecidas (FERREIRA, 2007, p. 502).

A assertiva do autor mostra como os povos transformavam os alimentos propícios a uma dieta alimentar saudável, conforme está na descrição, a exemplo do preparo da macaxeira, que pode ser feita de diversas maneiras; uma delas é assada, para o que há toda uma formalidade no processo de assar; há também outras espécies que foram domesticadas⁵, como é o caso do cacau (BALLÉ, 2006), cujas árvores com os frutos em formato de losango de coloração amarelada poderiam facilmente ser encontradas em quase todas as margens dos rios, em décadas passadas.

Assim, a *Viagem filosófica* caracteriza planos qualitativos e quantitativos, pois as assertivas constituem os saberes que ao longo de milênios funcionaram como uma etnopedagogia, em que as relações do passado deixaram as inscrições impressas no meio físico ou por meio dos traços tecnológicos, nos utensílios domésticos ou para fins ritualísticos, culturais e econômicos etc., conforme o que está estampado nas pranchas desenhadas por Alexandre Ferreira, onde os sistemas de arquitetura eram projetados para o ambiente do trópico amazônico. Outra característica são as artes estampadas em artefatos moldados a partir da morfologia de aves, répteis etc. Talvez isso constituísse uma formalidade de convívio em certa harmonia entre os humanos e os animais. E todos esses arranjos são classificados como *saberes* na acepção de Medeiros; Albuquerque (2012).

A expressão *saberes*, na ótica do educador Paulo Freire (1996), designa estruturas obtidas no interior da comunidade, onde as características sociais são transmitidas a partir do contato direto entre as gêneses da vida em sociedade. Na Ilha do Careiro da Várzea, hoje há o centro administrativo, onde está sediada a cidade homônima; e nas áreas rurais há as comunidades de agricultores familiares e pescadores (Fraxe, 2010, 2011).

Sternberg (1998) descreve o modo de vida da comunidade da Ilha de Terra Nova, na qual fez uma grande escavação a fim de compreender as articulações com as estações sazonais das águas, pois a cada período há nova estruturação no meio físico, assim como no tocante aos aspectos sociais, culturais etc., ou seja, a cada período de seca/cheia do rio, novas

⁵ “A maioria dos cultivos nativos da Amazônia foi domesticada na periferia da bacia. A bacia do alto rio Madeira é uma parte importante dessa periferia, onde se suspeita que vários cultivos importantes foram domesticados; alguns são confirmados; e outros possivelmente chegaram há muito tempo à região. Alguns desses cultivos foram razoavelmente bem estudados, tais como mandioca, amendoim, pupunha, coco e tabaco, enquanto outros não são tão bem conhecidos, como as pimentas *Capsicum baccatum* e *C. frutescens*; e ainda outros precisam de confirmação, como taioba e urucum. Revisamos as informações disponíveis para a mandioca, pupunha, capsicum, amendoim, urucum e taioba. O estado da arte de *Capsicum frutescens*, urucum e taioba é insuficiente para concluir definitivamente que eles foram domesticados no alto rio Madeira, enquanto todos os outros têm pelo menos uma das suas origens ou centros de diversidade na região” (CLEMENT *et al.*, 2016).

modalidades nas alterações das paisagens são produzidas pela sazonalidade. Esses são saberes dos povos que há milênios, por meio de interação e manejo da água, da terra e das florestas, elaboram paisagens, que são elementos de registros históricos de como esses povos construíram ecossistemas necessários – trata-se talvez de um grande *eco* útero para a fixação nos lugares (Tuan, 2012). Este capítulo dividiu-se em tópicos, que abrangem os fundamentos históricos da educação brasileira, os preceitos em relação ao meio ambiente do Brasil, procedimentos metodológicos, resultado e discussões e considerações.

2. FUNDAMENTOS HISTÓRICOS DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Se déssemos uma olhada nos tempos históricos do processo educacional do Estado brasileiro, seria importante olhar a primeira Constituição do Brasil. No ano de 1822 o Brasil saiu da condição de colônia de Portugal. O então imperador do Brasil, Dom Pedro I, em 25 de março de 1824, outorgou a primeira Carta Constitucional, cujo **Art. 179** trata da “inviolabilidade dos direitos civis e políticos dos cidadãos brasileiros, que tem por base a liberdade, a segurança individual e a propriedade; são garantidas pela Constituição do Império o seguinte”: a) item XXX II “instrução primária é gratuita a todos os cidadãos, e b) XXXIII “Colégios e universidades, onde serão ensinados os elementos das ciências, belas-letas e artes” (BRASIL, Constituição do Império, 1824, p.25). Então, como se pode observar nas entrelinhas da Carta Constitucional, o imperador do Dom Pedro I abria as veredas para a Educação do povo brasileiro com a outorga da Carta. E, à medida que o tempo histórico caminhava nas esteiras administrativas do Império, a Educação evoluía a passos de tartaruga ou no ritmo do bicho-preguiça.

E, em 1827, por meio de ações sociais e políticas, o imperador valeu-se do seu poder e instituiu a Lei Geral, de 15 de outubro de 1827, que propunha a assertiva da educação, conforme supracitado no item XXXII da Carta Constitucional. A seguir, estão os seus 17 artigos em que embasa a educação “primária” em todo o território brasileiro.

Art. 1º Em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos, haverá as escolas de primeiras letras que forem necessárias.

Art. 2º Os Presidentes das províncias, em Conselho e com audiência das respectivas Câmaras, enquanto não tiverem exercício os Conselhos gerais, marcarão o número e localidades das escolas, podendo extinguir as que existem em lugares pouco populosos e remover os Professores delas para as que se criarem, onde mais aproveitem, dando conta à Assembleia Geral para final resolução.

Art. 3º Os Presidentes, em Conselho, taxarão inteiramente os ordenados dos Professores, regulando-os de 200\$000 a 500\$000 anuais: com atenção às circunstâncias da população e carestia dos lugares, e o farão presente à Assembleia Geral para a aprovação.

Art. 4º As escolas serão de ensino mútuo nos capitães das províncias; e o serão também nas cidades, vilas e lugares populosos delas, em que for possível estabelecerem-se.

Art. 5º Para as escolas do ensino mútuo se aplicarão os edifícios, que houver com suficiência nos lugares delas, arranjando-se com os utensílios necessários à custa da Fazenda Pública e os Professores; que não tiverem a necessária instrução deste ensino, irão instruir-se em curto prazo e à custa dos seus ordenados nas escolas das capitais.

Art. 6º Os Professores ensinarão a ler, escrever as quatro operações de aritmética, prática de quebrados, decimais e proporções, as nações mais gerais de geometria prática, a gramática da língua nacional, e os princípios de moral cristã e da doutrina da religião católica e apostólica romana, proporcionando a compreensão dos meninos; preferindo para as leituras a Constituição do Império e a História do Brasil.

Art. 7º Os que pretenderem ser providos nas cadeiras serão examinados publicamente perante os Presidentes, em Conselho; e estes proverão o que for julgado mais digno e darão parte ao Governo para sua legal nomeação.

Art. 8º Só serão admitidos à oposição e examinados os cidadãos brasileiros que estiverem no gozo de seus direitos civis e políticos, sem nota na regularidade de sua conduta.

Art. 9º Os Professores atuais não serão providos nas cadeiras que novamente se criarem, sem exame e aprovação, na forma do art. 7º.

Art. 10º Os Presidentes, em Conselho, ficam autorizados a conceder uma gratificação anual, que não exceda à terça parte do ordenado, àqueles Professores, que por mais de doze anos de exercício não interrompido se estiverem distinguindo por sua prudência, desvelos, grande número e aproveitamento de discípulos.

Art. 11º Haverá escolas de meninas nas cidades e vilas mais populosas, em que os Presidentes em Conselho julgarem necessário este estabelecimento.

Art. 12º As mestras, além do declarado no art. 6º, com exclusão das noções de geometria e limitando a instrução da aritmética só as suas quatro operações, ensinarão também as prendas que servem à economia doméstica; e serão nomeadas pelos Presidentes em Conselho, àquelas mulheres, que sendo brasileiras e de reconhecida honestidade, se mostrarem com mais conhecimentos nos exames feitos na forma do art. 7º.

Art. 13º As mestras vencerão os mesmos ordenados e gratificações concedidas aos Mestres.

Art. 14º Os provimentos dos Professores e Mestres serão vitalícios; mas os Professores em Conselho, a quem pertence a fiscalização das escolas, os poderão suspender, e só por sentenças serão demitidos, provendo inteiramente quem substitua.

Art. 15º Estas escolas serão regidas pelos estatutos atuais no que se não opuserem à presente lei; os castigos serão os praticados pelo método de Lencastre.

Art. 16º Na província, onde estiver a Corte, pertence ao Ministro do Império, o que nas outras se incumbe aos Presidentes.

Art. 17º Ficam revogadas todas as leis, alvarás, regimentos, decretos e mais resoluções em contrário (BRASIL, 1827, Art. 1º a 17º).

A Lei Geral de 1827, em seus artigos, traçava os caminhos da Educação no Brasil, mas, como se pode observar, havia claramente uma divisão por classes sociais cujas determinações eram de responsabilidade dos Presidentes de Províncias. Assim, os professores que ocupavam as cadeiras eram submetidos a concurso público, e as remunerações eram iguais às dos mestres e das mestras, além de poderem ser vitalícias (Art. 14). Mas, por outro lado, os valores das remunerações estavam atrelados aos processos econômicos de cada Província. E aí se vê claramente certa desigualdade em relação ao tratamento do professor.

E o método, conforme está no art. 15.º, era atrelado ao lancastriano ou mútuo, cuja propositura de ensino-aprendizagem era com base nas repetições, memorizações dos conteúdos, e os alunos eram acolhidos com o grau de conhecimentos diferenciados em salas de aulas. Assim, os alunos que apresentassem tais características de conhecimentos estavam aptos a contribuir com os professores em sala de aula. A Lei abriu o caminho para que hoje os estágios em docências de graduação recebessem as bolsas (PIBID, conforme disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>>). Feitos esses rápidos enunciados em relação ao tripé do sistema de educação do Brasil, na sequência se registra um quadro resumido de contextos de saberes e de equilíbrio em relação ao ambiente natural.

2.1. FUNDAMENTOS EM RELAÇÃO AO MEIO AMBIENTE DO BRASIL

Se de repente escalássemos o Monte Roraima com a sua longevidade, poderíamos perceber que o ambiente pode ser tão complexo, pois do alto do pico do Monte se evidencia a infinitude das paisagens. Enrique Leff, em seu livro *Complexidade, Racionalidade Ambiental e Diálogo de Saberes*, faz contextualizações reflexivas, segundo as quais é necessário que o saber esteja em parâmetros epistemológicos, conforme cita:

A construção do saber ambiental implica uma desconstrução do conhecimento disciplinar, simplificador, unitário. Trata-se de um debate permanente frente às categorias conceituais e formas de entendimento do mundo que tem consolidado formas de ser e conhecer modeladas por um pensamento unidimensional que tem reduzido a complexidade para ajustá-la a uma racionalidade da modernidade que remete a uma vontade de unidade, de eficácia, de homogeneidade e de globalização. É a negação das certezas insustentáveis e a aventura na construção de novos sentidos de ser (LEFF, 2009, p. 21).

Então, o saber ambiental tem de ser um sistema de argolas, em que cada uma esteja interligada ao todo e às partes⁶; só assim pode ser possível afugentar as desordens cometidas à Gaia pelo ser humano, cujo histórico não está tão longe, pois vem dos séculos quando houve a implementação das Revoluções Industriais. E as revoluções sedimentaram as agregações, ou seja, o individualismo, e hoje os rios, mares e oceanos estão infestados de resíduos, produzidos pela ação humana; assim é necessária a condução dos saberes⁷. O jurista brasileiro

⁶ Edgar Morin (2010).

⁷ Edgar Morin (2007).

Luís Paulo Sirvinskas, em seu *Manual de Direito Ambiental*, surfa em leis de políticas ambientais em nível do território brasileiro, cuja premissa vem do início da colonização pela Coroa Portuguesa nos ambientes do Brasil.

Logo no escopo, o legislador aponta características que foram adotadas pelos portugueses no sentido de manter o ambiente com certo padrão, ou seja, as características tiveram uma espécie de códigos para manter o equilíbrio dos recursos até o momento observado pela Coroa. No quadro 1, sumarizam-se as leis, cujas premissas seriam as de um possível olhar administrativo e político pelo ambiente tropical, quando o País em 1824 foi cunhado de território do Brasil.

Quadro 1. Aspectos da legislação ambiental no Brasil

Ordem	Evolução histórica	Brasil colonial, Império e República nos aspetos legais
1º	Em 1500-1808, quando as caravelas aportaram no litoral do que seria o território do Brasil, deparam com uma franca diversidade de madeiras apropriadas ao consumo do mercado europeu. No sentido de manter as diversidades, foram criadas alterativas de manter certas estabilidades das espécies.	<ol style="list-style-type: none"> 1- A proteção de 1605, que tachava a árvore do pau-brasil como objeto real; 2. Em 1675, regula instalações de sesmarias em áreas litorâneas onde havia madeiras. 3. Carta Régia de 1797, que protegia as matas, florestas, arvoredos, que estivessem em áreas de encostas, nascentes, tendo em vista que eram propriedades da Coroa Portuguesa. 4. Em 1799, medidas para o corte de madeira.
2º	Esse período foi de 1808 a 1981, cerca de 173 anos, durante o qual o ambiente foi regimentado por distorções impróprias; as questões ambientais, todavia, embora houvesse proteções, estavam arraigadas à premiação da conservação, e não da preservação.	<ol style="list-style-type: none"> 1. Em 1850, foi instituída a Lei n.º 601/1850, denominada de Lei de Terra do Brasil, em que penalizava atividade predatórias. 2. Em 1911, o Decreto n.º 8.843/11 normatizou a primeira reserva florestal do Brasil, no Estado do Acre. 3. Em 1916, foi instituída a Lei n.3.071/16, o Código Civil, que formaliza dispositivos com fundamentos ecológicos, mas com características individualistas. 4. Em 1923, foi criado o Decreto n.º 16.300/23, que postulava a proteção à saúde. 5. Em 1934, foi criado Decreto n.º 24.114/34, que regia a Defesa Sanitária Vegetal. 6. Em 1934, foi instituído o Código Florestal, que versava o direito à propriedade. 7. Em 1934, foi instituído Decreto n.º 24.643/34 (Código de Águas), em relação às águas em vigor. 8. Em 1937, foi criado Decreto-Lei n.º 25/37, que versava sobre a relação do Patrimônio Cultural do Brasil. 9. Em 1938, Decreto-lei n.º 794/38 trouxe o Código de Pesca. 10. Em 1940, Decreto n. 1.985/40, instituiu o Código de Minas; 10. Em 1940, foi instituído o Decreto n.º 2.848/40, que versava em relação ao Código Penal. 11. Em 1964, a Lei n.º 4.505/64, que versava em relação ao Estatuto da Terra. 12. Em 1965, a Lei n.º 4.771/65, (o antigo Código Florestal), que embelezava procedimentos para proteção das florestas e outros recursos naturais. 13. Em 1967, a Lei n.º 5.197/67, que versava em relação à fauna,

		<p>o antigo Código de Caça.</p> <p>14. Em 1967, o Decreto-lei n.º 221/67, que instituiu o Código de Pesca.</p> <p>15. Em 1967, Decreto-lei n.º 227/67, que versava em relação ao Código de Mineração.</p> <p>15. Em 1967, Decreto-lei n.º 238/67, que versava sobre a Política Nacional de Saneamento Básico.</p> <p>16. Em 1967, Decreto-lei n.º 303/67, que instituiu o Conselho Nacional de Controle da Poluição Ambiental.</p> <p>18. Em 1967, foi instituída a Política Nacional de Saneamento, que revogou os Decretos-Leis n.ºs 248/67 e 303/67.</p> <p>19. Em 1967, foi instituída a Lei n.º 5.357/67, que versava em relação à penalidade para embarcações e terminais marítimos que despejem óleo em águas brasileiras.</p> <p>20. Em 1975, instituiu-se o Decreto-lei n.º 1.417/75, que versava em relação ao controle de poluição.</p> <p>21. Em 1977, a Lei n.º 6.543/77, que dispunha sobre as questões de responsabilidade civil, em casos nucleares.</p> <p>22. Em 1981, instituída-se a Lei n.º 6.938/81, Política Nacional de Meio Ambiente.</p>
3ª	<p>E o terceiro momento, com a implantação da Lei da Política Nacional do Meio Ambiente, Lei n.º 6.939, de 31 de agosto de 1981, conforme a qual todos os seres vivos têm direito ao ambiente saudável e as futuras gerações têm os mesmos preceitos das atuais.</p>	<p>1. Em 1985, Lei 7.347/85, que trata da Ação Civil Pública.</p> <p>2. Em 1988, foi promulgada a Constituição Federal.</p> <p>3. Em 1991, Lei n.º 8.171/91, que instituiu a Política Agrícola.</p> <p>4. Em 1998/98, foi instituída Lei n.º 9.605/98, em relação às sanções penais e administrativas para consultas agressivas ao meio ambiente.</p> <p>5. Em 2000, Lei n.º 9.985/00, que versa em relação às Unidades de Conservação.</p> <p>5. Em 2001, foi instituída a Lei n.º 10.257/01, Estatuto da Cidade.</p> <p>6. Em 2007, foi sancionada a Lei 11.445/07, que versa sobre a Política Nacional de Saneamento Básico.</p> <p>7. Em 2010, Lei n.º 12.305/10, que versa sobre a Política Nacional dos Resíduos Sólidos – PNRS.</p> <p>8. A Lei da Política Nacional do Meio Ambiente, 6.938, de 31 de agosto de 1981.</p>

Fonte: Compilados de Luís Paulo Sirvinskas (2021).

Organização: Maíra Gomes de Souza, 2022.

Como se pode observar quanto aos aspectos legais em relação à legislação ambiental no Brasil, há uma sequência de Leis e Decretos no que tange à proteção do Meio Ambiente. De 1500 a 1808, com a inauguração do processo de ocupação do território, há quatro itens que mencionam a proteção ao ambiente; já de 1808 até 1981, o Brasil passou por períodos governativos do Império e da República, em que 22 itens mencionam diretrizes de proteção dos recursos ambientais; por fim, de 1981 a 2012, somente oito itens referem-se à proteção ambiental. O Brasil é signatário de acordos bilaterais em relação ao desenvolvimento sustentável, mas de forma que o desenvolvimento não prejudique as jazidas dos recursos naturais e culturais do seu território. Assim, os anos de 1970, 1980 e 1990 do século XX foram de acordos internacionais, em que as Organizações das Nações Unidas (ONU) comandaram a batuta em relação à conservação do meio ambiente sustentável.

2. 2. A PERSPECTIVA DO USO DOS RECURSOS DA MÃE TERRA

O economista José Eli da Veiga (2008) salienta que a expressão *sustentabilidade* talvez seja um caminho a ser seguido no atual cenário global, haja vista que a concepção ou o egoísmo impostos pelo sistema de mercado levam o ser humano a ficar sem um norte a seguir; e o autor dá exemplo de uma pescaria, na qual uma armadilha armadora com acesso limitado para captura de lagosta pode ser um aspecto de consciências ambientais; já, por outro lado, um arrastão com centenas de malhas e metros é um procedimento predatório. Assim, no campo da sustentabilidade, as ações têm que ser no plural, pois as atuações precisam estar de acordo com o meio ambiente. E todas as facetas que ocorrem no meio social, como a educação, a cultura, a saúde, o lazer etc., devem ser saudáveis. Assim, para que o pensamento ou raciocínio do autor seja contemplado, a expressão *sustentável* pode ser categorizada pelo meio político governativo para não ser vazia de significados como até então o é.

A expressão “desenvolvimento sustentável” parece até ter virado moda de tanto que está sendo usada como se pudesse ser a salvação para todos os males. Está presente em todos os lugares: nos discursos políticos, nos programas de governo, nos projetos sociais de empresas e até na fachada de escolas. Por isso mesmo é que temos de tentar entender melhor o seu significado para que não pareça ou resulte em uma expressão vazia (VEIGA, 2008, p. 36).

Uma tentativa de sair dessa semântica vazia ou discurso da expressão começou a tomar corpo quando, em 1968, um grupo liderado por economistas e empresários da indústria italiana e mais grupos de cientistas reuniram-se em Roma no sentido de traçar metas, tais como “promover o entendimento de componentes variados (econômicos, políticos e ecológicos) que formam o sistema global e chamar a atenção para uma nova maneira de entender e promover iniciativas e planos de ação” (MOTA, 2008, p.12). Pelo fato de essa reunião ter sido realizada em Roma, seus autores foram tachados de o “clube de Roma”, e da reunião saiu o documento denominado de “Limites de Crescimentos”.

E, paralelamente ao debate do clube de Roma, em 1972, em Estocolmo, houve a primeira conferência voltada às questões ambientais, comandada pelas Nações Unidas (ONU), cujo preceito era traçar metas no plano global. Em 1992, foi realizada no Rio de Janeiro a segunda conferência, em que vários países estiveram com seus representantes e em que foram viabilizadas metas para manter o equilíbrio do meio ambiente em escalas globais, além de promover ou estabilizar a igualdade entre os humanos. Dela resultaram os 17 objetivos (ODS): “1. Erradicar a Pobreza, 2. Erradicar a Fome, 3. Saúde de Qualidade, 4.

Educação de Qualidade, 5. Igualdade de Gênero, 6. Água Potável e Saneamento, 7. Energias Renováveis e Acessíveis, 8. Trabalho Digno e Crescimento Econômico, 9. Inovação e Infraestrutura, 10. Redução das Desigualdades, 11. Cidades e Comunidades Sustentáveis, 12. Produção e Consumo Sustentáveis, 13. Ação Climática, 14. Proteger a Vida Marinha, 15. Proteger a Vida Terrestre, 16. Paz, Justiça e Instituições Eficazes, 17. Parcerias para a Implementação dos Objetivos” (Disponível em: www.unric.org/pt 2016).

As convenções lideradas pela Organização da Nações Unidas – ONU, nos últimos 49 anos, vêm produzindo ações em partes contemplativas em relação ao comportamento socioambiental da cultura global. Nesse contexto, é viável fazer uma analogia com as questões vivenciadas pelos povos da Amazônia em relação aos 17 (dezesete) objetivos do milênio para atingimento da racionalidade ambiental.

Os povos da Amazônia, de uma forma ética e cultural, vêm mantendo os ecossistemas como uma poupança, dos quais são utilizados os recursos e ao mesmo tempo os mantêm com certas características estáveis para servi-los no presente, mas como um tripé para as futuras vidas. Feitos esses enunciados de formas gerais, na sequência serão abordados os procedimentos metodológicos neste capítulo, cujo problema está ancorado nas características socioambientais articuladas no cotidiano histórico de trabalho e de vida dos professores camponeses na Ilha das Águas, em Careiro da Várzea, Amazonas.

3. MATERIAL E MÉTODO

A rota de gestão de coletas de informações pautou-se em dois planos: o primeiro quando se consultaram os conceitos em relação à Educação no Território Brasileiro, sobre a qual há bastantes informações publicadas em livros, artigos, leis etc.; o segundo foi a etapa de campo, realizada na Ilha de Terra Nova, no município de Careiro da Várzea.

A etapa para recolher as informações foi realizada em dois momentos: o primeiro ocorreu nos meses de abril e junho de 2022; o segundo no período da seca do rio, no mês outubro do ano em curso. Na etapa de campo, utilizaram-se instrumentos como o formulário que versava em relação às práticas do(a) professor(a) camponês(a) no que tange às ações socioambientais; a caderneta de campo para fazer os registros dos aspectos paisagísticos do ambiente da escola e do cotidiano dos professores; objetos como câmera fotográfica e GPS (*sistema de posicionamento global*); e no período de cheia a canoa e o remo foram

instrumentos importantes e necessários para a reunião de dados como na sequência se farão as descrições.

3.1. DO MÉTODO E TÉCNICAS

Quanto aos procedimentos, ancorou-se em dados secundários e em observações em campo, pois, em se tratando de categorias de profissionais ligados ao campo da Educação, realizou-se o levantamento exploratório, ou seja, é como se embarcasse em uma canoa para atravessar a Baía do Marajó muito próximo das águas do Rio Amazonas e do Oceano Atlântico: o canoeiro precisa necessariamente observar e, simultaneamente, compreender a corrente marítima para assim seguir o caminhar das ondas produzidas pelas águas. Seguindo essa noção de tempo e espaço, a pesquisa caminhou nos campos da abordagem qualitativa e quantitativa, pois, no primeiro caso, precisou-se compreender o fenômeno/problema; e, no segundo, quantificar as observações refletidas nos campos de forma matemática e estatística como se fosse retirar a água da canoa contra o vento, isto é, a água voltaria à canoa. Assim o pesquisador, ao fazer ciência, precisará de estar imbuído de ações, que na acepção de Maria Célia de Souza Minayo fundamentam-se em:

Fazer ciência é trabalhar simultaneamente com teoria, método e técnicas, numa perspectiva em que esse tripé se condicione mutuamente: o modo de fazer depende do que o objeto demanda, e a resposta ao objeto depende das perguntas, dos instrumentos e das estratégias utilizadas na coleta dos dados. À trilogia acrescento sempre que a qualidade de uma análise depende também da arte, da experiência e da capacidade de aprofundamento do investigador que dá o tom e o tempero do trabalho que elabora (MINAYO, 2012, p. 622).

Seguindo essas linhas moldadas por Minayo (2012), a abordagem qualitativa é, na verdade, as vozes complexas cujos adjetivos e substantivos de determinados fenômenos conduzidos pelo pesquisador é que darão os brilhos e as artes ao fazer ciência. Já o quantitativo tem por objetivo proporcionar a organização dos dados coletados em campo e na sequência realizar a qualificação utilizando instrumentos de retro-organização dos dados conforme Demo (2013).

3.2. DA QUALIFICAÇÃO DA PESQUISA

O caminho segundo pauta-se no campo de pesquisa exploratória⁸ e descritiva, pois a pesquisa exploratória é a vereda que se tem a caminhar em busca do desconhecido, que é, na verdade, um panorama contextual de determinado fato observado. A pesquisa descritiva intenciona interligar as características culturais de um povo ou de determinado fenômeno (Gil, 2007; 2002); Minayo (2007); Yin (2016). E, nesse sentido, para reflexões dos fatos sociais e fenômenos, foram utilizadas as ferramentas dos métodos etnográfico e histórico (Lakatos; Marconi, 2017), pois se busca uma caracterização dos *ethos* engajados do saber ambiental (Leff, 2011) e cultural dos profissionais da Educação da Ilha.

Ainda seguindo essas assertivas supracitadas, Gerhrdt; Silveira (2009) defendem que o foco da pesquisa exploratória tem por parâmetro certo esclarecimento ou familiaridade ao problema a ser estudado, pois recaem nos tópicos de pesquisas em níveis secundários e empíricos, pois o pesquisador busca denotar os argumentos identificados nas referências publicadas sobre o tema da pesquisa; e na parte de campo procura fazer as junções dos campos teóricos e empíricos. Feita esta breve conjectura do estado da arte na pesquisa (Goldenberg, 2004), passemos aos protocolos quanto aos procedimentos da técnica que se utilizou para abstrair informações em relação aos aspectos ou ao convívio do professor nas estações de cheia e seca, na Ilha de Terra Nova.

3.3. PROCEDIMENTO NA CAPTURA DE INFORMAÇÕES

Em ciências ambientais o pesquisador deve ter a imaginação, de forma que a pesquisa busca o campo sistêmico (Morin, 2010), pois tem de realizar as interligações do problema em cenários interdisciplinares. Nesse sentido, o cenário em que foi feito o procedimento de coleta de dados foi este: a) O levantamento socioambiental do(a) professor(a) no período da cheia e seca do rio em torno da Escola Municipal Francisca Góes.

No percurso há vários caminhos percorridos pelos professores na Escola Francisca Góes devido às estabilidades e instabilidades sazonais disponíveis na Ilha de Terra Nova. Na sequência, descrevem-se tais aspectos observados durante as estações de cheia/seca na comunidade São Francisco, na Ilha de Terra Nova.

8. “Uma pesquisa exploratória se justifica, portanto, em toda a tarefa de levantamento de dados, entrevistas para formar um dossiê e para a confecção de relatórios que venham demonstrar a relevância de determinado problema, a fim de que este possa ser objeto de pesquisas aprofundadas posteriormente” (REIS, 2012, p.22).

a) Aspectos socioambientais

O levantamento durante as etapas de campo apontou que o(a) professor(a) caminha em perspectivas dinâmicas, pois, devido às mudanças produzidas nas estações sazonais, as paisagens estão sempre em mudanças. Por exemplo, os terminais ou plataformas, onde são realizados os desembarques e embarques dos discentes e docentes, sempre estão em constantes mudanças, ou há as alterações devido à correnteza do rio Amazonas ou pelas constantes movimentações de barcos, de lanchas e de navios que trafegam na área, fazendo com que os “banzeiros” desmontem tais estruturas de embarque e desembarque. Sendo assim, todos os meses do ano há necessidade de sempre estar tecendo os caminhos nos ambientes para se contactarem as instituições públicas; no caso a escola, o atendimento à saúde, os ambientes de lazer, como as trilhas que são formadas em torno da escola, das igrejas, o centro social e as áreas de cultivos.

As plataformas são, geralmente, confeccionadas por meio de trabalhos compartilhados⁹, pois são utilizadas por todos os membros da Comunidade de São Francisco. Quando inicia a marcha de baixa da água, os(a) professores(as) começam as jornadas de observarem qual ou quais são o melhor ou melhores ambientes/locais para a fixação dos terminais. No mês de outubro, quando foi realizada a etapa de campo, assistiu-se à movimentação dos comunitários/professores(as) no sentido de melhorarem os terminais, pois a água é como um grande coração, que pulsa ou transporta volumes de sedimentos que vão em suas trilhas, como se fosse uma espécie de cirurgia nos ambientes. Parece que nos últimos anos não houve alterações antrópicas como uma mão que conserta ou deixa invisíveis as plataformas. Na aceção de uma líder/professora e artífice com sua sapiência, assim ela relata:

Aqui na Ilha de Terra Nova, todos os dias do ano sempre é necessário estar arrumando a canoa, os terminais de desembarque e de embarque; estar fazendo a limpeza das hortaliças, a abertura das trilhas para ir até o lago para realizar a pescaria. Fazer a colheita das frutas, ir até o CEASA. Se está no período da seca, é necessário fazer uma caminhada de mais de um quilômetro para se chegar às plataformas, mas, se está no período da cheia, a configuração é outra: não precisa da plataforma e da trilha longas. Porém a canoa e o remo e mais as trilhas suspensas sobre a água são fixadas nas laterais das residências ou defronte delas. Assim, pisa-se seis meses na terra; e os demais meses na canoa. A canoa é como um veículo: no interior da canoa há os assentos, o vaso ou a cuia para expelir a água; e na parte externa próximo ao fogão de popa da canoa há uma quilha que faz direcionamento para a caminhada em torno das residências (...) (A.C.L.N, 2022).

⁹ Esta expressão são as formas que os(as) professores(as) e comunitários encontram para a divisão de tarefas para a elaboração de obras comunitárias que estão afinadas em uma ordem sociológica, de forma que o meio físico natural e o cultural estejam contemplados, ou seja, princípios dos ODS das Nações Unidas, em que a Educação por meio da etnopedagogia seja fundamental para visibilidade dos professores do campo (Caldart, 2009).

No ecossistema de várzea¹⁰ na Ilha de Terra Nova, o adjetivo “novo” pode levar para várias e múltiplas interpretações, pois, como está bem definido no *saber ecológico* da afirmativa supracitada da liderança, a água é um fator de gestão na Ilha. Não é possível realizar um planejamento fixo; sempre se está em profundas dialéticas ou na quebra de paradigmas (Kuhn, 2013). São os paradigmas na pátria úmida da vida na Ilha que são as ferramentas utilizadas pelos professores das águas.

Outra característica que se percebeu foram as atividades dos(as) professores(as) ante as diversidades que são oriundas da sazonalidade. Por exemplo, o uso dos espaços adjacentes à escola para os cultivos de hortaliças e captura de proteínas, como os peixes, camarões etc. Para o cultivo, são preparadas as pequenas áreas de 50mx25m, que são limpas. Logo que a água inicia o balé de descida, são feitas as fileiras de solos que são classificadas de “leiras”, em média de 50cmx25m de comprimento, nos quais são plantadas as sementes de couve, alface, pepino, cheiro-verde, pimenta de cheiro etc. Depois de um ou dois meses são coletados os produtos que são introduzidos na dieta alimentar das famílias que compõem os núcleos¹¹, como bem se manifestou na voz do professor que, no momento da entrevista, servia-se de uma xícara de café em sua cozinha e fez esta assertiva:

Nós aqui na comunidade de São Francisco, todos somos parentes ou irmãos, igual às águas de janeiro ou de fevereiro quando chega o repique; a água do igapó nas paisagens formadas por diversas árvores; uma delas o jenipapeiro, ou seja, somos parecidos. Assim, as atividades, sejam de qualquer natureza, todos estão juntos para realizar de melhor maneira. Penso que são essas características que fazem acontecer que a nossa comunidade na Ilha de Terra Nova é um lugar que todos apreciam; quando está na estação de seca, é comum lançar a cadeira no terreno defronte da casa e trocar conversas com a família, ou visitante, que aqui vêm para realizar pesquisa ou visitar os parentes. Depois, é realizar o planejamento para a aula do dia seguinte (V.F.M.M, 2022).

A comunidade designada por São Francisco tem uma extraordinária simbologia. Quando chegam os dias comemorativos ligados às festividades em planos sagrados, todos se reúnem por debaixo das árvores, como mangueiras, jambeiros, seringueiras, etc.; as árvores

¹⁰ “A dinâmica fundamental do ecossistema de várzea é captada no conceito do pulso de inundação (...). A subida e descida do nível do rio criam quatro fases: A seca entre outubro e novembro, quando o rio está no nível mais baixo; a enchente entre dezembro e março, quando o rio está subindo; a cheia de abril a junho; e a vazante de julho até setembro (Capítulo 3). A distribuição da chuva coincide aproximadamente com as fases do rio, criando duas estações: o inverno, período chuvoso que coincide com a enchente e cheia; e o verão de chuva baixa, que coincide com a vazante e seca” (JUNK *et al.*, 2020, p.229).

¹¹ “No momento da coleta dos dados, observei na família do Sr. João (família do tipo nuclear) que a gravidez de sua filha, fruto de seu envolvimento com o vizinho, era um acontecimento normal no núcleo familiar. Embora o enlace matrimonial não tenha ocorrido, o pai continuava a permitir o namoro” (FRAXE, 2011, p. 95).

têm as hastes de marcar acinzentadas escuras da última cheia do rio Amazonas; as marcas têm em média de 90cm a 1,5 metros, e é nesses ambientes que são erguidos hastes de madeira, a que os professores e os comunitários chamam de “mastros”. No mastro há toda uma longa história de como estar no templo das águas. Uma dessas histórias são “Ambiental e Social” (LEONARDI, 1999, p. 15-16). Essas histórias são uma linha do tempo, em que os intelectuais das águas, das florestas de igapós e da terra nova são reincorporados a toda a subida e a descida das águas. Assim, tudo são construções históricas e etnopedagógicas ao ar livre, ou seja, como uma revoada de beija-flor em busca do néctar de flores de árvores de tarumãs. As figuras 2 e 3 talvez representem as ações dessas feituas de costumes que constituem um grande útero. A cada estação, as águas são silenciadas; e outras ressurgem do interior da mãe terra nova.

Figuras 2 e 3. Manifestações coletivas de festividades no templo das águas



Figura 2. Mastro erguido enfeitado e bandeira de cor branca representa as junções no plural de gestões, associativismo social, cultural, histórico etc.
Foto. Carlos Augusto da Silva, out. 2022.



Figura 3. Comunitário assando carne bovina aos membros da comunidade e visitantes. A estrutura do fogo em circular é eminente cultural e de eventos ancestrais.
Foto. Carlos Augusto da Silva, out. 2022.

Os *ajuris* culturais são ferramentas ou estruturas institucionalizadas de ancestralidades; são ações em que a diversidade prevalece, em que os verdes das florestas estão amparados por laços identitários. As figuras supracitadas são, na verdade, documentos que informam ao visitante como é estar em ambientes que em momentos de cheia e de seca podem estar estáveis ou instáveis. Os estáveis talvez estejam presentes quando todos os homens, mulheres, anciãos e crianças estão unidos para se autodefenderem em prol da coletividade. E os instáveis, possivelmente, pela não integridade do poder público ante o transporte de qualidade, saúde, mas na escola os intelectuais das águas são potencialmente firmes, pois alguns seguem em linhas gerais a tendência pedagógica do educador Paulo Freire (1996).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea – AM, pode ser caracterizada como uma pátria úmida, onde as paisagens manifestam um dos lugares fascinantes devido às suas gêneses morfológicas. É composta por uma paisagem de infinitudes de árvores típicas e adaptadas à sazonalidade imposta pelas descidas e subidas das águas. No período da subida das águas, devagarinho as raízes das árvores começam a ser cobertas pelas águas turvas do Amazonas-Solimões; as casas na Comunidade de São Francisco têm em geral as estruturas tecidas à base de madeiras, em torno das quais há uma vegetação cultivada pelos comunitários; por debaixo das vegetações há uma infinidade de plantas que ao longo dos anos conseguiram as altas adaptações. Já na seca do rio os comunitários cultivam as hortaliças, no entanto, quando as águas do mês de março começam a marchar para o pico da cheia em junho, nas estruturas das casas (*esteios e barrotes*¹²); as águas começam a *pintar* os esteios, os barrotes, as vigas, ou seja, as águas se tornam o domínio do lugar (Tuan, 2012).

Os animais como galinhas, cachorros, bovinos, suínos, entre outros, ficam em plataforma flutuante confeccionada pelos comunitários. É nesse período das águas de março ao mês de junho de cada ano que o(a) professor(a) camponês(a) busca os labirintos entre a floresta alagada e a terra submersa para o pacto da dinâmica socioambiental, de modo que transite pela floresta de igapó realizando atividades de pescaria e utilizando os apetrechos que não interferem em nada na água e na floresta, mas sim que deixam somente as espumas do baque do remo na água e poucas marcas dos pavês das canoas nas hastes das árvores. É no igapó que as centenas de aves, ao cair da tarde, realizam as revoadas em busca de aconchego, e o professor camponês chama a esses aconchegos de *poleiros*.

São essas relações de cheia do rio que são adicionadas aos dinamismos socioambientais, em que o(a) professor(a) camponês(a) continua a sua jornada. Nessa ocasião, em vez de caminhar pela pátria molhada da várzea, utiliza-se do *ecofato* da canoa para realizar a sua caminhada para chegar à Escola. Nesta, também a água tem o seu domínio, então, como uma forma protetiva, o professor ancora a sua canoa à porta da sala de aula, porque a intensa correnteza produzida pelas águas de março a junho do rio Amazonas, mesmo em meio às árvores, apresenta-se com média intensidade. Se a canoa desgarrar, o professor fica em

¹² Classificação utilizada pelos carpinteiros para estruturas de sustentações das residências nas quais os assolhados têm em média três metros de altura.

apuros, ou seja, precisará de apoio da vizinhança para recuperá-la, mas o ser humano busca alternativa para estar no tempo, como se observa a seguir.

As relações fortalecidas ao longo do desenvolvimento humano com tais ambientes conferem a necessidade de adaptações e ajustamentos constantes, que repercutem tanto em processos de saúde-doença quanto em processos de formação identitária (ALBUQUER; GÜNTHER, 2019, p.18).

De fato, a relação de pertencimento conjugado do professor camponês com a Ilha do Careiro da Várzea são forças motrizes, das quais uma parte vem do fato de estar acostumado ao lugar; a outra vem da relação identitária que possui, ou seja, o ambiente da escola é como se fosse um chocolate que exala cheiro. O geógrafo Yin-Fu Tuan (2012) classifica esse movimento como *topofílico*, em que o ator social e profissional, isto é, o professor, tem profunda amizade com as árvores, com a água, com a terra; são amizades humanizadas; e assim podem ser irmãos, ou seja, um movimento literário em que a poesia são as paisagens edificadas pelo banzeiro das águas. Na imagem 1, eis a localização da Comunidade de São Francisco e a Escola homônima.

Imagem 1. Mapa da Área do Assentamento da Comunidade e da Escola

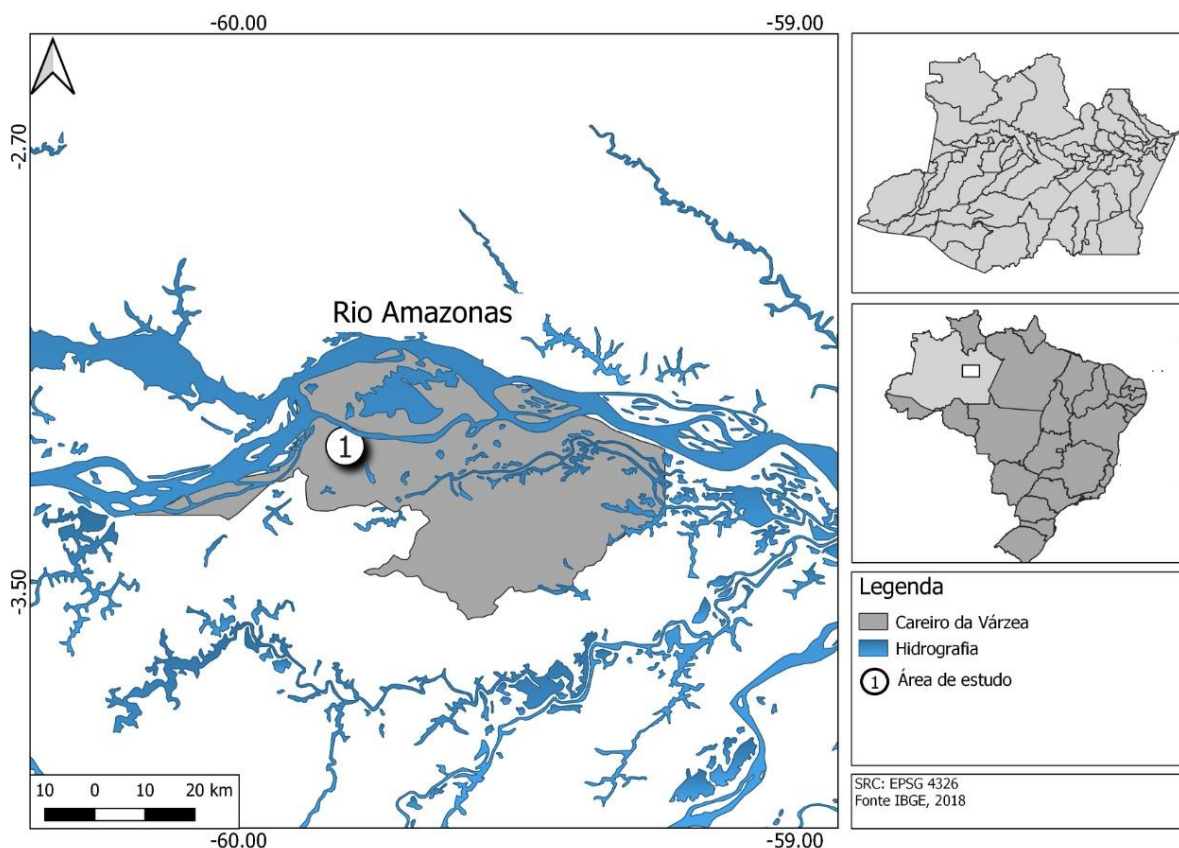


Imagem 1. Panorâmica da Ilha de Terra Nova, Careiro da Várzea-AM.
Fonte: Ane Karoline Rosas Brito, Dissertação de Mestrado do PPGCASA, 2022.

A imagem 1 da Ilha do Careiro da Várzea-AM é literalmente um labirinto, pois, no período da subida das águas, formam-se caminhos que conduzem os peixes, que buscam esses labirintos para se reproduzirem ou para o processo de engorradá. É nesse período que o(a) professor(a) camponês(a) se utiliza de sua canoa para realizar o processo de pesca para a sua dieta alimentar. Estudos realizados no campo da arqueologia realizados em Iranduba-AM apontam que os peixes foram consumidos por povos nos últimos dois mil anos (Carneiro, 2020). Os registros etno-históricos (Porro, 2016) apontam que os povos que interagiram no ambiente das águas na Amazônia Central cultivavam as ilhas ao longo do rio Amazonas.

Na primeira viagem que desceu o rio Amazonas-Solimões, comandada por Francisco de Orellana, cuja crônica coube ao frei Gaspar de Carvajal [1542] (2021), quando a expedição serpenteava a Ilha de Terra Nova, o cronista avistou as habitações de povos que estavam em simetrias, ou seja, sob uma espécie de comportamento ambiental (Groot; Steg, 2007), logo se pode associar-se a padrões socioculturais. E as habitações hoje seguem basicamente as curvas retilíneas do rio, como está na imagem 1. Assim, a descrição do cronista ainda está nos moldes das habitações de hoje, então talvez aponte esses olhares nesses lugares na comunidade. A escola e o professor camponês ainda seguem esses alicerces culturais ao realizarem a pescaria sustentável, o processo de cultivo de roças comunitárias, ou seja, quando a água baixa e seca, os lugares são cultivados, seguindo comportamentos coletivos.

E, quando chega o período de realizar os serviços de limpezas, ou seja, de capinação, são realizadas por ações coletivas, de forma que a prática do *ajuri*¹³ nesses serviços recai como um momento festivo. Todos estão alegres; talvez pelo fato de estarem reunidos como se estivessem em um anfiteatro do conhecimento, pois a limpeza do roçado é algo preparativo para produzir alimentos para os comunitários e para o professor camponês. Após dois ou três meses, com a subida das águas, o lugar do roçado pode ser contemplado como um berçário de peixes e aves; dessa forma, pode ser considerado como um grande útero ecológico, em que novas vidas surgirão. Assim, funciona como uma psicóloga ambiental e uma Educação Patrimonial e Ambiental, que seguem uma linha epistemológica, isto é, uma rede de alegria e amizade entre as constelações da água, da terra e da floresta, cuja gestão é orquestrada entre os comunitários e os(as) professores(as).

¹³ Atividades em conjunto em que os comunitários realizam planos para realizar limpeza do roçado, pescaria etc.; no caso para captura de informações, será realizada com os professores camponeses fundada em diálogo durante a etapa de campo.

4. 1. DA PERCEPÇÃO AMBIENTAL E EDUCACIONAL

Realizar levantamento em relação às questões que envolvem o meio ambiente talvez constitua um longo caminho de se debruçar sobre estudos epistêmicos (Morin, 2010) de modo que se depare com formações muito antigas envolvendo o meio ambiente. Mas, se fizer um salto para o surgimento humano na Gaia, poder-se-ia perceber que sempre a espécie humana apresentou movimento de comportamento socioambiental quando, por exemplo, percebeu que um fragmento de lasca de rocha poderia ser utilizado para atividades do seu cotidiano, ou quando durante as caminhadas reuniram frutos e os ingeriria. Assim, o tratamento do ambiente, talvez, seja prática que tem uma longevidade de milhares de anos na Amazônia, assim como as paisagens produzidas por ações humanas pretéritas são bem significativas. Nesse sentido, o comportamento em relação à saúde ao meio ambiente pela Psicologia Ambiental diz respeito, na verdade, a dinâmicas que vêm sendo discutidas pelo ramo da psicologia conforme segue:

Psicologia Ambiental, como outras áreas do conhecimento, tem como um de seus propósitos dar respostas aos problemas ambientais e ampliar o entendimento dessas questões de uma maneira mais sistêmica. Isso inclui não apenas a ação humana como foco, mas também os contextos que podem afetar o comportamento humano, como o físico, o social e o econômico, vistos como interdependentes.

Boa parte da tecnologia produzida ao longo dos anos pela humanidade tem contribuído para o esgotamento dos recursos naturais e para a poluição do ambiente natural. Entende-se, na Psicologia Ambiental, que a questão ambiental trata principalmente desses dois aspectos: a necessidade de encontrar respostas para esses novos problemas e produzir uma tecnologia social que aponte para soluções tendo como pano de fundo a necessidade de uma mudança na nossa relação com o ambiente (PATO; DELABRIDA, 2019. p.40).

Nesse foco, vários ramos das ciências têm se debruçado em buscar janelas para que o ambiente seja de fato percebido como se fosse um grande coração, de forma que qualquer interferência brusca pode descontrolar o relógio que faz as vidas caminharem em paralelo, porém ainda não há dados concretos quanto à operacionalidade do *bolo*, pois quem tem o instrumento para cortá-lo é a espécie humana. Foi nesse jogo de desvendar ferramentas capazes de conhecer e preservar o meio ambiente no campo da Psicologia Ambiental é que Pato; Delabrida (2019) percebem como ocorre a relação do homem com o meio ambiente, com realizações ou alternativas no sentido de entender o problema e buscar terapias para o equilíbrio ambiental. É sob as perspectivas sociopedagógicas que surge a Educação Ambiental no sentido de criar alternativas; e é um campo que tem amparo legal, pois se encontra amparado na Constituição Federal e na Política Nacional do Meio Ambiente em níveis de território brasileiro (Pato; Delabrida, 2019).

Feitos esses rápidos ajuntamentos informativos acerca do meio ambiente, a ciência em planos epistemológicos vem escavando alternativas comportamentais e legais no sentido de manter o meio físico saudável para as gerações presentes e futuras. Por outro lado, se aplicar a metodologia da Psicologia Ambiental na comunidade do Amazonas, talvez as práticas socioambientais venham sendo conduzidas pelos povos amazônicos sob a função de manter as florestas, as águas e as terras sustentáveis.

5. CONSIDERAÇÕES

Se levar em consideração a área de pesquisa, é iminente ambiente de várzea Junk *et al.* (2020). As várzeas no Estado do Amazonas são extensões de áreas compostas de uma rica floresta de igapó nos rios Madeira, Purus, Juruá, Japurá e Içá; este tributário do rio Negro da margem esquerda – todos eles se apresentam como corredores ecológicos nos quais existem peixes, aves e animais como anta, porco-do-mato, enfim uma infinidade de vidas que interagem nesses ambientes, numa espécie de útero que reproduz vidas o ano todo.

Na Ilha de Terra Nova, nas etapas de campo, presenciou-se que o(a) professor(a) camponês(a) se autorrefaz durante as cinco estações sazonais do rio (subida, repiquete, cheia, descida e seca); nessas estações o calendário escolar segue os caminhos definidos pelas questões sazonais, ou seja, tudo segue em parâmetros dialéticos. Por exemplo, quando as águas iniciam a marcha de subida, são realizadas as estruturas de limpeza dos caminhos de acesso à escola e à residência do(a) professor(a); também quando chega o momento de repiquete, há novamente os cuidados nos terminais de embarque e desembarque dos discentes, pois, às vezes, nos meses de janeiro e fevereiro, o arroz-de-pato e outros arbustos se regeneram na praia, nos horários de 6h a 7h; devido ao sereno, ficam bastante úmidos, assim a percepção do professor é fundamental, pois, no interior da escola, algumas salas têm o sistema de refrigeração de ar condicionado.

Nos demais itens como subida, cheia, descida e seca do rio, o(a) professor(a) segue uma regulamentação com bastante saber, pois possui os caminhos até à escola em seus imaginários; e em cada estação há uma regulamentação que talvez seja uma espécie de institucionalização das estações sazonais, como bem descreve a mestra das águas.

A história deste lugar tem como fator importante a ancestralidade revelada por meio dos saberes e dos modos de viver de todos os moradores deste lugar. Fala-se do jeito como vivemos e encaramos os desafios próprios daqueles que vivem em comunidades de várzea da Amazônia. Mas vale ressaltar que é uma história de luta, resistência e resiliência, uma história de fé também. Ou seja, a vivência neste lugar

leva em consideração a memória dos mais antigos; ‘para mim uma vivência pautada nos valores com muito respeito e amor’!

Foram homens e mulheres indígenas e não indígenas que habitaram nesse lugar e que deixaram importantes contribuições na preservação e na conservação do ambiente; e deixaram ensinamentos que moldaram os tipos de vida sustentável do qual se vê até hoje em dia por aqui (A.C.L.N, 2022).

A sábia interação do(a) professor(a) camponês(a) das águas, na Escola Municipal Francisca Góes, é uma reflexão assertiva em relação às linhas proferidas pela entrevistada. Tudo leva a crer que, na verdade, há um conhecimento regulado pelo *ethos* que está ancorado em interações entre a família, a agricultura, a cultura; e esses saberes trabalhados em rede talvez sejam os caminhos traçados pelo(a) professor(a) conforme as barreiras atribuídas pelas sazonalidades impostas pelo rio; são talvez alegorias que são sistêmicas no dia a dia na gestão do(a) professor(a) em práticas etnopedagógicas. Conclui-se que, nas cinco estações em que se observou a caminhada dos(as) professores(as), eles(as) conseguem na medida do possível proceder a uma gestão sustentável e estável, a qual, entretanto, se torna instável e insustentável, pois há a quase ausência das instituições públicas.

6. REFERÊNCIA

AB'SABER, Aziz Nacib. *Ecosistemas do Brasil*. Marigo. São Paulo: Metalivro, 2008.

AB'SABER, Aziz Nacib. *Os Domínios de Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editora, 2003.

ALBUQUERQUE, Dayse da Silva; GÜNTHER, Isolda de Araújo. Onde em nós a casa mora? Os ambientes residenciais nas relações pessoa-ambiente. *In Psicologia ambiental em contextos urbanos [recurso eletrônico] (Org)*. HIGUCHI, Maria Inês Gasparett, PATO, Ariane Kuhnen, Claudia. 1. ed. – Florianópolis: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019.

BALLÉ, William. Transformação da paisagem e mudanças da língua: Um estudo de caso em Ecologia Histórica. *In Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e invisibilidade*. (Orgs.) ADAMS, Cristina; MURRIETE, Rui; NEVES, Walter. São Paulo: Annablume, 2006.

BECKER, Bertha. Geopolítica da Amazônia. *ESTUDOS AVANÇADOS* 19 (53), 2005.

BRASIL. Constituição Política do Império do Brasil: Carta de Lei de 25 de março de 1824. Disponível em: < <https://www.monarquia.org.br>. Acesso em: jan. 2022.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo: Notas para Uma Análise de Percurso. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro: v. 7 n. 1, p. 35-64, mar. jun.2009.

CARVAJAL, Frei Gaspar de [1504-1584]. *Relação do famosíssimo e muito poderoso rio chamado Marañón*. Trad. Auxiliomar Silva Ugart. Manaus: Editora Valer, 2021.

CLEMENT, Charles Roland, *et al.* Domesticação de plantas cultivadas na bacia do alto rio Madeira. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 11, n. 1, p. 193-205, jan.-abr. 2016.

DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2013.

FELÍCIO, Munir Jorge. APONTAMENTOS DE EPISTEMOLOGIA AMBIENTAL. *Geoambiente On-line*, n.º 21 (dezembro 13, 2013). Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/geoambiente/article/view/27844>. Acesso em: março 26, 2022.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues (1756-1815). *Viagem Filosófica ao Rio Negro*, 2.^a ed., (orgs.) SANTOS, Francisco Jorge; UGAR, Auxiliomar Silva; OLIVEIRA, Mateus Coimbra. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas e Editora do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, 2007.

FRAXE, Therezinha de Jesus. Pinto. *Cultura Cabocla Ribeirinha: Mitos, lendas e transculturalidade*. 2.^a edição, São Paulo: Annablume, 2010.

FRAXE, Therezinha de Jesus. Pinto. *Homens anfíbios: Etnografia de um campesinato das águas*. 2.^a ed. São Paulo: Annablume, v.1. 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática social*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. (Org.), coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GOLDENBERG, Mirian. *A Arte de Pesquisar*. Ed. Record, São Paulo, edição 9, 2004.

GROOT, Judith I.M de; STEG, Lindasteg. VALUE ORIENTATIONS AND ENVIRONMENTAL BELIEFS IN FIVE COUNTRIES Validity of an Instrument to Measure Egoistic, Altruistic and Biospheric Value Orientations. *JOURNAL OF CROSS-CULTURAL PSYCHOLOGY*, Vol. 38 n. 3, May 2007 318-332. Disponível: https://www.researchgate.net/publication/247723935_Value_Orientations_and_Environmental_Beliefs_in_Five_Countries. Acesso em: 19 mar.2022.

JUNK, Wolfgang J. *et al.* *Várzeas Amazônicas: Desafios para um Manejo Sustentável*. Manaus: Editora do INPA, 2020

KUHN, Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*, 7.^a ed. Perspectiva: São Paulo, 2013.

LEFF, Enrique. *Saber ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade e Poder*. 9.^a ed. Petrópolis, Ed. Vozes, 2012.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 8.^a ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MEDEIROS, Maria Franco Trindade; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. *Dicionário Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia*. Recife: Nupeea, 2012.

MELLO, Thiago de. *Amazonas, Pátria da Água*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3):621-626, 2012.

MORÁN, Emílio F. *Adaptabilidade Humana: Uma Introdução à Antropologia Ecológica*. Tradução de Carlos E. A. Coimbra Jr. e Marcelo Soares Brandão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

MORIN, Edgar. *Ciência com Consciência*. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alce Sampaio Dória. Ed. 14^a revista e modificada pelo autor. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MOTA, Silvio, R. F. *Desenvolvimento Sustentável*. Vol. 4, n.º 1, maio de 2008.

NEVES, Eduardo Góes. Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central. São Paulo: Ubu Editora, da Universidade de São Paulo, 2022.

PATO, Claudia. Psicologia ambiental em contextos urbanos [recurso eletrônico. eletrônicos. – 1.^a ed. Florianópolis: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019.

PORRO, Antonio. As crônicas do rio Amazonas. 2.^a ed., rev. e atualizada. Manaus: EDUA, 2016.

PRESTES CARNEIRO, Gabriela *et al.* Subsistence fishery at Hatahara (750–1230 CE), a pre-Columbian central Amazonian village, 2015. Disponível em: <http://ees.elsevier.com/jasrep>>. Acesso em: 3 dez. 2021.

SILVA, Carlos Augusto da. Área de Interface Ceramista Pretérita: A Coleção Arqueológica José Alberto Neves. Fl. 210. Tese de Doutorado, Programa de Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, 2016.

STERNBER, Hilgard O 'Reilly. A Água e o Homem na Várzea do Careiro. 2.^a Ed., Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

THIOLLENT, M. Metodologia de pesquisa-ação. 11.^a ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TOCANTINS, Leandro. O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia. 9.^a ed., rev., Manaus: Editora Valer, Edição Governo do Estado, 2000.

TUAN, Yi-fu. Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo: Difel, 2012.

VEIGA, José Eli da. Desenvolvimento sustentável, que bicho é esse? Campinas, SP: Autores Associados, 2008. – (Armazém do Ipê).

VIEIRA, José Guilherme Silva. Metodologia de Pesquisa Científica na Prática. EDITORA FAEL, 2012.

WITKOSKI, Antonio Carlos. Terras, florestas de águas e de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2021 (série: Amazônia, a terra e o homem).

Yin, R.K. Pesquisa qualitativa do início ao fim [recurso eletrônico]; tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2016.

CAPÍTULO 2. DINÂMICAS PEDAGÓGICAS E SOCIOAMBIENTAIS DO PROFESSOR CAMPONÊS NA ILHA DE TERRA NOVA, EM CAREIRO DA VÁRZEA – AMAZONAS, BRASIL

RESUMO

A Amazônia, à medida que as pesquisas se espalham no imenso mundo das águas, das terras e das florestas, em parte fica esclarecida; por outro lado, fica bem complexa. A complexidade talvez esteja imbricada no sentido de deslocamento para a realização de pesquisa. Nas áreas da Amazônia que estão próximas das cidades, de certa maneira o deslocamento não é tão complexo. Apesar das redes de estradas que há, em algumas partes da Amazônia só há um meio de deslocamentos, que são os rios. O problema da pesquisa foi identificar as principais dinâmicas pedagógicas e socioambientais do(a) professor(a) camponês(a) na Escola Municipal Francisca Góes, da Ilha de Terra Nova, na Comunidade São Francisco. Os parâmetros metodológicos incluíram levantamento na literatura que trata em relação à educação brasileira; em específico a educação camponesa. E as etapas de campo foram realizadas nas estações de sazonalidades que ocorrem na Ilha de Terra Nova. Em relação à Educação do campo há livros e artigos que divulgam como nas últimas décadas, por meio de lutas dos movimentos sociais, tem havido razoáveis conquistas de ofertas de cursos técnicos e da formação do(a) professor(a). Nas etapas de campo que ocorreram em 2021, 2022 e 2023, coletaram-se seis possíveis características, que são: a) A elaboração de esteiras confeccionadas em madeira para acesso à escola, no período da cheia do rio; b) No período da seca do rio, a locomoção do(a) professor(a) e dos(as) alunos(as) é realizada em pequenas carroçarias confeccionadas pelos(as) professores(as) e pelos(a) pais dos alunos(as); c) Nos meses de abril a junho, a locomoção dos(as) professores(as), alunos(as) e comunitários é realizada por canoas; d) São construídas plataformas flutuantes para abrigar os animais: cachorro, galinha, pato etc. e) A pescaria é realizada por meio de malhadeiras, próximo à escola e às demais residências na comunidade; f) No arruamento em frente à Escola e demais residências na comunidade, na cheia do rio, a cerca viva de várias árvores e o capim formam barreira que impede que o banzeiro do vento e dos barcos chegue à escola e às residências. E, por fim, essas dinâmicas pedagógicas e socioambientais são, na verdade, atitudes de uma ordem etnopedagógica que vem de ancestralidades, de modo que o rio pode ser uma porção de útero que rege os saberes governados pelo(a) professor(a) na Comunidade de São Francisco e na Escola Francisca Góes.

Palavras-chave: **Professor(a); sazonalidade; mobilidade; Etnopedagogia; saberes em redes.**

ABSTRACT

The Amazon, as research spreads in the immense world of waters, lands and forests, in part becomes clear and in others it becomes very complex. Complexity is perhaps intertwined in the sense of displacement to carry out research. The areas of the Amazon where they are close to the cities, in a certain way the displacement is not so complex. Despite the existing road networks, in some parts of the Amazon, there is only one way to travel, which is by river. In the research, the problem was to identify the main pedagogical and socio-environmental dynamics of the peasant teacher at the Francisca Góes Municipal School, on the Island of Terra Nova, in the São Francisco Community. The methodological parameters that were chosen outside a survey in the literature that deals with Brazilian education, specifically

peasant education. And, the field steps carried out in the seasons of seasonality that occur on the island of Terra Nova. In relation to rural education, there are books and articles that show how, in recent decades, through the struggles of social movements, there have been reasonable achievements in terms of technical courses and teacher training. In the field stages that ran in 2021, 2022 and 2023, six possible characteristics were collected: a) The development of mats made of wood for access to the school during the river flood period; b) During the dry period of the river, the locomotion of the teacher (a) and the students (as) is carried out in small coaches made by the teachers (as) and by the parents of the students (as); c) From April to June, the transportation of teachers, students and community members is carried out by canoes; d) Floating platforms are built to house animals: dogs, chickens, ducks, etc. c) Fishing is carried out using gill nets close to the school and other residences in the community; f) On the street in front of the School and other residences in the community, when the river is flooded, the living fence of several trees and grass form a barrier that prevents the wind and boats from reaching the school and the residences. And, finally, these pedagogical and socio-environmental dynamics are, in fact, attitudes of an ethnopedagogical order that come from ancestry, where the river can be a portion of the womb that governs the knowledge governed by the teacher and the Community of São Francisco and at Francisca Goes School

Key words: Teacher; Seasonality; mobility; Ethnopedagogy; Knowledge in Networks.

“Dado o contexto social, a necessidade de escolas, uma instrução mais elevada, um desenvolvimento profissional e uma aprendizagem no contexto empresarial são mudanças necessárias e óbvias” (COLIS, 2013, p.196).

1. INTRODUÇÃO

De certa maneira, por várias décadas, a Amazônia era concebida pela ciência como territórios intocáveis. O arqueólogo brasileiro Eduardo Góes Neves, no livro *Sob os Tempos do Equinócio: Oito mil anos de História na Amazônia Central* (2022), manifesta que, na transição do Pleistoceno ao Holoceno, os povos indígenas transformaram os ambientes de águas, as terras e as florestas em áreas de trabalho (Witkoski, 2021). Logo, por meio de trabalhos sistemáticos, forjaram paisagens importantes e necessárias às vidas em redes. Na Ilha de Terra Nova, distrito do município de Careiro da Várzea – Amazonas, o geógrafo Hilgard O’Reilly Sternberg (1998), no livro *A Água e o Homem na Várzea do Careiro*, descreve uma espécie de escola do tempo, cuja história de ocupação humana foi deixada encastelada por debaixo da sumaúma (*Ceiba pentandra*), da munguba (*Pachira aquatica*) etc. Sternberg (1998), em suas pesquisas no Careiro da Várzea, em conjunto com os moradores na época, registrou áreas com solo de *terra preta* com diversos vestígios cerâmicos, com idade de dois mil anos. Os vestígios são possíveis documentos comprobatórios de mobilidades intensivas na Ilha.

A mobilidade de milhares de anos resultou em profundas transformações nas paisagens em toda a Ilha e nas regiões adjacentes. Na primeira viagem que desceu o Rio Amazonas-Solimões, de Francisco Orellana, em 1542, cuja descrição foi do frei Gaspar de Carvajal [1542] (2021), quando a expedição fez o contorno nos encontros das águas, narrou que havia diversas malocas abarrotadas de pessoas, talvez descendentes dos povos que Sternberg identificou. O arqueólogo Eduardo Góes Neves, com mais de 30 anos de pesquisa no Estado do Amazonas, vem publicando artigos, relatórios e livros segundo os quais a Amazônia Central tem histórico de nove mil anos. Então, o que se pode perceber é que, no encontro das águas, há uma longa escola de saberes.

Este capítulo faz uma abordagem das dinâmicas socioambientais e pedagógicas do(a) professor(a) camponês(a) da Escola Municipal Francisca Góes. Para nortear as informações, fez-se levantamento da literatura que aborda tais características socioambientais; e, na parte

de campo, buscou-se, por meio do método etnográfico (Minay, 2009), identificar tais ocorrências de como são realizadas as atividades pedagógicas durante a sazonalidade imposta pelas águas do rio Amazonas. Assim, dividiu-se o capítulo em cinco tópicos, onde se discutiram os parâmetros do exercício do trabalho do professor camponês, que é um ser polivalente, pois educa e se educa nessa escola do tempo das águas. É possível compreender, como está nas frases de Colis (2013, 196), que, “Dado o contexto social, a necessidade de escolas, uma instrução mais elevada, um desenvolvimento profissional e uma aprendizagem no contexto empresarial são mudanças necessárias e óbvias”.

2. BREVE DESTAQUE SOBRE O DIREITO À EDUCAÇÃO

Na Constituição de 1988, que por sinal no dia 05 de outubro de 2023 fará 35 anos, o seu art. 205 assinala que a educação é inteiramente de responsabilidade de todos e dever do Estado, como está explícito em:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (CF, 1988, p. 135).

E, seguindo essa esteira, a educação de qualidade e seus princípios básicos estão assegurados aos brasileiros. Entretanto, no que tange à educação do trabalhador do campo ou camponesa¹⁴, conforme Souza (2016), observa-se que, apesar de estar assegurada em Lei, ainda há limitações, devido à sazonalidade e às políticas públicas esfaceladas, que não atendem de forma satisfatória a todos os níveis e etapas da educação. No quando 1, resumam-se as etapas em níveis do processo de educação escolar.

Quadro 1. Distribuições dos níveis de educação no Brasil

Modalidade	Unidade da Federal	Ingresso/ Idade	Série/Ano	Nível de Ensino			
Ensino Superior	Governo Federal	23-26	Ensino Superior	Graduação Bacharelado/ Licenciatura	Doutorado <i>stricto sensu</i>	Mestrado Acadêmico e Profissional <i>stricto sensu</i>	Especialização Graduação Tecnológica

¹⁴ Esta expressão foi retirada do livro do professor Antônio Carlos Witikoski – *Terra, floresta e água de trabalho* (2021); o camponês serve-se dos ecossistemas para as práticas polivalentes no campo da sociobiodiversidade no ambiente, em que o tempo de subida e descida das águas é um pêndulo que regula a escala de trabalho.

					(IET)
Ensino Básico	Governo Federal e Estadual	18	Ensino Médio	Cursos Técnicos de Nível Médio	
Ensino Básico	Estados	15	3. ^a 2. ^a 1. ^a	Ensino Médio	
Ensino Básico	Municípios e Estados	11	9. ^o 8. ^o 7. ^o 6. ^o	Anos finais do Ensino Fundamental	
Educação Infantil	Municípios	6	5. ^a 4. ^a 3. ^a 1. ^a	Anos Iniciais do Ensino Fundamental	
Educação Infantil	Municípios	4	-	Pré-escola	
Educação Infantil	Municípios	0	-	Creches	

Fonte. Compilado da OCDE. Disponível em: OCDE, 2021 <<https://doi.org/10.1787/60a667f7-en>>. Acesso em: 28 fev.2023.

Organização: Maíra Gomes de Souza, 2023.

O quadro 1 demonstra um cenário interessante e, simultaneamente, uma reflexão do processo distributivo dos níveis de Educação do Brasil. A OCDE¹⁵, no seu Relatório de 2021, além de relatar o quadro de Educação do Brasil, também menciona a pandemia da *covid-19*, que desarticulou a acessibilidade à Escola, e que a Educação brasileira, devido ao fato de o País ser de dimensões continentais, caminha para uma educação equitativa como está na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB), atualizada (2017), e na Carta Constitucional (CF, 1988).

Este capítulo trata a respeito do contorcionismo do professor camponês, assim também do(a) aluno(a) camponês(a), pois ambos deparam com os labirintos, advindos do meio físico na Ilha de Terra Nova, no Careiro da Várzea, no Amazonas. O professor, por meio de saberes colhidos durante suas estadas na Ilha, articula dinâmicas pedagógicas socioambientais no sentido de estar no tempo de cheia, de seca, de subida e de descida das águas – tudo como se estivesse subindo ou descendo uma escada de um anfiteatro de vidas. Para o atendimento de tais dinâmicas, traçou-se o plano metodológico, que segue.

3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO (CEP)

O caminho que se buscou foi amparado em Minayo (2009), que propõe que é no campo que o pesquisador e o objeto se coadunam para ações de conhecimento. Este capítulo rastreia

¹⁵ “Publicado originalmente pela OCDE em inglês sob o título: Education in Brazil: an international perspective © OECD 2021 (<https://doi.org/10.1787/60a667f7-en>)”

de forma simplificada as informações que estão presentes na escola de atuação do professor camponês na Comunidade São Francisco e na escola homônima. Para certo entendimento em relação à Educação do Campo ou à camponesa, visitou-se a literatura a esse respeito.

Na perspectiva de BORGES & MOURÃO (2013, p. 60), “o desafio da pesquisa está nos pontos metodológicos de sua execução”. Entende-se que este tópico requer uma leitura cuidadosa sobre a abordagem filosófica adotada durante o processo investigativo.

A pesquisa busca elementos desafiadores, e as autoras tecem elementos essenciais de um projeto por justamente considerarem ser a prática pedagógica uma ação complexa dentro da conjuntura tradicional de ensinar. Oferecem reflexões sobre cada ponto do projeto, deduzindo que será na Pós-Graduação que os professores/educadores terão acesso aos primeiros passos de uma pesquisa científica, a partir de um estudo da própria realidade em que atuam (BORGES & MOURÃO, 2016).

Num estudo mais profundo a respeito das teorias que legitimam a Educação do Campo, percebeu-se a necessidade de emergir, à luz do debate, para entender a epistemologia da proposta, a questão da Agricultura Familiar, isto é, a categoria social do professor do campo, entendendo que na região o trabalho como princípio educativo exige a compreensão da relação do homem amazônico com a terra, a água e a floresta; requer, ainda, a compreensão sobre as Políticas Públicas já conquistadas e por conquistar na garantia de uma educação de qualidade para aqueles que foram historicamente olhados como personagens literárias, como no caso do *Jeca Tatu* – os que não detêm conhecimento tampouco merecem tê-lo.

Destacam-se esses estereótipos (o índio, as populações tradicionais), criados socialmente pela ciência e impregnados no cotidiano desses atores como o *Jeca Tatu*. Faz-se necessário também que os próprios atores envolvidos no processo educacional desse município conheçam essas categorias que permeiam a proposta da Educação do/no Campo, como bem salienta Assis (2006), segundo o qual a prática do diálogo é um dos caminhos viáveis para que, de fato, ocorra educação com melhor celeridade.

Behring & Boschetti (2006, p. 40) abordam sobre a pesquisa social e o método, expondo sobre as perspectivas de pesquisas existentes no processo científico, dentre as quais destacamos a contribuição da tradição marxista na perspectiva crítico-dialética: “Assim, descobrir a essência dos fenômenos pressupõe situá-los na realidade social do ponto de vista

da totalidade concreta, que, antes de tudo, significa que cada fenômeno pode ser apreendido como um momento da totalidade”.

Desse modo, a investigação marxista caracteriza-se por não se deixar enganar por aspectos superficiais dos fatos, mas sim investiga o fenômeno em sua essência, em suas determinações, em sua profundidade, a partir de um olhar da totalidade e de suas possíveis conjunturas. O fenômeno está ali para ser estudado, não é intacto, tampouco imutável, e o pesquisador na perspectiva desse método não só deve entender o objeto, mas também a relação existente dele com os atores sociais.

O método, na concepção marxista, objetiva não apenas descrever, retratar a realidade social apresentada, mas também extrair suas características e determinações para entendê-la a tal ponto de potencializar sua mudança. Requer questionamentos, inquietações; não considera como uma sociedade intacta, estável e acabada, mas sim um processo de escolha dos sujeitos ou até pelas determinações sociais dadas a ele; vê a sociedade como um ser vivo, real, que está ali para ser questionado e transformado; não se entende que tudo está acabado, mas sim, a cada escolha, inicia-se um novo ciclo. Essa concepção de pesquisa abre as portas para a dialética; sai de uma posição positivista de ver a realidade para uma visão inovadora do poder de transformação social. O método não se confunde com técnicas ou regras, mas é um processo de análise dialética, que se autoquestiona e se posiciona como ser ativo de mudança (Behring & Boschetti, 2006).

Seguindo as orientações mitológicas nas literaturas científicas, procedeu-se a levantamentos de fontes bibliográficas sobre as atividades do professor em relação às práticas de utilizar o meio físico e as ferramentas pedagógicas a fim de transformá-los em conhecimentos palpáveis. Na acepção de Paulo Freire (1996), o conhecimento pode ser praticável a partir de uma realidade existencial no interior da própria escola ou em seu entorno. Nesse sentido, para *escavar* tais dinâmicas, *nadou-se* em livros, artigos, relatórios, dissertações e teses que tratassem sobre o trabalhador que socializa na comunidade de São Francisco, da Ilha da Costa da Terra Nova, além da prática de campo, que foram as ferramentas utilizadas conforme mostrado na sequência.

3.1. NA LITERATURA QUE DISCUTE A EDUCAÇÃO DO CAMPO

No levantamento de referenciais que tratam em relação à Educação do Campo, há uma relevante literatura; e, em relação ao Amazonas, também há boa literatura e as políticas provenientes de Projetos Desenvolvidos por Universidades do Norte. Em Roraima, houve o PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária), que tratou exclusivamente de inserção do homem do campo em práticas pedagógicas, inicialmente destinadas à Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Em 2014, houve a formação continuada dos professores do campo, no município de Boa Vista do Ramos-AM, cujos fundamentos na educação campo estão arraigados a práticas culturais – a “Biocultura” (NEVES, 2022, p.90), ou seja, seria todo o somatório de saberes, (Caldart, 2006). Trabalha-se a Educação do Campo tracejando a biologia cultural, ou seja, a agroecologia, cujos fundamentos estão amparados nos aspectos culturais do homem do campo. Arroyo (2005) aponta que o processo educativo é eminentemente epistemológico, em que uma linha de caminhar deve ser bem ampla. E a amplitude deve ser alcançada a partir de estratégias pedagógicas que tenham voz em conformidade com a leitura cultural de cada lugar (Yi Fu Tuan, 2013), de forma que as disciplinas devam partir de um eixo configurado com os aspectos do cotidiano ou contemporâneos desses lugares. Seguindo esse eixo de postulações, Arroyo afirma:

É fundamental garantir que nossos estudantes tenham, já no ensino fundamental, algumas experiências de trabalho na agricultura (na escola ou fora dela), visando inclusive tornar mais profundos o estudo e a relação de apropriação social, e não de exploração ou dominação da natureza (ARROYO, 2005, p. 80).

A proposta de Miguel Arroyo é atraente, pois o discente começa a aprender por meio do método de pesquisa-ação (Pinto, 1979) pelo fato de que, à medida que irá ao campo, poderá refletir sobre os conteúdos que são trabalhados no interior da Escola. E isso possa talvez ser importante, pois, na Ilha de Terra Nova, é um campo em que docentes e discentes coadunam com as mesmas paisagens transformadas pelas sazonalidades provindas das águas do Amazonas-Solimões e Negro, que podem contribuir para ações socioambientais em escalas exponenciais, o que constrói, assim, o ambiente na Ilha.

3.2. ÁREA DE ESTUDO

A Ilha de Terra Nova, em Careiro da Várzea – AM, pode ser caracterizada como uma pátria úmida, onde as paisagens manifestam um dos lugares mais fascinantes devido às suas gêneses morfológicas. É composta por uma paisagem de infinitudes de árvores típicas e adaptadas à sazonalidade imposta pelas descidas e subidas das águas. No período da subida das águas, devagarinho as raízes das árvores começam a ser cobertas pelas águas turvas do Amazonas-Solimões; as casas na Comunidade de São Francisco têm em geral as estruturas tecidas à base de madeiras, em torno das quais há uma vegetação cultivada pelos comunitários; por debaixo das vegetações há uma infinidade de plantas que ao longo dos anos conseguiram as altas adaptações. Já na seca do rio os comunitários cultivam as hortaliças, no entanto, quando as águas do mês de março começam a marchar para o pico da cheia em junho, nas estruturas das casas (*esteios e barrotes*¹⁶) as águas começam a *pintar* os esteios, os barrotes, as vigas, ou seja, as águas se tornam o domínio do lugar (Tuan, 2012).

Os animais como galinhas, cachorros, bovinos, suínos, entre outros, ficam em plataforma flutuante confeccionada pelos comunitários. É nesse período das águas de março ao mês de junho de cada ano que o(a) professor(a) camponês(a) busca os labirintos entre a floresta alagada e a terra submersa para o pacto da dinâmica socioambiental, de modo que transite pela floresta de igapó realizando atividades de pescaria e utilizando os apetrechos que não interferem em nada na água e na floresta, mas sim que deixam somente as espumas do baque do remo na água e poucas marcas dos pavês das canoas nas hastes das árvores. É no igapó que as centenas de aves, ao cair da tarde, realizam as revoadas em busca de aconchego, e o professor camponês chama a esses aconchegos de *poleiros*.

São essas relações de cheia do rio que são adicionadas aos dinamismos socioambientais, em que o(a) professor(a) camponês(a) continua a sua jornada. Nessa ocasião, em vez de caminhar pela pátria molhada da várzea, utiliza-se do *ecofato* da canoa para realizar a sua caminhada para chegar à Escola. Nesta, também a água tem o seu domínio, então, como uma forma protetiva, o professor ancora a sua canoa à porta da sala de aula, porque a intensa correnteza produzida pelas águas de março a junho do rio Amazonas, mesmo em meio às árvores, apresenta-se com média intensidade. Se a canoa desgarrar, o professor fica em

¹⁶ Classificação utilizada pelos carpinteiros para estruturas de sustentações das residências nas quais os assolhados têm em média três metros de altura.

apuros, ou seja, precisará de apoio da vizinhança para recuperá-la, mas o ser humano busca alternativa para estar no tempo, como se observa a seguir.

As relações fortalecidas ao longo do desenvolvimento humano com tais ambientes conferem a necessidade de adaptações e ajustamentos constantes, que repercutem tanto em processos de saúde-doença quanto em processos de formação identitária (ALBUQUER; GÜNTHER, 2019, p.18).

De fato, a relação de pertencimento conjugado do professor camponês com a Ilha do Careiro da Várzea são forças motrizes, das quais uma parte vem do fato de estar acostumado ao lugar; a outra vem da relação identitária que possui, ou seja, o ambiente da escola é como se fosse um chocolate que exala cheiro. O geógrafo Yin-Fu Tuan (2012) classifica esse movimento como *topofílico*, em que o ator social e profissional, isto é, o professor, tem profunda amizade com as árvores, com a água, com a terra; são amizades humanizadas; e assim podem ser irmãos, ou seja, um movimento literário em que a poesia são as paisagens edificadas pelo banzeiro das águas. Na imagem 1, eis a localização da Comunidade de São Francisco e a Escola homônima.

Imagem 1. Ilha da Terra Nova, onde fica a Comunidade e a Escola Francisca Góes (numeral 1).

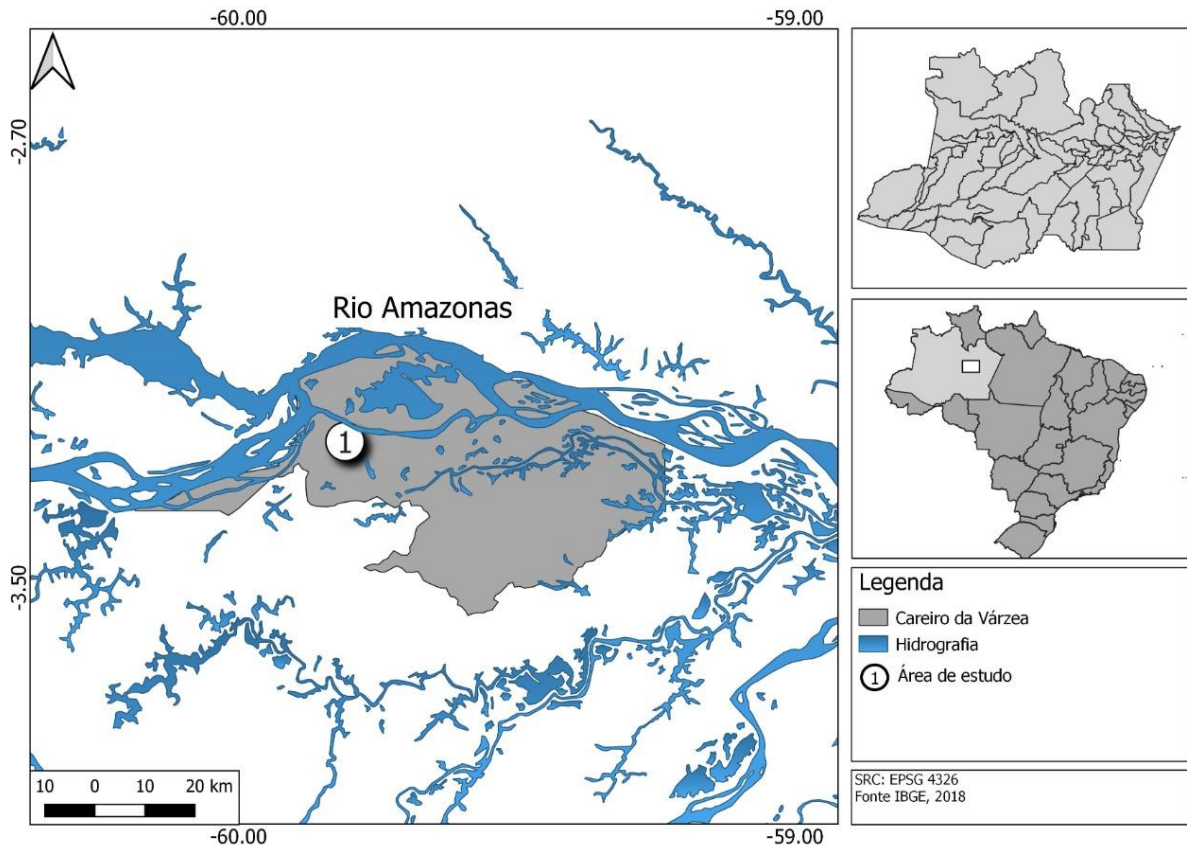


Imagem 1. Panorâmica da Ilha de Terra Nova, Careiro da Várzea-AM.
 Fonte: Ane Karoline Rosas Brito, Dissertação de Mestrado do PPGCASA, 2022.

A imagem 1 da Ilha do Careiro da Várzea-AM é literalmente um labirinto, pois, no período da subida das águas, formam-se caminhos que conduzem os peixes, que buscam esses labirintos para se reproduzirem ou para o processo de engorradia. É nesse período que o(a) professor(a) camponês(a) se utiliza de sua canoa para realizar o processo de pesca para a sua dieta alimentar. Estudos realizados no campo da arqueologia realizados em Iranduba-AM apontam que os peixes foram consumidos por povos nos últimos dois mil anos (Carneiro, 2020). Os registros etno-históricos (Porro, 2016) apontam que os povos que interagiram no ambiente das águas na Amazônia Central cultivavam as ilhas ao longo do rio Amazonas.

Na primeira viagem que desceu o rio Amazonas-Solimões, comandada por Francisco de Orellana, cuja crônica coube ao frei Gaspar de Carvajal [1542] (2021), quando a expedição serpenteava a Ilha de Terra Nova, o cronista avistou as habitações de povos que estavam em simetrias, ou seja, sob uma espécie de comportamento ambiental (Groot; Steg, 2007), logo se pode associar-se a padrões socioculturais. E as habitações hoje seguem basicamente as curvas retilíneas do rio, como está na imagem 1. Assim, a descrição do cronista ainda está nos moldes das habitações de hoje, então talvez aponte esses olhares nesses lugares na

comunidade. A escola e o professor camponês ainda seguem esses alicerces culturais ao realizarem a pescaria sustentável, o processo de cultivo de roças comunitárias, ou seja, quando a água baixa e seca, os lugares são cultivados, seguindo comportamentos coletivos.

E, quando chega o período de realizar os serviços de limpezas, ou seja, de capinação, são realizadas por ações coletivas, de forma que a prática do *ajuri*¹⁷ nesses serviços recai como um momento festivo. Todos estão alegres; talvez pelo fato de estarem reunidos como se estivessem em um anfiteatro do conhecimento, pois a limpeza do roçado é algo preparativo para produzir alimentos para os comunitários e para o professor camponês. Após dois ou três meses, com a subida das águas, o lugar do roçado pode ser contemplado como um berçário de peixes e aves; dessa forma, pode ser considerado como um grande útero ecológico, em que novas vidas surgirão. Assim, funciona como uma psicóloga ambiental e uma Educação Patrimonial e Ambiental, que seguem uma linha epistemológica, isto é, uma rede de alegria e amizade entre as constelações da água, da terra e da floresta, cuja gestão é orquestrada entre os comunitários e os(as) professores(as). Quanto às gestões no tempo da seca e da cheia, nas etapas de campo realizadas em 2001 e 2022, foram identificadas atividades pedagógicas socioambientais, como na sequência se discorre.

3.3. ETAPA DE CAMPO NA COMUNIDADE DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, NA ILHA DA COSTA DE TERRA NOVA

Na Ilha de Terra Nova, a cada estação de subida e de descida das águas, as paisagens são como grandes cortinas coloridas, de sorte que, dependendo do período sazonal, as cores estão presentes nas árvores de seringueiras (*Hevea brasiliensis*), de jenipapeiros (*Genipa americana*), de bacurizeiros (*Platonia insignis* Mart.), cacauzeiros (*Theobroma*) etc.; nas espécies supracitadas há marcas ou níveis de águas da última cheia do rio. São as marcas de cores acinzentadas, embranquecidas e amarronzadas que ficam no muro e nas paredes da Escola Municipal Francisca Góes. Foi no interior da escola e no seu entorno que foram identificadas seis características de práticas socioambientais/pedagógicas do(a) professor(a), conforme descrito na sequência:

a) A elaboração de esteiras confeccionadas em madeira para acesso à escola no período da cheia do rio.

¹⁷ Atividades em conjunto em que os comunitários realizam planos para realizar limpeza do roçado, pescaria etc.; no caso para captura de informações, será realizada com os professores camponeses a partir de diálogo durante a etapa de campo.

- b) No período da seca do rio, a locomoção do(a) professor(a) e dos alunos(as) é realizada em pequenas carroçarias confeccionadas pelos(as) professores(as) e pelos pais dos(as) alunos(as).
- c) Nos meses de abril a junho, a locomoção dos(as) professores(as), alunos(as) e comunitários é realizada por canoas.
- d) São construídas plataformas flutuantes para abrigar os animais: cachorro, galinha, pato etc.
- e) A pescaria é realizada por meio de malhadeiras próximas à escola e às demais residências na comunidade.
- f) No arruamento em frente à Escola e às demais residências na comunidade, na cheia do rio, a cerca viva de várias árvores e o capim formam barreira que impede que o banzeiro do vento e dos barcos chegue à escola e às residências.

As figuras 1 e 2 demonstram as dinâmicas socioambientais/pedagógicas orquestradas pelos(as) professores(as) e comunitários, tanto no período da seca quanto no da cheia do rio Amazonas. Essas dinâmicas são atividades realizadas coletivamente para possibilitar que tanto os(as) professores(as) e os(as) alunos(as) quanto os comunitários funcionem como se fossem uma rede de comunicações, cujos cordões de sustentação das redes são, na verdade, os saberes de todos ao prepararem as canoas, a carroçaria puxada por motocicleta, o remo etc. para manterem seus trabalhos coletivos (um por todos, e todos comandados pelo rio).

Figura 1 e 2. Dinâmicas pedagógicas e socioambientais praticadas por todos na Ilha de Terra Nova

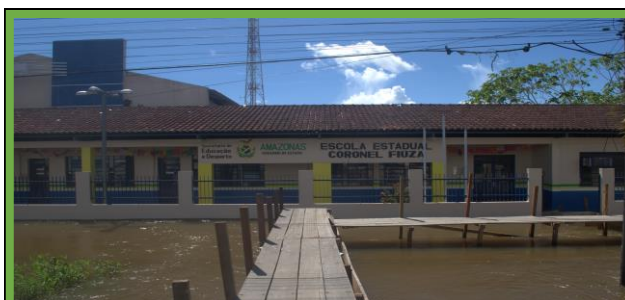


Figura 1. Escola com a plataforma de acesso ao seu interior, na cidade de Careiro da Várzea. Corredores e salas tomados pelas águas do mês de junho. Foto. Maíra Gomes de Souza, jun., 2022.



Figura 2. Exemplares de seringueiras e jenipapos com as cores acinzentadas e amarronzadas da última cheia de 2021. Foto. Maíra Gomes de Souza, abr., 2022.





As figuras 1 e 2 são espécies de marcadores de níveis das águas, pois deixam informações precisas do nível da cheia do ano anterior. E esses balizadores coloridos nas casas ou nas árvores são possíveis livros de páginas abertos. Devido ao descontrole da sazonalidade, os cálculos que eram elaborados dos resultados durante as subidas e as descidas das águas agora são realizados não mais anualmente, e sim mensalmente. Dependendo das chuvas, o nível das águas chegar a subir até 20cm em vinte e quatro horas. Assim, para a mobilidade na comunidade, só há um recurso, que é a canoa, como está assinalado na figura 3, já que esse transporte presta serviços para a locomoção do(a) professor(a) camponês(a). No período da cheia as canoas ficam às vezes por debaixo dos assoalhos das residências, ancoradas ao lado, defronte ou por trás das casas, o que permite ao(à) professor(a) camponês(a) a possibilidade de, numa emergência, embarcar na canoa e seguir a viagem. Entretanto, quando inicia a marcha da descida das águas, a canoa vai se distanciando do raio de visão do professor; no pico da seca, a canoa fica até um a dois quilômetros de distância. Na sequência, descrevem-se os resultados e as discussões capturados nas etapas de campo (cheia e seca do rio).



4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Nas etapas de campo, que ocorrem nas estações sazonais (subida, cheia, descida e seca do rio) (Jank, 2020), nos meses de setembro, outubro, abril, janeiro, fevereiro, março, maio e junho, observadas em 2021 e 2022, foi evidenciado o processo de mobilidade do(a) professor(a) e dos comunitários. Nas etapas, identificou-se que há diversas dinâmicas socioambientais e pedagógicas, como estão listadas no quadro 2. Entretanto, desse universo, selecionaram-se apenas seis dinâmicas relevantes para a manutenção da atividade na escola e também na Comunidade. No quadro 2, relacionam-se os procedimentos.

Quadro 2. Envolvimento entre o professor e a comunidade na produção de artefatos para a manutenção de serviços na escola e na comunidade de São Francisco.

n.º	Práticas socioambientais e pedagógicas	Local	Foto
-----	--	-------	------

1	A elaboração de esteiras confeccionadas em madeira para acesso à escola no período da cheia do rio.	Residências Escola Igreja Comércio Centro Social etc.	 <p>Figura 3. Plataforma afixada no solo para o acesso à Escola Francisca Góes. Foto. Carlos Augusto da Silva, 2022.</p>
2	No período da seca do rio, a locomoção do(a) professor(a) e dos(as) alunos(as) é realizada em pequenas carroçarias confeccionadas pelos(as) professores(as) e pelos pais dos(as) alunos(as).	Via pública produzida pelos professores e comunitários	 <p>Figura 4. Carroçaria confeccionada pelos professores e comunitários para a locomoção das crianças à Escola. Foto. Maíra Gomes de Souza, 2022.</p>
3	Os meses de abril a junho, a locomoção dos(as) professores(as), alunos(as) e comunitários é realizada por canoas e por pequenos barcos regionais.	Acesso à escola, ao comércio, pescaria etc., são realizadas exclusivamente por canoas.	 <p>Figura 5. Pequenos barcos no aguardo dos alunos para levá-los às residências das famílias. Foto. Maíra Gomes de Souza, 2022.</p>
4	São construídas plataformas flutuantes para abrigar os animais: cachorro, galinha, pato, gado etc.	Elaboração de “maromba” de pequeno porte para agasalharem os animais domésticos.	 <p>Figura 6. Pequena “maromba” construída para abrigar os animais domésticos. Foto. Maíra Gomes de Souza, 2022.</p>

5	A pescaria é realizada por meio de malhadeiras próximas à escola e às demais residências na comunidade.	A captura de pescado é realizada em torno da escola e residências etc.	 <p data-bbox="959 566 1445 656">Figura 7. Locais de pescaria durante o período da cheia do rio. Foto. Maíra Gomes de Souza, 2022</p>
6	No arruamento em frente à Escola e demais residências na comunidade, na cheia do rio, a cerca viva de várias árvores e o capim formam barreira que impede que o banzeiro do vento e dos barcos chegue à escola e às residências	Plantas cultivadas como barreiras para evitar que o “banzeiro” e as árvores descidas pela correnteza do rio se choquem com as residências e com a Escola.	 <p data-bbox="959 996 1445 1106">Figura 8. Arruamento submerso e paralelo; árvores protegem as edificações do banzeiro e da correnteza do rio. Foto. Maíra Gomes de Souza, 2022.</p>

Fonte. Etapa de campo 2021 e 2022.
Organização. Maíra Gomes de Souza, 2023.

4.1. AS PRÁTICAS SÃO AFERIDAS POR MEIO DE PARTICIPAÇÃO ASSOCIATIVA ENTRE PROFESSOR(A) E COMUNIDADE QUANTO À DIVISÃO DAS TAREFAS

Quanto às relações de trabalho existente a Escola e a Comunidade demonstram que o modo de trabalhar dos comunitários é por meio de contribuições mútuas, denominadas por eles de *ajuri* ou *puxirum*, que são mutirões de trabalhos que visam a determinado objetivo em prol da coletividade. Destacam-se alguns trechos das vozes desses sujeitos do campo:

Aqui, todos trabalham quando inicia a seca do rio; todos se reúnem na escola ou no centro social para as divisões de tarefas para reorganizar os serviços de limpeza na Escola e em toda a comunidade; professor(a) e comunidade se juntam para as atividades, que geralmente são realizadas aos sábados para não interferirem na pescaria, ou no trabalho na escola, na limpeza do terreno para o plantio e outros (profa. da Escola Francisca Góes, junho de 2022).

Na comunidade, em geral, perpetua-se o que é comum no interior da Região Amazônica, pois essa prática de ajuda coletiva foi exercitada pelas populações indígenas e tradicionais na Amazônia (Harris, 2006). Os formulários aplicados mostraram que há

objetividade desses “puxiruns”, seja para organização de eventos comunitários, escolares, seja para limpezas da comunidade, construção de barracões, plantio de roça, dentre outros.

Witkoski (2021) condensa sua percepção de pesquisa sobre os camponeses amazônicos estudando algumas comunidades do Rio Solimões e Amazonas, demonstrando a existência desse tipo de relação no baixo Rio Solimões (Mourão; Vasconcelos; Uchoa, 2020). A prática pedagógica da escola do campo reafirma o mesmo trato aos trabalhos coletivos das comunidades rurais do Amazonas, onde se localiza o município em estudo, vincula-se por meio de sentimentos profundos de pertença a um grupo de pessoas em prol de objetivos em comum, numa relação de coletividade.

Pesquisas arqueológicas e das ciências ambientais vêm comprovando a relação do homem com a natureza em transformação de paisagens (Neves, 2022). Silva (2014) aborda sobre os objetivos dessas práticas e as suas finalidades nesse convívio comunitário, sendo inúmeras as interações de eventos dos “ajuris/puxiruns” na preparação de terrenos para plantio, construção do centro comunitário, igreja, restauração na canoa, pintura da escola, partilha da pesca, eventos culturais etc. No quadro 3, fazem-se descrições dessas atividades coletivas.

Quadro 3. As relações de eventos mútuos entre professor(a) camponês(a) e comunidade na Ilha da Costa da Terra Nova – Careiro da Várzea – Amazonas.

Ordem	Atividades de cooperação entre professor e comunidade	Meses	Tipo de atividade
1	No período de seca do rio	setembro a outubro	Limpezas na Escola e restauros da rede hidráulica, cultivos de hortaliças etc.
2	No período da cheia.	abril a junho	Construção de plataforma de madeira para o acesso à Escola.
3	Eventos culturais	janeiro a dezembro	Limpeza do centro social e igrejas.
4	Recolher os resíduos em torno da escola e comunidade.	janeiro a dezembro	Ajuris de coleta de resíduos sólidos.
5	Na subida do rio.	novembro	Recolher às plataformas construídas em frente à escola.
6	Feira cultural/Biocultural	agosto a novembro	A organização do pátio da escola para receber visitantes.

Fonte: Dados de campo, 2021-2022.
Organização. Maíra Gomes de Souza, 2023.

Os camponeses ribeirinhos (Fraxe, 2010) trabalham retirando os elementos oferecidos pela natureza dos rios, das florestas, das águas e da terra. As atividades mais comuns desenvolvidas pelos homens e mulheres do campo são a pesca, a coleta de semente e a agricultura familiar. São práticas que compõem o mundo das águas e das florestas, de onde os camponeses/professores(as) retiram o seu sustento, pois são polivalentes, ou seja, realizam

várias atividades produtivas ao longo do ano, porém de acordo com a sazonalidade, ou seja, a mobilidade ou o caminhar, cuja batuta é literalmente regida pelas águas.

Gráfico 1. Dispersão de níveis do rio no primeiro semestre de 2021-2022.

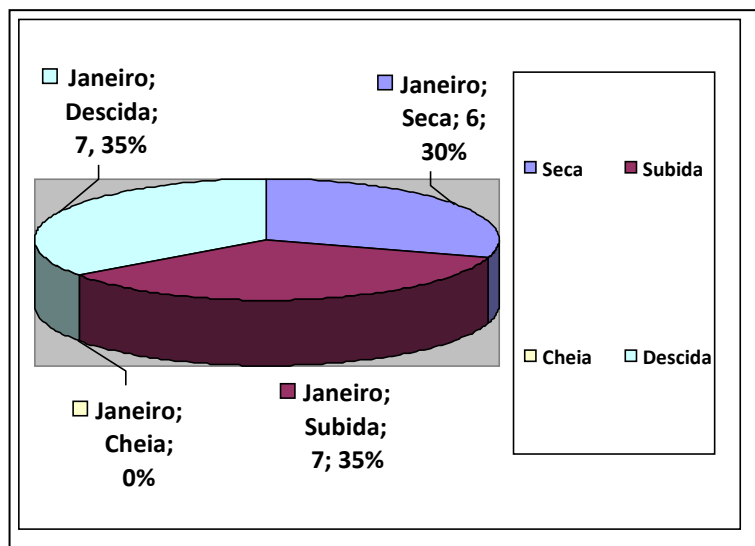


Figura 09. Distribuição pedagógica e socioambiental do(a) professor(a) camponês(a). Organização. Maíra Gomes de Souza, 2023.

No gráfico 1, são distribuídos os procedimentos equacionados pelos agricultores familiares (professores/camponeses) nos níveis do rio. Os homens e as mulheres seguem o relógio ecológico de subida e de descida do rio no sentido de recolherem os insumos básicos necessários à reprodução social.

As atividades de rotina nas práticas de *ajuris/puxiruns* são intercaladas de acordo com a necessidade da coletividade, portanto o que define as ações coletivas são as próprias pessoas em reuniões informais, ou até em assembleias, fazendo levantamento das prioridades a serem realizadas, contudo, como apontado no gráfico 1, há o desenvolvimento de atividades em ordens dialéticas, devido ao ambiente ecológico regional (SILVA, 2016).

4.2. A INTERAÇÃO DOS(AS) PROFESSORES(AS) CAMPONESES(AS) EM ATIVIDADES SOCIOCULTURAIS

O trabalho na escola e comunidade é concretizado por meio dos serviços necessários: os homens atuam com atividades que exigem forças físicas; desempenham os afazeres que requerem maior esforço como supressão da floresta para roça, levantamento dos barracos, construção de casas, limpeza do roçado, pesca, etc. Para as mulheres, jovens e crianças, ficam

os trabalhos considerados mais leves, aqueles como preparo da comida, cuidados com a casa e o *terrero* (área com diversas plantações em torno da casa), ornamentações nos eventos comunitários, pesca em torno da comunidade, lavagem das roupas, armazenamento da água, plantação das hortas em “jiraus suspensos”, auxílio à merenda escolar, zelo pelos animais domésticos e outros.

Há ainda trabalhos tidos como mistos, que englobam tanto a atuação do homem quanto da mulher, como a agricultura (plantio e colheita). Para as crianças e adolescentes, são os acompanhantes em atividades de menos risco, mas que são, de certo modo, necessárias para o repasse desses saberes. Jovens acompanham os pais nas atividades consideradas masculinas. As mulheres jovens fazem da mesma forma com suas mães, avós e tias.

Essa organização social do trabalho utilizando a classificação por gênero é vestígio da própria história dos seus antepassados, que, com as divisões de trabalho numa relação de coletividade, realizavam a dinâmica do dia. A mulher, historicamente, tem papel social representativo, pois é a gestora ou administradora da família; por outro lado, o homem é o responsável por movimentar os trabalhos nas estações de seca e cheia dos rios, nesses lugares da escola do campo. As categorias de trabalho (Fraxe, 2010) estão simplificadas no gráfico 2.

Gráfico 2. Distribuição da organização ou das funções atribuídas entre professores do campo.

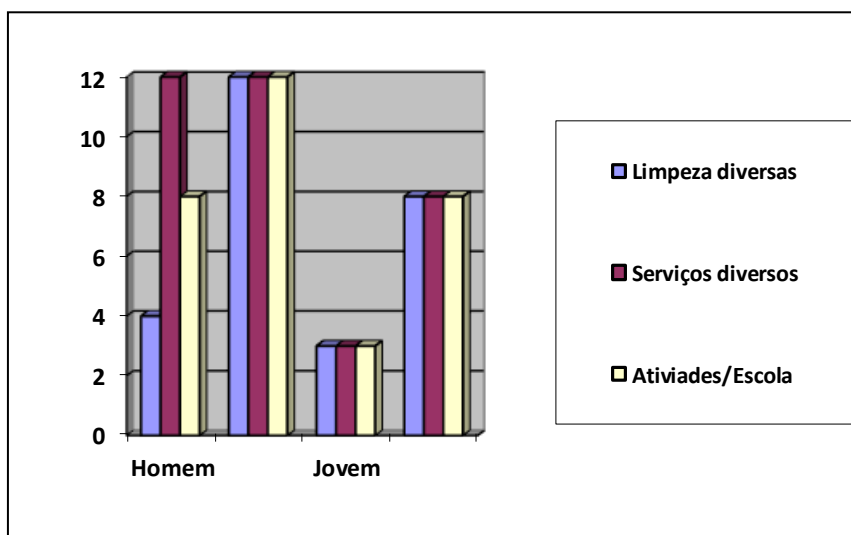


Figura 10. Interação entre laços culturais e pedagógicos na etapa de campo de 2021-2022. Organização. Maíra Gomes de Souza, 2023.

4.3. AÇÕES SOCIOAMBIENTAIS E PEDAGÓGICAS NA ESCOLA FRANCISCA GÓES

A consulta efetivada junto aos(as) professores(as) mostrou que, do universo de 10 (dez) docentes, há a separação bem dinâmica em sistema de rede. “Assim, computadores, sistemas de comunicação, decodificador e programação genética são todos amplificadores e extensões da mente humana” (CASTELLS, 2013, p. 69). Sete dos professores foram categóricos em afirmar que a agricultura familiar é um sistema que contribui para o fortalecimento da agricultura no campo e conseqüentemente para a educação camponesa; para dois(duas) professores(as) a agricultura e o uso das paisagens edificadas pelo meio físico e pelo homem mais conhecimentos científicos podem ser alternativas para crescimento sustentado e conservação do ambiente.

Por outro lado, um discorda e não compactua com as afirmações dos demais, para quem a agricultura familiar ainda precisa ser mais dinâmica para que definitivamente as questões socioculturais sejam desenvolvidas de forma sustentável. Assim, 99% sustentam que a interação do homem do campo na agricultura familiar é uma ação social e cultural importante para a Escola do Campo.

No que toca ao suporte teórico da educação no campo, no caso da Amazônia, ainda se encontra em parâmetros preliminares, haja vista que, no campo social e político, quando se trata de conquista da terra, há embaraços, pela lentidão, ou quase a ausência do poder do Estado. Isso é percebido claramente quando se faz uma leitura contextual das questões do homem do campo na Amazônia. E, em se tratando do Amazonas, a problemática é predominante.

Seguindo esse raciocínio, os professores e agricultores familiares têm de se reinventar para se manterem no lugar e no espaço (Yi-Fun Tuan, 2013).

O espaço é o local em que são feitos os labirintos sociais e culturais do professor camponês, que buscam no seu imaginário como articular com o tempo e o lugar para produzirem ou coletarem o necessário para se manterem socialmente. E, assim, as características capturadas durante as etapas de campo foram no sentido de buscar informações de como são realizadas as práticas socioambientais e pedagógicas no interior da escola. Dentre as diversas observadas, enumeram-se no quadro 4.

No quadro 4. Descrições de atividades socioambientais e pedagógicas

Fonte. Dados de campo, 2021-2022

Itens	Eventos	Professor/Agricultor
01	Replanteio de mudas floríferas	Todos
02	Organização do sistema de hortaliça suspensa na cheia do rio	Todos
03	Realização de atividades (oficina na escola)	Professor(a)
04	Práticas esportivas	Professor(a)
05	Organização e conservação do centro social	Todos
06	Construção de plataforma de embarque e desembarque de acesso à Comunidade	Todos
07	Ajuris culturais	Todos

Organização. Maíra Gomes de Souza, 2023.

No quadro 4 é demonstrado que o(a) professor(a) ou o agricultor familiar possuem saberes ecológicos (Santos, 2006), pois trabalham em parceria com as estações de seca e cheia do rio, além dos calendários das estações da lua e com base na fauna e flora, isto é, o canto dos pássaros. Esses saberes apontam para que professor camponês consiga, por meio dos eventos naturais e sociais, compreender o tempo ideal das práticas pedagógicas.

Dos 10 (dez) professores(as), quando se trata de eventos em benefícios ao ambiente, de modo geral todos estão de acordo para trabalharem para a manutenção do saber e para a conservação do conhecimento em linhas ancestrais. No gráfico 3, está a distribuição de tarefas quando os eventos exigem o apoio de todos ou quando estão atrelados ao(à) professor(a) camponês(a).

Gráfico 3. Divisão de tarefas por categorias (professor/agricultor)

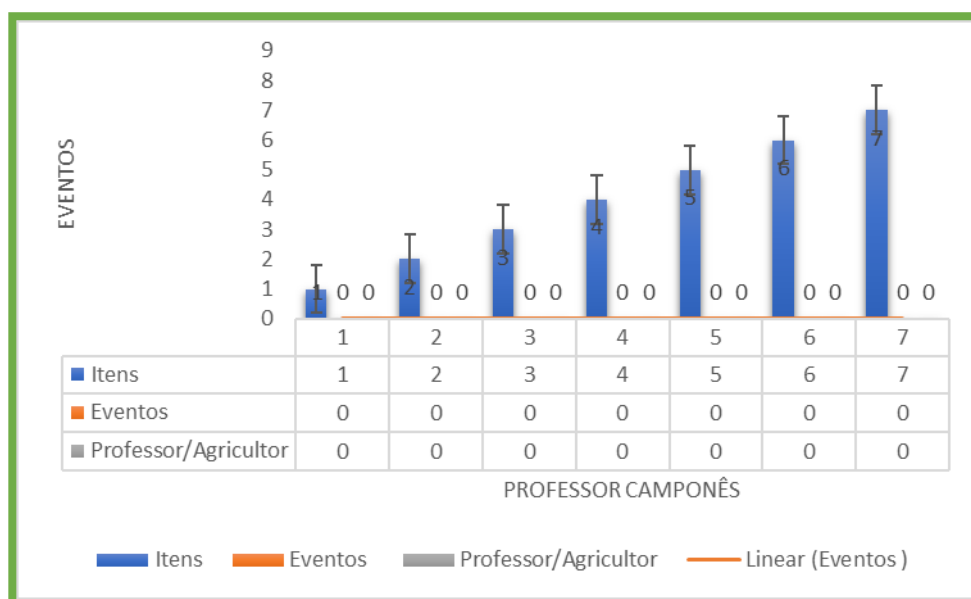


Figura 11. Equilíbrio entre atores sociais – dados de campo
Organização. Maíra Gomes de Souza, 2023.

O conjugado de saberes constituídos por meio de laços de trabalho e de cultura funciona como um sistema de útero ecológico em que cada ator social, professor(a), agricultor familiar ensina e aprende; e a escola, o roçado de cultivo de manivas, os canteiros suspensos em torno das residências e outras atividades são úteros de vidas e de saberes – tudo regulamentado pela sazonalidade de subida, cheia, descida e seca do rio na Ilha de Terra Nova.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Leandro Tocantins, no seu livro clássico *O Rio Comanda A Vida*, discorre em relação ao conhecimento de pessoas e seu modo de vida entrelaçado pelos rios, os quais, no olhar do autor (2000), são as ferrovias que sempre impulsionavam os sistemas econômicos, culturais, sociais etc. A mobilidade é guiada pelo simbolismo que está encastelado na memória de cada ser (homem e mulher), ou seja, trata-se de um mapa ancestral, pois, no momento em que é feita uma leitura, segue-se em direção ao mundo de tapetes verdes das paisagens constituídas pelas florestas de igapó, várzea etc.

E, por fim, como está listado nos quadros, gráficos e figuras, chegou-se a uma parca conclusão de que o professor camponês vem de certo modo desenvolvendo a educação camponesa, em que as práticas da Escola do Campo são fundamentadas na sazonalidade ambiental, haja vista que são professores e agricultores polivalentes. Assim, a interação dos diálogos acadêmicos e dos saberes ecológicos constitui ferramenta importante para atrair cada vez mais a presença de homens, mulheres, jovens e crianças em diálogos formativos, conforme está na Carta Magna brasileira, segundo a qual todos têm direito à Educação. A Escola do Campo tem características peculiares. Assim, precisa de tratamentos diferenciados. Essa foi a percepção durante o Tempo-Comunidade.

6. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Dayse da Silva; GÜNTHER, Isolda de Araújo. Onde em nós a casa mora? Os ambientes residenciais nas relações pessoa-ambiente. *In* Psicologia ambiental em contextos urbanos [recurso eletrônico] (Org). HIGUCHI, Maria Inês Gasparett, PATO, Ariane Kuhnen, Claudia. 1. ed. – Florianópolis: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019.

ARROY, Miguel G. Que Educação Básica para os Povos do Campo? Palestra proferida no Seminário Nacional “Educação Básica nas Áreas de Reforma Agrária do MST”, 2005.

ASSIS, Relato Linhares de. Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: perspectiva a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia. *Eco. Aplic.* 10(1): Campinas, SP, 75-89, 2006.

BRANCO, Antonio Venâncio Castelo; PASSOS, Valdenice Serudo. Gestão participativa na escola: uma experiência na casa familiar rural de Boa Vista do Ramos – AM, *REVISTA IGAPÓ – IFAM*, 2012. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search>>. Acesso em: out., 2018.

BAZE, Abrahim. Ferreira de Castro: Um imigrante português na Amazônia. 3.^a ed. revista e ampliada. Manaus: Editora Valer, 2012.

BORGES, Heloísa da Silva.; MOURÃO, Arminda Rachel. (Org.). Trabalho e Educação do/no Campo: Agricultura familiar, agroecologia e alfabetização ecológica. 1.^a ed. Manaus, Amazonas, Brasil: Editora da UFAM, 2016.

BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. Política social, fundamentos e história. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CALDART, Roseli Salette. Educação do Campo: Notas para uma Análise de Percurso. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35041-25-marco-1824-532540-publicacaooriginal-14770-pl.html>>. Acesso em: out., 2021.

CARVAJAL, Frei Gaspar de [1504-1584]. Relação do famosíssimo e muito poderoso rio chamado Marañón. Trad. Auxiliomar Silva Ugart. Manaus: Editora Valer, 2021.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao1891.htm>. Acesso em: out., 2021.

DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) ed. 28, Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

- FRAXE, Therezinha de Jesus. Pinto. Cultura Cabocla Ribeirinha: Mitos, lendas e transculturalidade. 2.^a edição, São Paulo: Annablume, 2010.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática social. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- HARRIS, Mark. Presente Ambivalente: Uma Maneira Amazônica de Estar no Tempo. *In* Sociedades Caboclas Amazônicas: modernidade e invisibilidade. (Org.) ADMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. São Paulo: Annablume, 2006.
- IBGE. CENSO, 2010. Disponível em: <<http://www.idam.am.gov.br/municipio/boa-vista-doramos/>>. Acesso em: out., 2018.
- JUNK, Wolfgang J. *et al.* Várzeas Amazônicas: Desafios para um Manejo Sustentável. Manaus: Editora do INPA, 2020
- MOURÃO, Arminda Rachel Botelho; VANCONCELOS; Luciene Mafra; UCHÔA, Iraci Carvalho. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 15, n. 2, p. 436-450, abr./jun. 2020. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v15i2.12642>.
- MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alce Sampaio Dória. Ed. 14.^a edição - revista e modificada pelo autor. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2010.
- NEVES, Eduardo Góes. Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central. São Paulo: Ubu Editora, da Universidade de São Paulo, 2022.
- NODA, Sandra do Nascimento (org.). Agricultura Familiar na Amazônia das Águas. *Manaus*: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.
- PALACIO, Germán y NIETO, Valentina. Mujeres indígenas: globalización, alimentos y políticas sociales en el Trapecio Amazónico, 2013.
- PASSOS, Maria das Graças; MELO, André de Oliveira. Casa Familiar Rural da França à Amazônia: uma proposta da Pedagogia da Alternância, 2008.
- PINTO, Álvaro Vieira. A ciência como produto existencial das relações entre o homem e o meio. *In* Ciências e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp.76-96.
- PORRO, Antônio. O povo das águas: ensaio de etno-história amazônica. Manaus: EDUA, editora da Universidade Federal do Amazonas, 2016.
- PRESTES CARNEIRO, Gabriela *et al.* Subsistence fishery at Hatahara (750–1230 CE), a pre-Columbian central Amazonian village, 2015. Disponível em: <http://ees.elsevier.com/jasrep>>. Acesso em: 3 dez. 2021.
- RANGEL, Alberto. Inferno Verde. (org.) TELLES, Tenório. Ed. 6.^a, Manaus: Editora Valer, 2008.

SOUSA, Romier *et al.* Educação do campo na Amazônia: A experiência histórica das Escolas Famílias do Estado do Amapá. Belém: Instituto Internacional de Educação do Brasil [IEB], 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política. São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, Carlos Augusto da; MORAES, Railma Pereira; NODA, Sandra do Nascimento. O saber tradicional na manipulação de espécie vegetal no preparo de garrafadas na comunidade Cai N'água, em Manaquiri. 2010. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

SILVA, Carlos Augusto da. A reprodução de vidas em sítios arqueológicos em uma comunidade da Amazônia, em Cai N'água, Manaquiri-Amazonas. Manaus: EDUA, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2014.

SILVA, Carlos Augusto da. A Interface Ceramista Pré-colombiana: A Coleção Arqueológica Prof. José Alberto Neves. 210ff., Tese de Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, 2016.

TOCANTINS, Leandro. O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia. Ed. 9.^a Manaus: Editora Valer, Edição Governo do Estado, 2000.

TUAN, YiFu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 2013.

WITKOSKI, Antonio Carlos. Terras, florestas de águas e de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007 (série: *Amazônia, a terra e o homem*)

CAPÍTULO 3. AS REDES DE DINÂMICAS DOS(AS) PROFESSORES(AS) CAMPONESES(AS) NA ILHA DE TERRA NOVA, EM CAREIRO DA VÁRZEA – AMAZONAS.

RESUMO

Este capítulo da dissertação se baseou nas referências publicadas em relação às dinâmicas socioambientais dos(as) professores(as) camponeses(as) na Escola Municipal Francisca Góes dos Santos, localizada no distrito de Terra Nova, do município de Careiro da Várzea – Amazonas. Para desenvolver o problema de pesquisa, traçou-se o objetivo de compreender as principais dinâmicas dos professores. Nesse sentido, o parâmetro metodológico foi afixado em atividades por meio do formulário de perguntas abertas, entrevistas formais, informais e as anotações de percepção das dinâmicas na caderneta de campo. Desse elenco de atividades realizadas em quatro idas ao campo nos anos de 2021, 2022 e 2023, sedimentou-se em 42 (quarenta e duas) informações as ações de dinâmicas dos professores. Das assertivas 32 (trinta e duas) apresentaram informações iguais, e 12 (doze) afirmativas trouxeram dados diferenciados. E, por fim, conclui-se que os(as) professores(as) camponeses(as) seguem uma lógica segundo a qual, na acepção do educador Paulo Freire, o escutar e o ouvir podem ser contemplados por uma dinâmica da etnopedagogia, pois é a sazonalidade que rege as dinâmicas socioambientais, e tudo leva a crer que eles vêm conduzindo o conhecer e o desconhecer por meio da educação, como está estampado no quarto objetivo Das Nações Unidas, conforme o qual a educação é a chave para conhecer o desconhecido na Ilha de Terra Nova, do município do Careiro da Várzea.

Palavras-chave: rio; relógio; sazonalidade; etnopedagogia.

ABSTRACT

This chapter of the dissertation walked through the womb of published references in relation to the socio-environmental dynamics of peasant teachers at the Francisca Góes dos Santos Municipal School, located in the district of Terra Nova, in the municipality of Careiro da Várzea - Amazonas. To equate the research problem, the following objective was outlined, which was to understand the main dynamics of teachers. In this sense, the methodological parameter was posted in activities through the form of open questions, formal and informal interviews and notes of perception of dynamics in the field notebook. From this list of activities carried out in four trips to the field in the years 2021, 2022 and 2023, 42 (forty-two) information on teachers' dynamic actions was consolidated. Of the assertions, 32 (thirty-two) obtained equal informals, and 12 (twelve) affirmations were differentiated. And, finally, it is concluded that the peasant teachers follow a logic that, in the sense of Educator Paulo Freire, listening and hearing, can be contemplated by a dynamic of ethnopedagogy, because it is the seasonality that govern socio-environmental dynamics, and everything leads to believe that they have been leading to knowing and not knowing through education, as is stamped in the fourth objective of the United Nations, that education is the key to knowing the unknown on the Island of Terra Nova in the municipality of Careiro da Várzea.

Key words: River; Clock; Seasonality; Ethnopedagogy.

A humildade exprime uma das raras certezas de que estou certo: a de que ninguém é superior a ninguém
(Paulo Freire, 1996).

1. INTRODUÇÃO

Na Amazônia há uma diversidade de espécies de animais, plantas etc. que vivem nos ambientes de várzea e de terra firme. E parte do processo de alimentos provém da própria natureza e das pessoas. A natureza, por meio dos rios, das florestas e da terra, é como um coração cujas ações em redes mantêm o equilíbrio dos sistemas. E as pessoas que estão nos ambientes distantes de centros urbanos são como se fossem os médicos que produzem terapias para o equilíbrio de modo geral na Amazônia. A frase do educador Paulo Freire talvez retrate a realidade na Amazônia, pois jamais se pode desprezar a capacidade das pessoas que vivem nessa região.

E assim é a dinamicidade dos(as) professores(as) camponeses(as) da Escola Municipal Francisca Góes dos Santos, cuja vida no ambiente de várzea na Ilha de Terra Nova pressupõe um alto grau de adaptação para fazerem frente às adversidades. Este capítulo buscou compreender as principais dinâmicas socioambientais produzidas e realizadas pelos(as) professores(as) na Escola. Na sequência estão as ações que foram identificadas por meio de consultas às referências já publicadas, além dos dados de campo realizados nos tempos de cheia e de seca do rio em 2021, 2022 e 2023.

2. REDES DE COMUNICAÇÕES SOCIAIS

Se de repente olharmos para a caminhada no tempo histórico do ser humano e fizermos um mergulho profundo nos últimos dez mil anos, veremos que o *Homo sapiens* inicia sua jornada histórica por meio de caminhadas no planeta Terra; por onde passou, deixava encastelados instrumentos de trabalho para todos os fins, no entanto havia a ausência de escrita¹⁸. Os instrumentos destinados aos campos da economia, da cultura, da política etc. foram importantes para a narrativa do tempo histórico. Entretanto, à medida que a demografia¹⁹ se expandia,urgia a necessidade de técnica para atender às demandas sociais. E, assim, a comunicação foi a mola propulsora para os eventos tecnológicos em escalas

¹⁸“*Homo sapiens* tem mais ou menos 300 mil anos, dos quais apenas os últimos 4 mil ou 5 mil foram registrados por alguma forma de escrita (NEVES, 2022, p. 17).”

¹⁹ “Os avanços da tecnologia médica têm permitido uma intervenção no ciclo de vida em todas as suas etapas, desde o nascimento até a morte: da reprodução assistida, clonagem ou controle da reprodução até a aceleração ou prolongamento da morte (Castells, 1999).” (CAMARANO, 2014, p. 59).

exponencias, que atravessaram os séculos das luzes na Grécia e na Roma antiga e culminaram com a modernidade²⁰.

O território brasileiro começou a vingar em 1824 quando se tornou país, bem como ocorreu a quebra do poder monárquico português, durante o qual os mecanismos de poder foram atrelados aos poderes da casta rural²¹ social suprema. Com o advento do governo republicano, a instituição escola inicia as articulações começando a se difundir entre o campo e a cidade. E, à medida que o tempo-espaço (Tuan, 2012) foi se modernizando, ou seja, a comunicação fluía, novos corpos sociais foram criando energia no sentido de socialização do conhecimento. Foi assim com a Semana de Arte Moderna em 1922, em que o manifesto dos pioneiros da Educação postulava que:

A escola socializada, reconstituída sobre a base da atividade e da produção, em que se considera o trabalho como a melhor maneira de estudar a realidade em geral (aquisição ativa da cultura) e a melhor maneira de estudar o trabalho em si mesmo, como fundamento da sociedade humana, se organizou para remontar a corrente e restabelecer, entre os homens, o espírito de disciplina, solidariedade e cooperação, por uma profunda obra social que ultrapassa largamente o quadro estreito dos interesses de classes (AZEVEDO *et al.*, 2010, p. 41)

Conforme as palavras de Azevedo (*idem*), a instituição escolar é a unidade de formação e organização para o campo da vida. Feito esse rápido enunciado de como a escola é um veículo de comunicação social e científica, passa-se doravante aos registros dos procedimentos metodológicos deste capítulo.

3. PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

No sentido de compreender as dinâmicas do professor camponês, buscou-se entender essas ações mediante a consulta a livros, artigos, documentos da Escola do campo. Nesta linha de raciocínio Gil (2008) demonstra que, para as possíveis respostas a um problema de pesquisa, a literatura já existente deve ser consultada, mas também os dados empíricos são

²⁰ A era moderna por meio de tecnologias transforma o poder em “extraterritorial” (BAUMAN, 2000, p.15).

²¹ “Se, conforme opinião sustentada em capítulo anterior, não foi em rigor uma civilização agrícola o que os portugueses instauraram no Brasil, foi, sem dúvida, uma civilização de raízes rurais. É efetivamente nas propriedades rústicas que toda a vida da colônia se concentra durante os séculos iniciais da ocupação europeia: as cidades são virtualmente, senão de fato, simples dependências delas. Com pouco exagero pode dizer-se que tal situação não se modificou essencialmente até a Abolição. 1888 representa o marco divisório entre duas épocas; em nossa evolução nacional, essa data assume significado singular e incomparável. Na Monarquia eram ainda os fazendeiros escravocratas e eram filhos de fazendeiros, educados nas profissões liberais, quem monopolizava a política, elegendo-se ou fazendo eleger seus candidatos, dominando os parlamentos, os ministérios, em geral todas as posições de mando, e fundando a estabilidade das instituições nesse incontestado domínio” (HOLANDA, 1995, p. 73).

importantes para a confrontação entre a teoria e os dados de campo. Nessa esteira, descreve-se breve histórico de viajantes que passaram e deixaram suas impressões onde hoje está sediado o município de Careiro da Várzea.

3.1. INFORMAÇÕES DE VIAJANTES NO INÍCIO DA COLONIZAÇÃO DO BRASIL

Inicialmente, faz-se rápida digressão em relação às confluências dos rios Amazonas-Solimões e Negro. Talvez, a primeira informação sobre a Ilha, hoje denominada de Terra Nova, venha da primeira expedição que desceu o rio Amazonas no sentido oeste-leste, ou seja, saindo de onde hoje estão os três países – o Brasil, a Colômbia e Peru –, na região denominada de Tríplice Fronteira (Martins, 2016).

A crônica da viagem foi do frei Gaspar de Carvajal [1542] (1941) (2021), que, à medida que a expedição descia o rio, descrevia as ações dos povos que estavam manejando o ambiente de várzea nas duas margens do rio (Amazonas-Solimões). Em certa região, hoje no território brasileiro, entre os municípios de Tabatinga, Benjamin Constant, São Paulo de Olivença, Amaturá, Santo Antônio do Içá, Tonantins, Fonte Boa e Tefé, denominada de “Províncias”, os expedicionários foram recepcionados com certa resistência; em outras, com gentileza. Na “Província do Senhor Aparia” (CARVAJAL, 1941, p. 25) a expedição foi recepcionada com certa cortesia, assim a direção ou comandante da expedição, Francisco de Orellana, mandou os expedicionários confeccionarem materiais necessários para a elaboração de embarcação com estrutura, capacidade e residência para a continuação da viagem, pois teriam que chegar ao Oceano Atlântico; depois, retornar ao Peru. No dia três de junho de 1542, a expedição cruzou as águas turvas do Amazonas-Solimões e Negro. O frei narra que, em virtude de o estoque de alimentos dos expedicionários estar comprometido, seguiram a leste do rio Negro; possivelmente, na Ilha de Terra Nova, onde Orellana determinou o repouso dos expedicionários, como segue.

Ainda nesse dia vimos outras povoações não muito grandes. No domingo da Santíssima Trindade descansou o Capitão com sua gente nos pescueiros de um povoado que estava numa lombada, encontrando-se aí muito peixe, que foi socorro e grande alegria para os nossos espanhóis, pois havia dias que não descansávamos. Estava esta povoação situada em uma lombada afastada do rio, como em fronteira de outros povos que faziam guerra, pois estava fortificada por uma muralha de grosso tronco (CARVAJAL, 1941, p. 50).

Mas, além do repouso, pode-se verificar que o frei aponta a existência de povos que estavam nessas mediações e tinham estoques de alimentos. E, no mês de junho, é o período

que a cheia atinge o pico. Mesmo assim no pesqueiro havia fartos exemplares de peixes, que foram importantes para alimentar os expedicionários de Francisco Orellana.

A expedição de Pedro Teixeira (1637-1639) subiu e desceu o rio Amazonas-Solimões. Na subida a descrição foi do padre André de Artieda; na descida a descrição foi do padre Cristobal Acuña. Aqui, descrevem-se as impressões de Acuña (1994), cujos relatos de 12 de outubro de 1639, nos abraços dos rios Amazonas-Solimões, apontam que os povos haviam desenvolvido cultivos de plantas e árvores úteis para edificações de canoas, como manivas, abacates, cacau etc.; para atender à dieta alimentar, descreveu *Caniçuaris*, *Aguayras*, *Ycuncarais*, *Cahuayapitis*, *Manacarus*, *Yanmas*, *Guanamás*, *Carapanaris*, *Guarianacaguas*, *Acerabaris* e *Curupatabas*. Assim, depois de 97 anos da descida de Orellana, os padres descrevem que havia dinâmicas socioambientais possivelmente saudáveis ao ambiente das águas na Ilha. Após essa retrospectiva, passa-se a um breve registro do município de Careiro da Várzea.

3.2. BREVE HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE CAREIRO DA VÁRZEA

Na verdade, o Careiro foi criado nos anos de 1950 a 1987 quando houve a emancipação da divisão de novos municípios. Então toda a região, a partir do furo do Barroso, que fica na margem direita do rio Amazonas-Solimões, até a entrada do paraná da Eva, era conhecida pelos moradores como Careiro. Assim, todos os nascimentos que houve nesse período (1950-1987) eram registrados como do Careiro-Amazonas.

A nova Carta Magna de 5 de maio de 1988 instituiu novos municípios na margem direita do Amazonas-Solimões: Careiro da Várzea, Careiro Castanho e Manaquiri. A sede municipal do Careiro Castanho fica na margem direita do rio homônimo; o acesso pode ser via fluvial, subindo o rio Amazonas-Solimões; após a Vila de Janauacá, o acesso é pelo paraná de Manaquiri; e depois se acessa o furo do Castanho para chegar à sede municipal do Careiro Castanho por via rodoviária, pela BR-319. O acesso à sede municipal de Manaquiri é o mesmo trajeto para a sede de Careiro Castanho. A cidade de Manaquiri fica no lago do Jaraqui. Agora se fará referência ao município de Careiro da Várzea.

3.3. ASPECTOS DE LIMITE DO CAREIRO DA VÁRZEA

O município ocupa uma área territorial interessante, pois é uma mesopotâmia tricotada por rios de águas brancas e pretas. Um dado atraente é que, quando inicia o balé da subida da água, os lagos ficam com a água de cor branca, e assim milhares de espécies de peixes e aves se servem do ambiente para a reprodução, o que configura um verdadeiro útero de novas vidas.

A Câmara de Vereadores fez estudos no sentido de revisar a “Lei Orgânica do Município de Careiro da Várzea, elaborada em 03 de abril de 1990 e reformulada em 10 de março de 2020”. O município foi instituído por meio da Lei de n.º 1828, de 30 dezembro de 1987. Com a nova redação a Lei Orgânica foi codificada em quatro títulos: I, II, III e IV. Aqui, faz-se menção ao título I “Das Disposições Fundamentais”, cujo art. 3.º, Parágrafo Único, itens I, II, III, IV e V celebram os limites (N-S-L-W) do município, como seguem:

I - com o Município de Careiro, começando na interseção que limita os Municípios de Careiro e Autazes com a cabeceira do Rio Mutuca até o ponto confrontante da Foz do Lago Purupuru com o Paraná do Autaz Mirim, seguindo este ponto até a Foz do Lago do Salsa. Do divisor do Lago do Purupuru com o Igarapé Jacuraru até a interseção com o eixo da Rodovia BR-319 com o Ramal 22. Da Rodovia BR-319, no sentido de Manaus até a interseção com o Paraná de Autaz Mirim, subindo em linha mediana até a confluência com a margem direita do Paraná do Curari Grande; desta confluência por linha no sentido sudoeste até encontrar a confluência do Igarapé do Barão com o Igarapé do Cacau; desta confluência por uma linha no sentido noroeste até encontrar o divisor de águas do Paraná do Pacatuba e Paraná do Curarizinho; deste divisor no sentido oeste até alcançar o Paraná do Caipe; este Paraná subindo por uma linha mediana até a confluência com o Lago do Janauacá; (Redação dada pela Emenda à Lei Orgânica n.º 2, de 2020).

II - com o Município de Manaquiri, começando na confluência do Paraná do Caipe com o lago de Janauacá por uma linha mediana e depois por uma linha mediana do Igarapé Janauacá até alcançar a confluência com a margem direita do Rio Solimões; (Redação dada pela Emenda à Lei Orgânica n.º 2, de 2020).

III - com o Município de Iranduba, começando na confluência do Paraná do Janauacá com a margem direita do Rio Solimões, descendo até alcançar a boca debaixo do Paraná do Curari; e deste ponto por linha mediana do Rio Solimões até alcançar sua confluência com o Rio Negro e Rio Amazonas; (Redação dada pela Emenda à Lei Orgânica n.º 2, de 2020). ESTADO DO AMAZONAS. PODER LEGISLATIVO DO MUNICÍPIO DE CAREIRO DA VÁRZEA

IV - com o Município de Manaus, começando com a confluência do Rio Solimões com o Rio Negro e o Rio Amazonas por uma linha mediana descendo o Rio Amazonas até alcançar a boca de cima do Paraná da Eva; (Redação dada pela Emenda à Lei Orgânica n.º 2, de 2020).

V - com o Município de Itacoatiara, começando na boca de cima do Paraná da Eva por uma linha até alcançar a boca de baixo do Paraná da Onça na margem direita do Rio Amazonas; deste Rio descendo até alcançar a sua interseção com o meridiano da confluência do Rio Mutuca com o Paraná de Autaz Mirim, ficando as linhas do Careiro e das Onças para o Careiro da Várzea. (Redação dada pela Emenda à Lei Orgânica n.º 2, de 2020) (SILVA, 2020, p. 6 -7).

Com a nova redação descrevendo os limites entre os municípios que estão na margem direita do rio Amazonas-Solimões, ficou bem mais pedagógico, pois a comissão relacionou os nomes das localidades; por exemplo, o limite com o município de Manaquiri ficou implícito, pois o Lago do Janauacá é bem destacado no meio dos moradores; outro dado foi o de que “A Sede do Município do Careiro da Várzea é a antiga Vila do Careiro, criada em 1.º de dezembro de 1938” art.4 (*idem*).

3.4. A CIDADE DE CAREIRO DA VÁRZEA

Para chegar à cidade de Careiro da Várzea, só há um caminho: sair do terminal de embarque e desembarque no CEASA²², na balsa ou a jato²³ que fazem a travessia entre os terminais da margem esquerda do rio Negro, à margem direita do rio Amazonas-Solimões, ao Terminal Hidroviário na BR/319, separados pelo encontro dos rios supracitados. A cidade está assentada literalmente em ambiente de várzea, na margem esquerda do paraná do Careiro.

Em 1774-75, no relatório do ouvidor Francisco Xavier de Ribeiro de Sampaio (1885), quando descia do rio Madeira e subia o rio Amazonas pela margem direita, ao chegar à Ilha – hoje Terra Nova –, caminhou pelo dito paraná denominado, possivelmente pelo Muro de *Uquir*, onde pernoitou; e no dia seguinte continuou a viagem subindo o rio Amazonas-Solimões. No sentido de compreender as dinâmicas do professor camponês, foram feitas três etapas de campo na sede municipal, no período da sazonalidade (subida e descida do rio), em junho de 2022 e em novembro e dezembro de 2022.

3.5. DINÂMICAS SOCIOAMBIENTAIS GERAIS

Inicialmente, para entender as dinâmicas do professor camponês, recorreu-se às obras de Sternberg (1998); Fraxe (2011); Nascimento, 2017; Jardim *et al.*, (2021) no sentido de perceber como os autores descreveram a mobilidade dos trabalhadores²⁴, que são, na verdade, polivalentes, pois atuam em várias frentes de trabalho durante a sazonalidade do rio. Sternberg (1998), na época de sua pesquisa na Ilha, caracterizou as dinâmicas de trabalho; por

²² “Centrais de Abastecimento S/A – Ceasa”. Em Manaus, foi implantada em 1975 (MOURÃO; COLOMBINI, 2008, p.16).

²³ A jato  barco impulsionado por motor de popa de 100 a 250 HP – leva cerca de 30 minutos para chegar  cidade de Careiro da Várzea – Amazonas.

²⁴ “Compartilhamos da concepo de que o trabalho  prática social vital para a humanizao do ser social. Ao atuarem e transformarem a natureza para a satisfao de suas necessidades, os homens transformam a natureza e também a si próprios, forjando a estrutura constitutiva do ser social. Tudo aquilo que se produz no trabalho e por meio do trabalho  expressamente humano e traz a marca das relaoes sociais em que  construído” (NOMA; CZERNISZ, p. 207).

exemplo, no período da cheia do rio, os trabalhadores saíam bem cedo da manhã para o corte de capim, que depositavam nas canoas; e, quando a quantidade de capim atingia um metro de altura sobre a canoa, saíam remando até onde estava o gado sediado na “maromba” e distribuíaam o capim espalhando-o na água ou no interior dessa construção. Já no período da seca do rio, registrava as atividades dos agricultores familiares etc. Todas essas ações dos sistemas de mobilidade organizada e orquestrada pelas águas ele registrava por meio de fotografias.

Fraxe (2011) buscou observar as atividades das famílias numa espécie de rede, de forma que descreve a mobilidade de acordar com a subida e a descida do rio. Assim, as análises dos autores foram importantes para o entendimento de como a mobilidade do tempo de cheia ocorre na cidade²⁵ de Careiro da Várzea. As figuras 1 e 2 ilustram as plataformas erguidas sobre as ruas submersas para o caminhar das famílias residentes na cidade e para o visitante que chega à cidade, cujas praças, ruas e residências estão sendo banhadas pelas águas nos meses de maio, junho e julho, conforme presenciado na etapa de campo.

Já Nascimento (2017) aponta para a resiliência dos moradores; em outras palavras, estão acostumados com as alterações advindas dos eventos produzidos pela sazonalidade; e por fim Jardim (2021) indica os eventos climáticos, que são causadores de mortes; em especial de árvores que foram e são cultivadas em quintais agroflorestais, que são na verdade as digitais identitárias dos moradores da Ilha, uma dinâmica socioambiental etnopedagógica.

²⁵ “As cidades amazônicas e os rios. Pode-se afirmar com certa segurança que o padrão espacial das cidades amazônicas, especialmente as da Amazônia Ocidental, é *dendrítico*, onde os rios representam a possibilidade do ir e vir, dando conexão entre essas cidades e o mundo. Contudo não se pode generalizar tal abordagem de padrão, pois em parte dessa Amazônia as cidades são conectadas por meio das estradas, tendo nesses elementos geográficos sua principal conexão com outros lugares, como ocorre com cidades de Rondônia e Roraima.” (LIMA, 2008, p.2).

Figuras 1 e 2. Plataforma de madeira para a circulação das pessoas na sazonalidade



A cidade de Careiro da Várzea tinha poucas ruas, praças e residências na última década do século XX devido às cheias extremas (Jardim, 2021) nos meses de abril, maio, junho e julho, quando o município é banhado pelas águas cor de vinho de bacaba²⁶. Na figura 1, pode-se verificar parte do terminal de embarque e desembarque no porto da cidade; e na sequência o estrado de madeira, em cujos primeiros seis metros há quatro fileiras de tábuas, após as quais há somente três. São os sistemas de circulação na cidade durante a cheia.

Na figura 2, pode-se observar que são quatro tábuas em paralelo no sentido (E-W), que são utilizadas para circulação das pessoas. Um dado curioso é que, onde estão as tábuas em paralelo, há pequenos fragmentos de madeira no sentido horizontal, indicando duas faixas de circulação. A primeira, com os fragmentos afixados na horizontal, serve para os trabalhadores que conduzem caixas com peixes, legumes e alimentos para serem comercializados na feira; a outra faixa serve para as pessoas circularem normalmente. No Terminal Hidroviário na BR-319, há uma escola; e na cidade há duas. São elas:

- a) Escola Municipal Gilberto Mestrinho, que fica após o Terminal Hidroviário na BR-319.
- b) Escola Municipal Francisca Chagas, que fica localizada na Avenida José Ribeiro; e

²⁶ Este termo, vinho de bacaba, é utilizado pelos agricultores familiares na chamada Amazônia Central. São coletadas as sementes da bacaba, nos quintais ou sítios, quando se encontram na cor preta. São debulhadas das fibras, cujo formato é de coração. As sementes são lançadas em vasos, adicionadas à água com a temperatura de 30 a 35 graus; quando as sementes começam a soltarem as cascas, são lançadas em vasos e friccionadas com as mãos. Quando as sementes se desprendem, o agricultor familiar ou professor camponês as colocam na peneira confeccionada de fibras de jauari, ou tucumã, para separar as cascas e ficar somente a polpa. É chamado vinho, que pode ser ingerido com pirarucu e chibé de farinha. São essas características da dieta alimentar, possivelmente ancestral. (Dados de conversa informal com Carlos Augusto da Silva, em campo, dezembro de 2022.

c) Escola Estadual Coronel Fiúza, localizada na rua Primeiro de Maio com a Travessa Cambixe.

Em junho de 2022, durante a etapa de campo, caminhou-se na cidade pelas plataformas de madeira para fazer os registros fotográficos e para manter conversas informais junto aos professores para certa compreensão de como se movimentar na cidade, quando há o período de cheia. As informações são quase idênticas, pois há os preparativos para o momento de chegada da água nas ruas e depois nas residências, nas escolas, no restaurante, na pousada, na Unidade de Saúde, na usina termoelétrica, enfim em todas as unidades que compõem o complexo arquitetônico na cidade.

Na escola, o zelo do(a) professor(a) camponês(a) e gestor(a) é com o mobiliário, como mesas, carteiras, cadeiras, livros, etc., de modo que são elaboradas estruturas, a que eles dão o nome de “jiraus suspensos” para o acondicionamento dos materiais (diversos) e mais acervo bibliográfico. Nas escolas Francisca Chegas e Coronel Fiúza, na etapa de campo, no período de cheia do rio, os professores estavam afastados das Escolas, mas em prontidão e atenção à subida das águas, pois faziam vigílias, ficando na Secretaria de Educação, que fica na Alameda Primeiro de Maio com a rua Alameda das Acácias, paralelo à Praça da Liberdade. No local funciona a parte administrativa e a biblioteca. A edificação é estruturada em alvenaria, com certa elevação em relação ao nível do rio, e há certa estabilidade. O conjunto de figuras 3 a 4 demonstra o nível da água nos muros, no interior das escolas, nas residências e em outras unidades administrativas sociais da cidade de Careiro da Várzea.

Nas figuras 3 e 4 a água banha as edificações públicas e privadas na cidade de Careiro da Várzea.



Figura 3. Rua Primeiro de Maio. Início da Travessa Cambixe, a água estava com 80cm; em frente à escola havia seis exemplares de bananeiras e diversos



Figura 4. Muro da Escola, paredes externas, internas e demais compartimentos demonstram o trabalho de dinâmicas dos professores, gestor e demais servidores

exemplares de pimentas. Houve a informação de que era experimento de práticas educativas, no período da seca, quando os alunos do Fundamental I e II realizavam dinâmicas de como produzir alimento com pouco espaço de terra.
Foto. Maíra Gomes de Souza, 2022.

em manter o padrão arquitetônico da Escola. Antes de a água chegar, há preparativos para manter os cômodos com padrões socioculturais. Parece que é um padrão na cidade manter a pintura das residências e órgãos públicos, pois é tomada pelas águas a cada seis meses.
Foto. Maíra Gomes de Souza, 2022.



Figura 5. A Escola Municipal Balbina Mestrinho, que fica na BR-319. Na visita realizada em 24 de junho, o pátio e o estacionamento a água estava a 20cm de altura.
Foto. Maíra Gomes de Souza, jun. 2022.

Figura 6. Diálogo com o gestor da Escola Balbina Mestrinho em que explica que na Escola, no período de cheia, os alunos entram em recesso, mas os professores e demais servidores ficam atentos.
Foto. Carlos Augusto da Silva, jun., 2022.

Quando chega o final do mês de julho, a água começa a se despedir, pois se inicia a descida das águas; é momento em que a organização pela administração municipal começa a desmontar o arruamento suspenso; é o momento de novamente pisar as ruas, que ainda estão escorregadias devido ao solo transportado pela correnteza da água. O conjunto de oitis já está de forma retangular na Praça da Liberdade e mais as lajotas são pintadas, e volta o colorido e o sorriso na Praça, ou seja, com a chegada e a saída da água, sempre a cidade está em conexão com o rio segundo se mostra a figura 7.

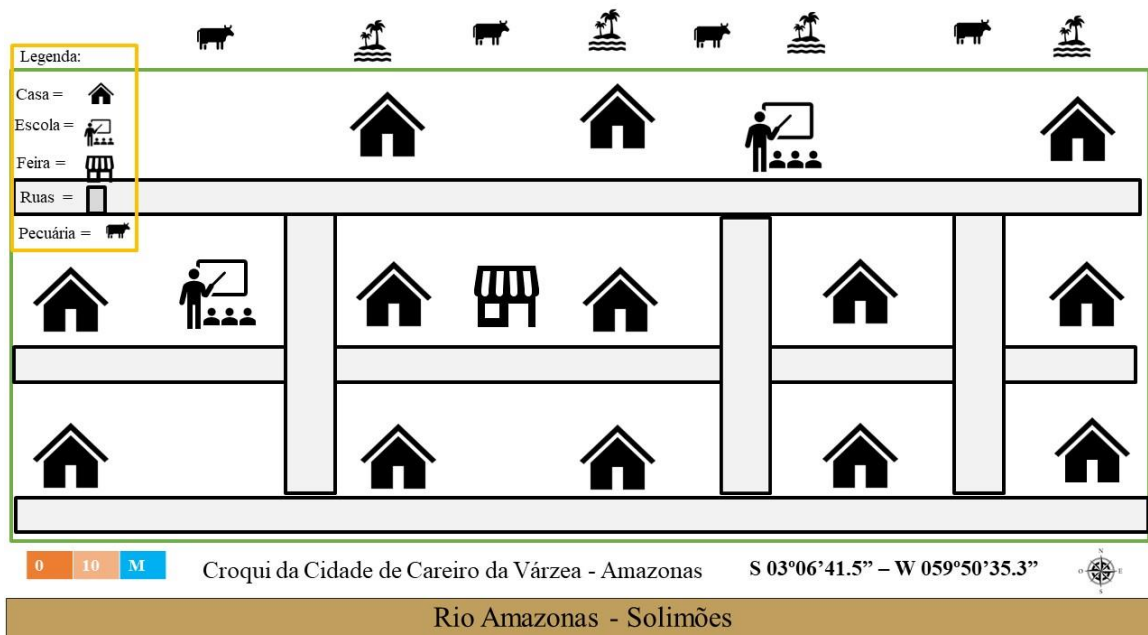
Figura 7. A Praça da Liberdade colorida está presente na cheia e na seca do rio



Figura 7. Praça da Liberdade e a Igreja da Padroeira, à espera do banho em maio do ano seguinte. Em frente à Praça, há escada com 47 degraus de acesso à cidade.
Foto. Maíra Gomes de Souza, dez., 2022.

A cidade de Careiro da Várzea tem 12 ruas, uma avenida e um beco, conforme o croqui demonstrativo da área urbana na figura 08. O geógrafo Marcos Castro de Lima, em artigo publicado em 2008; e em 2014, em sua tese de Doutorado, chama essas cidades na Amazônia de “anfíbias”, já que elas são parciais ou totalmente alagadas, em que as ruas, as praças, as residências privadas, públicas e unidades administrativas são molhadas pelas águas.

Figura 8. Croqui da dinâmica da área urbana e pasto de gado



Fonte: Dados de campo, 2022
Organização. Maíra Gomes de Souza, 2023.

No rio Amazonas, sua morfologia é similar à coluna de uma serpente, pois a maioria das cidades estão nas margens direita, esquerda e nos interflúvios, todas interligadas pelos rios, como se estes fossem uma estrada ou ferrovia, em que durante a cheia os barcos caminham transportando cargas e passageiros, serpenteando as florestas de várzeas e de igapós.

Depois dessas informações sobre o movimento da água na cidade de Careiro da Várzea, agora se passa à discussão no tocante à Escola Francisca Góes, que fica na Comunidade de São Francisco de Assis, no setor norte da Costa da Terra Nova.

3.6. A COMUNIDADE DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS, DA COSTA DE TERRA NOVA

A Comunidade de São Francisco, assim como as demais comunidades do Estado do Amazonas, que participam das estações de subida e de descida do rio Amazonas, só podem ser compreendidas caso se resida no ambiente várzea; a mesma compreensão em relação à maneira como as pessoas criam e recriam planejamentos ou estruturas físicas ou simbólicas para se manterem no espaço-lugar conforme as subidas e as descidas das águas (Tuan, 2012). Talvez essa prática de conviver seja de ligações ancestrais, pois o cronista da primeira expedição que desceu o rio Amazonas, em 1542, descreve que os povos já haviam desenvolvido sistemas, aos quais denominou de “desembarcadouro” (CARVAJAL, 1941, p. 49). A Comunidade de São Francisco e a cidade de Careiro da Várzea ainda utilizam esses sistemas de terminais de desembarque e embarque, tanto no período da cheia quanto no da seca. Na cheia os terminais servem de acesso às residências; já no período de descida da água, a qual vai se afastando das residências, são moldados os terminais que facilitam o embarque e o desembarque. Assim, na observação do frei Gaspar de Carvajal, quando estava próximo do encontro das águas, fez os registros segundo os quais, onde existiam os desembarcadores, havia tantas residências que ele as descreveu como “bairros”, de sorte que em cada bairro havia um terminal exclusivo – talvez essa prática ainda seja possível de se ver na Comunidade de São Francisco, pois em cada residência há um caminho de acesso à margem do rio e à casa.

O acesso à Comunidade é somente por via fluvial, por meio de pequenas embarcações denominadas de “voadeiras” pelos prestadores de serviços que ficam à espera no terminal de embarque e desembarque no CEASA. As voadeiras, por serem pequenas, transportam em média de seis a oito pessoas. Outra alternativa para o deslocamento para a Comunidade de São Francisco pode ser pela Comunidade Bela Vista, que fica na margem esquerda do rio Amazonas, próximo ao lago do Aleixo. Geralmente, pela distância que se encontra a Comunidade de Bela Vista em relação ao Centro Histórico de Manaus, os prestadores de serviços, para atravessar até à Comunidade de São Francisco, o fazem por pequenas canoas

impulsionadas por motor rabeta, denominadas de “pererecas”, ou seja, pelo tamanho, só é possível transportar duas pessoas.

No sentido de alcançar informações a respeito do problema de pesquisa, que são as dinâmicas socioambientais do professor camponês que interagem na Ilha, na Comunidade de São Francisco e na Escola Municipal Francisca Góes, realizaram-se quatro etapas de campo nos anos de 2021, 2022 e 2023.

3.7. A ETAPA DE CAMPO DE 2021

A etapa de campo de 2021 foi realizada no mês setembro; na época, a seca do rio apresentava-se bem significativa, devido à qual havia uma expressiva praia que se estendia por mais de vinte quilômetros paralelamente ao rio Amazonas (Jardim *et al.*, 2021). Devido à grande extensão de praia, a plataforma de embarque/desembarque de cargas e passageiros estava sendo realizada à montante da Comunidade de São Francisco, isto é, na Comunidade de São José. Assim, caminhou-se por mais de três quilômetros para se chegar à Comunidade de São Francisco.

Durante a caminhada, utilizou-se da caderneta de campo para fazer uma descrição exploratória e fecunda de como as comunidades de São José e São Francisco realizavam atividades socioambientais nas estações de sazonalidade do rio. Em pesquisa exploratória e descritiva, o pesquisador parte da premissa de que já tem uma leitura macroconceitual do problema de pesquisa. “Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito” (...) (GIL, 2021, p. 41). Foram nessas perspectivas de Antonio Carlos Gil que se conduziu a etapa de campo, cuja meta fora de registrar a presunção das dinâmicas socioambientais conduzidas pelo professor camponês quando inicia o ápice da seca do rio.

Para realizar os registros, utilizou-se de câmera digital e caminhamento entre as duas Comunidades no sentido (W-E). Percebeu-se que no quintal (Jardim *et al.*, 2021), ao lado das residências e ao fundo, havia diversidades de cultivos de plantas. Nas residências que estão em frente do terminal de embarque e desembarque, havia diversas palmeiras; uma delas era a de bacabeira (*Oenocarpus bacaba*); próximo à casa em que estavam alguns apetrechos de pescaria, havia dois exemplares de cuias (*Crescentia Cujete*), goiabeiras (*Psidium guajava*), gravioleiras (*Annona muricata*) etc., e os cultivos de hortaliças diretamente no solo e suspensos nos canteiros, como couve (*Brassica oleracea*), tomate (*Solanum lycopersicum*), maxixe (*Cucumis anguria*) e outros. E, à medida que o caminhamento avançava, verificava-se

que por debaixo dos assoalhos das residências estavam diversas caixas contendo frutas de bacuri (*Platonia insignis*), de jenipapo (*Genipa americana* L.), de manga (*Mangifera indica*), de cajá (*Spondias lutea*) etc. no aguardo de serem transportadas às feiras em Manaus.

Geralmente, há a reunião dos comunitários para realizarem o transporte das caixas contendo os frutos. Mas o detalhe é que, em alguns trechos do caminho até o terminal de embarque/desembarque, à margem do rio, há uma plataforma de madeira de oito a dez metros de comprimento por quarenta centímetros de largura que está sobre o terreno instável, assim é necessário total equilíbrio do comunitário ou professor camponês no sentido de não cair e despejar os produtos no terreno encharcado.

Nessa etapa de campo a propositura foi fazer o reconhecimento da área onde fica a Escola Francisca Góes e manter o diálogo junto aos comunitários e professores camponeses no sentido de demonstrar, por meio de conversa informal, o desenho preliminar da pesquisa. Na sequência, descreve-se a etapa de campo realizada nos meses de abril e outubro de 2022, na Comunidade de São Francisco.

3.8. AS ETAPAS DE CAMPO DE 2022

As etapas de 2022 foram realizadas em abril e outubro. Na etapa de abril a cheia já havia atingido o nível de 90 (noventa centímetros), ou seja, toda a área da Comunidade estava submersa. A voadeira atracou na plataforma que dava acesso à residência de uma professora que trabalha na Escola Francisca Góes. Conforme o planejamento metodológico tracejado no plano de dissertação, realizou-se o caminhamento em parte da comunidade para ter certa compreensão de como é articulada a mobilidade de docentes e discentes durante os meses de cheia do rio, na Comunidade de São Francisco. Assim, dividiu-se a equipe de pesquisadores²⁷ em três canoas, sendo duas somente com os pesquisadores; e a terceira mista – com a professora camponesa e a pesquisadora; inicialmente o grupo seguiu para o setor (E), pois é nele que está localizada a Escola Francisca Góes.

O grupo percorreu inicialmente seguindo a abertura de cerca de três metros de largura, pois, no período da seca, a vicinal passa defronte às residências dos comunitários. E no momento a cheia atingia o nível de 90 (noventa) centímetros sobre a vicinal; nos primeiros

²⁷ Na etapa do mês de abril de 2022, no sentido de amenizar os custos-benefícios em relação às questões financeiras, foram juntos cinco mestrandos do Programa de Pós-graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia (UFAM), cujos objetos de estudos são também as Comunidades de São José e São Francisco de Assis, ambas na Ilha da Costa da Terra Nova, em Careiro da Várzea – Amazonas.

100 (cem) metros, seguiu-se pela abertura da vicinal submersa. Mas havia algumas unidades de árvores conduzidas pela água no sentido horizontal da vicinal, porém, devido à correnteza promovida pela água, as árvores foram acumulando capim e assim obstruindo a passagem das canoas. A obstrução ocorreu pelo acúmulo das árvores e fez o grupo passar pelos quintais das residências. Nestes, estavam estruturas elaboradas pelos comunitários para os preparativos de subida das águas.

Numa área à direita da vicinal, estavam seis residências e mais o Centro Social da Comunidade; havia um exemplar de bacuri com as folhas bem verdes e os frutos em forma ovalada, cuja cor era amarela. E, assim, à medida que se seguia a caminhada, avistavam-se dezenas de árvores, quase todas com flores e frutos. Foi por debaixo de alguns exemplares de seringueiras (*Hevea brasiliensis*) que estavam as marcas da última cheia de 2021.

As marcas sobre o modo de vida na Comunidade estão, na verdade, registradas e publicadas em livros, artigos, teses e dissertações e apontam que prolongadas mudanças nas estações de cheias e secas do rio são causadoras de algumas árvores mortas (Jardim *et al.*, 2021; Nascimento, 2017). Depois, a cerca de 500 (quinhentos) metros, chegou-se às instalações da Escola Municipal Francisca Góes, onde a água inundava parte do muro de alvenaria, cuja cor era amarela. Os pesquisadores foram recepcionados pela gestora da Escola, a qual informou que os professores, por estarem no final do expediente da manhã, estavam à disposição para o diálogo informal (Gil, 2021). As crianças estavam em atividades de recreação e utilizavam o pavilhão em formato de “U”, com diversas atividades. A professora do Ensino Fundamental I e II, assentada em um cadeira, olhava os(as) discentes (as) e discorreu por meio de conversa informal sobre algumas informações bem sugestivas, dizendo que todas as atividades de recreação, na verdade, são realizadas em ensaios de possíveis riscos, devido ao período de cheia, pois, mesmo a Escola tendo o muro, ocorre a atenção redobrada, pois – informou a docente –, devido ao fato de o igapó estar totalmente alagado, os animais como sucuri (*Eunectes*), jacaré (*Caiman crocodilus*), piranha (*Pygocentrus nattereri*), poraquê (*Electrophorus electricus*) etc. são facilmente avistados. Narrou que já houve caso de ataque de jacaré a uma comunitária, no período de seca do rio. Assim, a prevenção em comunicar os(as) discentes(as) é realizada ao entrar na sala de aula e na saída; e apontou oito alternativas de possíveis riscos de acidentes na Escola, na ida a esta e no retorno à residência, como está relacionado no quadro 1.

Quadro 1. Dinâmicas socioambientais e etnopedagógicas preventivas para evitar acidentes a caminho da Escola e vice-versa, no período de cheia do rio Amazonas.

Itens	Riscos de acidentes por animais	Escola/prevenção	Residência/prevenção	Trajeto (Ida/Volta)
1	Jacaré (<i>Caiman crocodilos</i>)	Durante a recreação, não ficar com os pés e as mãos na água, pois pode trair os animais.	Não ficar na plataforma de acesso à residência; não jogar resíduos de alimentos na água.	Se o trajeto for de canoa, não tocar na água com as mãos.
2	Arraia (<i>Plesiotrygon iwamae</i>)	Antes e ao final da aula, de segunda a sexta-feira, os discentes são informados no desembarque/embarque de não pisarem a calçada submersa, pois é possível ferroadada de arraia.	Não lançar os pés na água, porém, se houver necessidade, usar uma haste de madeira de dois metros de comprimento para ir tocando o solo, no sentido de afugentar os animais.	No período de “friagem”, geralmente, a arraia fica flutuando. Não tentar tocar o animal, pois poderá ser ferrado.
3	Poraquê (<i>Electrophorus electricus</i>)	Não jogar restos de alimento na água, pois poderá atrair animais para o entorno da Escola.	Sempre que chegar para o desembarque na residência, se for subir na escada, observar se há animais peçonhentos.	Se a canoa passar próximo ao capim flutuante, não tocar com as mãos ou pés, pois poderá ser picado por aranha.
4	Piranha (<i>Pygocentrus nattereri</i>)	Caso algum pescador visite a Escola, não embarcar na canoa, pois, se houver o peixe piranha, poderá ser mordido, o que gerará corte em formato da letra “C”.	Não realizar a pescaria utilizando anzol, pois poderá causar acidente. Só praticar se houver o pescador para ensinar o processo de manuseio.	Não embarque na canoa para fazer pescaria sozinho(a). Realizá-la quando acompanhado(a) por mestre experiente.
5	Jararaca (<i>Bothrops jararaca</i>)	Ao desembarcar, observe se há a presença de cobra sobre o tablado de acesso ao portão da Escola. Caso haja, informe a gestão da escola para as providências.	Na residência, não introduzir os membros, mãos e pés em vasos que estejam em locais com pouca iluminação.	Ao embarcar na canoa, observar se há a presença de animais peçonhentos.
6	Sucuri (<i>Eunectes</i>)	No horário de recreação não ir para a plataforma de madeira de acesso à Escola, pois, geralmente, a sucuri, entre 10h e 11h, costuma tomar sol.	Na residência, não ir à “maromba” onde estão as galinhas, patos, cachorros etc. sozinho(a). Se houver necessidade, informe aos pais.	Durante a viagem, não jogar resíduos alimentícios na água, visto que isso pode atrair animais indesejáveis.
7	Aranha-macaco (<i>Phoneutria</i>)	Ao ir ao banheiro, sempre observar na porta ou no vaso sanitário se há a presença de aranha; informe imediatamente a gestão da Escola.	Sempre que chegar da aula, deixar o fardamento em locais adequados no sentido de evitar que a aranha se aloje nas roupas.	Se a canoa passar próximo às árvores no igapó, não lançar as mãos no sentido de evitar o contato com a aranha ou outros animais.
8	Camaleão (<i>Iguana</i>)	Nos dias em que há a	Caso depre com o	Caso a canoa passe

		presença do sol, transitar na Escola na área externa que ainda não está submersa, pois pode estar o camaleão, que, devido à subida das águas, busca refúgios.	camaleão nas árvores em torno da residência, não jogar detritos. Buscar abrigo e alimentos.	por debaixo de árvores, se houver o camaleão, não jogar água nem bater o remo na árvore, pois o réptil pode cair no interior da canoa e causar o seu alagamento
--	--	---	---	---

Fonte. Etapa de campo, abril, 2022.

Organização. Maíra Gomes de Souza, 2023.

Como se observa no quadro 1, as informações obtidas por meio de *ajuri* são uma metodologia interessante, pois tanto o pesquisador quanto o informante são atores sociais que formulam características do meio ambiente, mas só o ator social que convive com as características de comunidade em ambiente de várzea é quem as conhece, pois, no período de cheia do rio, é como se estivesse caminhando em uma avenida cheia de sinais informando o risco que pode ocorrer ao pedestre desatento. Assim, na sala de aula na Escola Francisca Góes, além de discorrer sobre os conteúdos programáticos, também nas estações de sazonalidade, há os lembretes acerca da circularidade entre docente e discente.

Na etapa de campo, outubro de 2022, estava no ápice da estação de seca do rio. As paisagens são compostas por diversas plantas cultivadas em torno das residências na comunidade; na parte leste (E) da Escola, fica a Unidade de Saúde, a Igreja e os *boxes* em madeira, com placas informando o que cada *box* oferecia ao comunitário, nos dias de eventos promovidos pela Igreja. Em torno da Escola Francisca Góes, entre seu muro e uma residência, cujas estruturas estavam comprometidas pela cheia do rio de 2021, havia 48 unidades de cultivo de cubiu (*Solanum sessiliflorum*), cujos frutos, segundo a informação, eram utilizados na dieta do agricultor familiar (Moreira, 2017). A Escola Francisca Góes, conforme Moreira (2017), foi concebida para atender à demanda social na Comunidade:

Localizada na comunidade São Francisco, Costa de Terra Nova, no município de Careiro da Várzea, no Amazonas, distando cerca de treze quilômetros em linha reta da cidade de Manaus, capital do Estado, a escola Municipal Professora Francisca Góes dos Santos tem seu ato de criação firmado pela Lei Municipal n.º 022/90, de 21 de agosto de 1990. Entretanto documentos oficiais como dados de matrícula e atas de resultados finais de algumas turmas dão conta de que já no ano de 1983 a escola estava em funcionamento atendendo às turmas multisseriadas e programas de alfabetização de adultos promovidos em convênio da prefeitura com o governo federal como o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL) e o Projeto Conquista (MOREIRA, 2017, p. 38).

Hoje, a escola encontra-se com as estruturas em alvenaria, colunas, paredes; parte das vigas é de ferros de cantoneiras, telhado em alumínio; toda a área externa tem o muro com acerca de um (1) metro de altura, sobre o qual há grades de ferro. As salas de aula são todas equipadas com ar refrigerado. As figuras 9 e 10 demonstram uma panorâmica da escola nas estações de sazonalidade.

Figura 9 e 10. Placa comemorativa, o nível da água no muro e a plataforma de acesso ao interior da Escola Francisca Góes.



Figura 9. Placa anunciando a reforma em 07 de junho de 2003.

Foto. Carlos Augusto da Silva, arb., 2022.

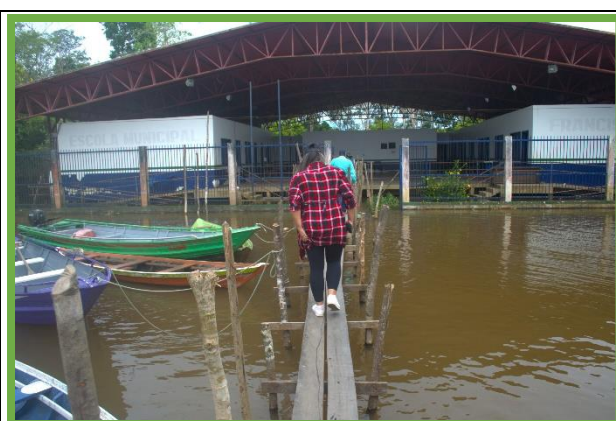


Figura 10. As canoas em alumínio e madeira é que transportam os docentes e os discentes à Escola.

Qualquer descuido, pode-se cair.

A consulta aos arquivos da Escola – e mais as informações obtidas por meio de entrevistas informais (Gil, 2021) e o formulário semiestruturado – apontam que atualmente o efetivo de professores da Escola São Francisco Góes dos Santos é de dez docentes (10). E, na etapa de campo, em outubro de 2022, foram realizadas as consultas somente a 50% do efetivo dos(as) professores(as) apesar de haver o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Para não expor nominalmente os agentes (professor(a)/camponês(a), optou-se por registrar o sexo e demais dados utilizando-se nomes das plantas cultivadas pelos(as) professores(as) que estão em torno da Escola ou na comunidade. Por exemplo, a Senhora “A” ficou denominada de arruda²⁸. No quadro 2, estão as descrições angariadas no formulário semiestruturado e mais as conversas informais, pois, na acepção de Gil (2021), caracteriza-se assim a “condução das entrevistas”:

²⁸ No Amazonas, geralmente, quando a criança nasce, os pais, tios ou avós costumam denominá-la por um nome que eles chamam de “apelido”, “pseudônimo”. Por exemplo: se a criança é do sexo masculino e o nome registro de nascimento é Manoel, seu apelido será “Manduquinha”; se for do sexo feminino, no registro de nascimento for de Maria, o apelido será de “Maroca”. Na verdade, a criança só saberá do seu nome correto, o de filiação, quando chegar à Escola.

É fácil verificar como entre todas as técnicas de interrogação a entrevista é a que apresenta maior flexibilidade. Tanto é que pode assumir as mais diversas formas. Pode caracterizar-se como informal, quando se distingue da simples conversação apenas por ter como objetivo básico a coleta de dados. Pode ser focalizada quando, embora livre, trate de tema bem específico, cabendo ao entrevistador esforçar-se para que o entrevistado retorne ao assunto após alguma digressão. Pode ser parcialmente estruturada, quando é guiada por relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. Pode ser, enfim, totalmente estruturada quando se desenvolve a partir de relação fixa de perguntas. Nesse caso, a entrevista confunde-se com o formulário (GIL, 2021, p. 117).

Seguindo a linha de raciocínio de Antonio Carlos Gil, utilizaram-se duas ferramentas de coleta de dados: a) o formulário semiestruturado; b) a caderneta de campo. As técnicas foram sedimentadas como se estivesse em sala de aula; a conversa era sobre formação continuada do professor: nível (Graduação, Especialização, Mestrado e Doutorado), se gosta de ser professor do campo, como evitar acidente com animais peçonhentos etc., conforme segue no quadro 2.

Quadro 2. Algumas características de dinâmicas etnopedagógicas e socioambientais do(a) professor(a) camponês(a) dos efetivos na Escola Francisca Góes dos Santos.

Ord	Pseudônimo (Prof.(a))	Formação ²⁹ continuada	Ser v. Est.	T. Serviço	Teoria Pedagógica	Cultiva planta medicinal	Gosta da Profissão	Pesca dor(a)	Agric. Familiar
1	Fava*	Graduação e Mestrado	Sim	20 anos	Não informou	Sim	Sim	Sim	Não
2	Ambé*	Graduação Especialização Mestrado Doutoranda	Sim	29 anos	Freiriana	Sim	Sim	Não	Sim
3	Abelha*	Graduação Especialização	Sim	10 anos	Freiriana	Não	Sim	Não	Não
4	Capitari**	Graduação Especialização Mestrado Doutorando	Sim	24 anos	Freiriana	Não	Sim	Sim	Não
5	Jenipapo**	Graduação	Sim	32 anos	Freiriana	Não	Sim	Sim	Sim
Total		5. Graduação 2. Especialização 2. Mestrado 2. Doutorando	5	Média de 21 anos	4	2	5	3	2

Fonte. Dados de campo, out., 2022.

Organização. Maíra Gomes de Souza, 2023.

*Sexo feminino

**Sexo masculino

²⁹ “Nos últimos anos, observamos que se tem fortificado, no panorama pedagógico brasileiro, o olhar na formação docente. Esse fato pode ser constatado no reforço da ideia de que uma política de formação não deve coexistir a partir de ações isoladas e fragmentadas, que não reformulem a concepção de práticas pedagógicas concebidas por meio de cursos com atividades múltiplas e dissociadas da produção de conhecimentos” (MAGALHÃES; AZEVEDO, 2015, p. 26).

As ferramentas metodológicas foram o formulário semiestruturado, as entrevistas informais, formais por meio de rodas de conversas, os *ajuris*³⁰, e mais as anotações na caderneta de campo, contendo 42 (quarenta e duas) afirmativas em relações às dinâmicas socioambientais, contudo, pela natureza da pesquisa básica (Gil, 2021), utilizou-se a ferramenta do tipo folhas que caem na canoa do pescador quando sai do igapó³¹, ou seja, folhas repetidas típicas de ambiente de várzea, como as de jenipapo, de imbaúba, assim as abordagens qualitativa e quantitativa deram vozes ao objeto de pesquisa, de forma que o todo e as partes se conectam ao balé do desconhecido (Morin, 2010). As rodadas de conversas informais das quatro etapas de campo, em 2021, 2022 e 2023, foram produtivas, pois se conseguiu compreender alguns fatores que contribuem para tais dinâmicas. Dentre um universo de 42, o primeiro que ficou implícito ou esclarecedor diz respeito à formação continuada do professor do campo ou camponês:

Quando encaramos como amazônicos, nascidos e criados nesta região do País, o desafio da formação, sentimos que o processo fica mais interessante. Trata-se de um desafio diferente, lócus diferente, realidade que assume uma nova roupagem, saberes, experiências, que devem ser trabalhados mantendo o respeito pelas comunidades, ao ecossistema, à preservação, entre outros.

A formação tem sua gênese na base escolar, onde a prática precisa ser pensada e repensada, e poderá nos levar às ações escolares que possam integrar o indivíduo ao seio da sociedade com normas de conduta social e valores, outrora vigentes, que nos dias atuais desapareceram. Urge que o redirecionamento sobre a formação seja revisto. O futuro professor deve ter em mente que a existência humana só é produzida pelo próprio homem e só por ele pode ser alterada. Lembrando que é comum que muitos pensem ser a escola um espaço neutro, apolítico, isolada das divergências da sociedade, o que é ilusório (LOPES; GHEDIN; MASCARENHAS, 2019, p. 453).

As reflexões de Lopes; Ghedin; Mascarenhas (*idem*) talvez estejam de acordo com as afirmativas dos(as) professores(as) camponês(as), pois 100% possuem graduação, cujos cursos são em Pedagogia, História e Ciências Biológicas, 100% cursaram especializações, 60% são mestres, cujos objetos de pesquisas são a educação e o ambiente como o lugar de fala (Tuan, 2012), além de dois professores cursando doutorado em Universidade Pública. Pelas informações obtidas tanto nos formulários, quanto nas entrevistas e nas anotações na

³⁰ Expressão dos(as) professores(as) camponeses(as) ou outras categorias de trabalhadores, como agricultor familiar, castanheiro etc., em que os vizinhos são convidados a contribuir com certas atividades de trabalho, sem receber honorário, ou seja, a amizade de contribuir ao bem-estar social e coletivo.

³¹ Geralmente, quando o(a) pescador(a) planeja ir à pecaria, em ambiente de várzea, ele(a) leva consigo os utensílios apropriados para cada tipo de pescaria; por exemplo, se a pescaria for de caniço, por debaixo das árvores fruístes, e à medida que caminha no igapó, quando a canoa se choca com as árvores, a tendência é que as folhas verdes ou secas caiam dentro da canoa. Assim, essa estratégia metodológica foi observada em uma canoa de uma pescadora da Ilha de Terra Nova, que, ao voltar da pescaria, realizava a limpeza de sua canoa. As folhas maiores como as da imbaúba a pescadora retiravam com as mãos; já as pequenas, reunia e retirava com a cuia e a água existente na canoa.

caderneta de campo, conforme estipulado no problema de pesquisa, que versa sobre as dinâmicas socioambientais dos professores camponeses da Escola São Francisca Góes dos Santos, nota-se que eles são polivalentes, pois, em média, têm 21 anos de efetivos exercícios na profissão de professor(a) camponês(a); e 90% realizam pesquisas sobre o ambiente³² e as repassam aos(às) discentes(as), seguindo a teoria pedagógica do educador Paulo Freire, segundo o qual o processo do conhecimento parte da observação, em que a autonomia de “Escutar é obviamente algo que vai mais além da possibilidade auditiva de cada um” (FREIRE, 1996, p. 119). Talvez o ato de escutar seja uma espécie de conhecer o desconhecido, pois, na Ilha de Terra Nova, parte-se do princípio de que o velho e o novo surgem como se fossem o rebojo dos abraços dos rios Amazonas-Solimões e Negro. E, assim, as relações sociais possivelmente estão afixadas nas cores das residências, na Escola, nas árvores etc. – tudo por meio da sociabilidade de cada ator social.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O levantamento nas fontes de referências que discutem questões em relação à Educação brasileira é bem vasto, pois, se fizer uma escavação profunda ao tema, esta resultará em literaturas vastas, porém as práticas de gestões, às vezes, são desconectadas das realidades em todo o Norte e Nordeste do País. Na Amazônia, pela sua dimensão em parâmetros continentais, é vasta. E, assim, as comunicações vindas de políticas públicas às vezes não atendem a diversidades regionais. Exemplos são as áreas de planícies alagáveis, pois a sazonalidade abre desafios para uma educação igualitária, como está explícito na Constituição de 1988 e na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB).

Na Escola Francisca Góes dos Santos, seu quadro funcional é composto de dez (10) professores, todos concursados, com uma média de 21 anos de efetivos exercícios. Quanto ao plano metodológico aferido para o problema de pesquisa, as dinâmicas socioambientais são vastas, e todos possuem níveis de graduação, especialização, mestrado; e dois professores encontram-se em pleno curso doutoral. Então, pelos níveis de escolaridade, as entrevistas apontam que 90% realizam as práticas de pesquisa nas áreas das ciências humanas, naturais e agrárias, mas os destaques são voltados às assinaturas de suas ancestralidades, que têm amplos saberes em relação ao tratamento da terra, da água e da floresta, pois as pesquisas produzem efeitos salutares e, assim, expressam e realizam significativos controles dos itens

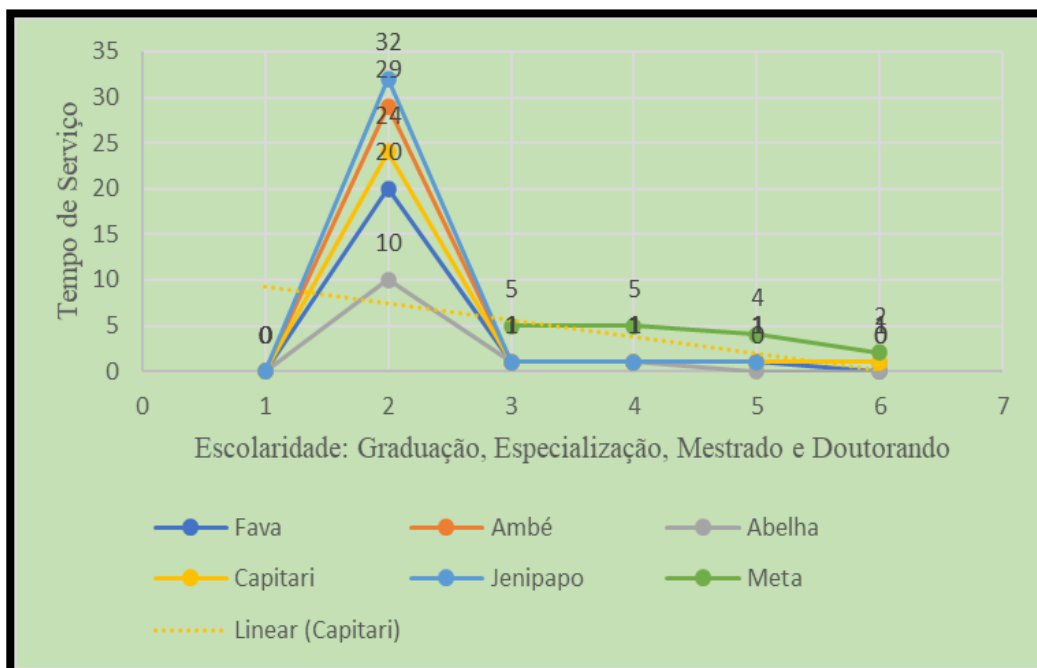
³² As pesquisas cuja âncora recai sobre os contextos de acostumados ou adaptados (Morin, 1994) às sazonalidades no ambiente de várzea, na Ilha do Careiro.

estipulados pelas Nações Unidas; no caso, os objetivos (ODS), que são 17. O objetivo 4 (quatro) é o da educação, como afirma Costa *et al.*, (2018).

A meta 4. “Até 2030, aumentar substancialmente o número de jovens e adultos que tenham habilidades relevantes, inclusive competências técnicas e profissionais, para emprego, trabalho decente e empreendedorismo” (Plataforma Agenda 2030, 2017); o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 4 (ODS 4) trata especificamente da oferta de educação para o desenvolvimento de pessoas com habilidades e capacidades técnicas e profissionais, de modo a garantir-lhes acesso a trabalho e emprego decentes, mas também para a formação de pessoas capazes de inovar e empreender. No meio rural, a baixa escolaridade, somada à falta de habilidades e competências, apresenta-se como um dos principais problemas que limitam e restringem a apropriação dos conhecimentos e a adoção das tecnologias. Disseminar conhecimento e soluções tecnológicas e estimular a aprendizagem investigativa da ciência são ferramentas capazes de mudar esse cenário, contribuindo para a ampliação do bem-estar das comunidades rurais, bem como para a geração e a incorporação de tecnologias capazes de promover o desenvolvimento rural sustentável. (COSTA, *et al.*, 2018, p. 44).

Então, nessa linha de perspectiva dos objetivos, quanto ao item 4 dos ODS das Nações Unidas, os professores concursados da Escola Francisca Góes dos Santos vêm praticando parte dos objetivos, pois, no que toca à educação, à escolaridade dos docentes, a maioria vem de escolas públicas. Talvez por gostarem da profissão, apresentam níveis de formações continuadas de escolaridade satisfatória, conforme está no gráfico 1, com as escalas dos professores com tempo de exercício do magistério do ensino fundamental.

Gráfico 1. Escolaridade e escala de Tempo de Serviço no Magistério na Escola Francisca Góes dos Santos



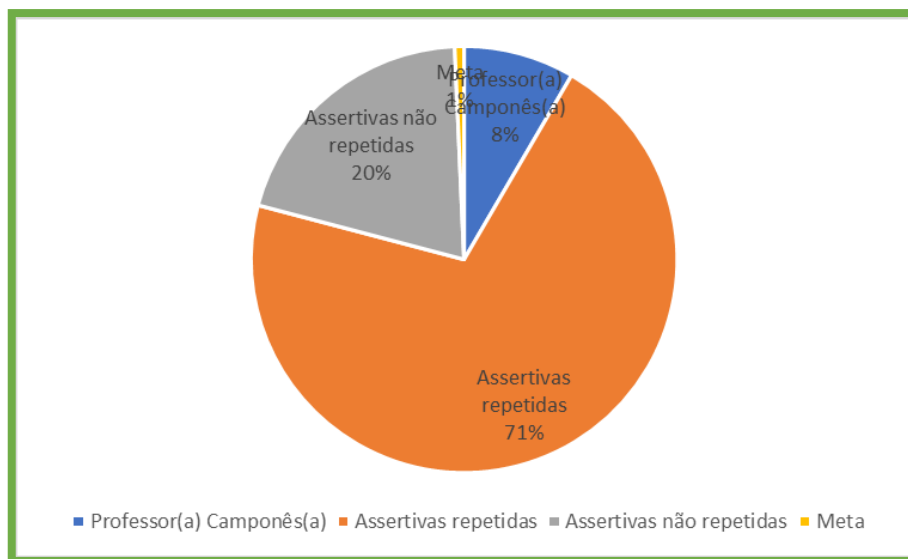
Fonte. Dados de campo, out., 2022.
Organização. Maíra Gomes de Souza, 2023.

Das 42 (quarenta e duas) afirmativas, somente 12 (doze) não foram repetidas, ou seja, 22,58%, conforme está no gráfico 2, que tratava de *Como foi a formação de professor(a)*; as demais estavam abordavam as habilidades em atividades como a agricultura familiar (Moreira, 2017), desenvolvida na Ilha de Terra Nova, que segue um padrão como se fosse um relógio ancorado no alto de uma sumaúma (*Ceiba pentandra*), pois, se o cultivo for em terra úmida, obedece ao calendário de seca do rio. Mas, se for no período de cheia, ocorre o chamado cultivo de *jiraus* suspensos; o solo é transportado para os *jiraus*, e depois são cultivadas as hortas suspensas. No entanto, devido aos eventos extremos (Jardim, 2021), os cultivos, de certa maneira, são afetados. Numa assertiva, foram observados entre as residências e a Escola alguns montículos de solo, em média de dois metros de elevação em relação ao nível do rio, para serem utilizados pelos agricultores familiares ou professor(a) camponês(a), durante a cheia e a seca do rio. Da consulta realizada aos(às) professores(as) camponeses(as), somente três, ou seja, 60% fazem as práticas de cultivos de hortaliças e plantas medicinais nas modalidades supracitadas.

Já no item pescaria, somente um(a) professor(a) camponês(a) não realiza essa atividade, pois tem receio de ataque de jacaré, isto é, 10% enfatizam que todos os seres vivos são membros ativos de manter o equilíbrio do ecossistema vivo e respirando, assim a floresta é alvo de cuidados. E 60%, isto é, três professores(as) camponeses(as) utilizam-se da rede de Internet pela manhã; já 40%, dois professores(as), se servem dela pela tarde e à noite. Assim, mesmo a Comunidade estando próximo a Manaus, esse serviço tanto na Escola quanto nas residências dos professores ainda é deficitário. Já em relação aos itens de convidar pessoas de ambos os gêneros (masculino e feminino, de idade de 60 a 70 anos) da Comunidade e de outras comunidades para dialogar em relação às suas experiências de vidas, somente três, 60%, realizam essas práticas, mas com as medidas protetivas contra a *covid-19*³³.

³³ “RESOLUÇÃO CIB/AM N.º 049/2022, DE 28 DE MARÇO DE 2022”

Gráfico 2. Distribuição de informações sobre as dinâmicas sociais ambientais repetidas e não repetidas.



Fonte. Dados de campo, 2022.

Organização. Maíra Gomes de Souza, 2023

As 30 (trinta) assertivas estão relacionadas às atividades que se classificou como *gerais*, pois versam em relação às dinâmicas etnopedagógicas, e todas estão regulamentadas no eixo central da água, ou seja, as atividades pedagógicas e administrativas seguem o comando de subida e de descida (sazonalidade) da água. Assim, os tempos históricos e geográficos são um relógio que aqui se denominou de *pêndulo etnopedagógico* (figura 10), em que as categorias de professor(a) camponês(a), pescador(a), agricultor(a) familiar são semeadores(as) de conhecimento aos adolescentes e jovens na Escola Francisca Góes dos Santos, localizada na Comunidade de São Francisco, da Ilha da Costa da Terra Nova, em Careiro da Várzea, no Amazonas, contribuindo para a manutenção da floresta de igapó, que a cada vinda e ida da água deixa as pinturas de cores marrom, acinzentada e escura nas paredes externas da Escola, nas paredes das residências, nos *jiraus* das hortas suspensas, nas canoas que transportam o(a) professor(a), o(a) discente, os comunitários na floresta cultivada de forma coletiva por pessoas e animais que vivem nesse relógio de anfiteatro do conhecer o desconhecido e de “escutar e ouvir” (FREIRE, 1996, 119).

Imagem 03. Relógio Etnopedagógico na Escola Francisca Góes dos Santos.



Imagem 03. Dados de campo do anfiteatro de vidas de conhecimento sobre o tempo da água na Escola Francisca Góes dos Santos.
Organização. Maíra Gomes de Souza, 2023.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de escutar e de ouvir possibilitou atingir o objetivo do capítulo, que se propusera a compreender e a entender parcialmente como ocorriam as dinâmicas socioambientais planejadas e dialogadas na Escola, advindas do seu coração administrativo, sob a orientação da cheia e da seca do rio na Ilha de Terra Nova.

As etapas de campo em 2021, 2022 e 2023 foram importantes para se ter uma linha temporal de como são realizadas as mobilidades dos(as) professores(as) camponeses(as) e discentes da Escola Francisca Góes dos Santos.

E os(as) professores(as) *mergulham* no tempo de cheia e de seca do rio para autogestarem o relógio etnopedagógico com que trabalham. Conforme a acepção de Leandro Tocantins (2000), a sazonalidade pode estar na terra úmida ou sobre a água. A canoa é o artefato que tem as digitais de cada professor(a), de cada discente, pois é ela que os transporta no tempo de cheia; já na seca as motocicletas, as bicicletas etc. são os transportes que levam ao conhecido e ao desconhecido. Assim, as dinâmicas socioambientais pedagógicas dos(as) professores(as) camponeses(as) estão magistralmente alinhadas aos objetivos da ONU, principalmente no item quatro, que trata da educação em redes.

6. REFERÊNCIAS

ACUNÃ, Cristóbal de Sacerdote, 1597-1675. Novo descobrimento do grande rio das Amazonas. Tradução de Helena Ferreira; revisão de Moacyr Werneck de Castro; revisão de José Tedin Pinto. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

AZEVEDO, Fernando *et al.* Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores 1959– Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 122 p. – (Coleção Educadores)

BRASIL, LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p.

CAMARANO, Ana Amélia. Como a História Tratou a Relação entre População e Desenvolvimento Econômico no Novo Regime Demográfico: *In.* (Org.). CAMARANO, Ana Amélia. Uma nova relação entre população e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Ipea, 2014.

CARVAJAL, Frei Gaspar de [1504-1584]. Relação do famosíssimo e muito poderoso rio chamado Marañón. Trad. Auxiliomar Silva Ugart. Manaus: Editora Valer, 2021.

COSTA, Joanne Régis, *et al.* Educação de qualidade: contribuições da Embrapa editoras técnicas. – Brasília, DF: Embrapa, 2018.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO AMAZONAS. RESOLUÇÃO CIB/AM Nº 049/2022 DE 28 DE MARÇO DE 2022.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2021.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JARDIM, L. W. L *et al.* A influência de eventos hidrológicos extremos sobre a diversidade florística em quintais agroflorestais. Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais, v.12, n.9, p.104- 117, 2021.

LIMA, Marcos Castro de. A Cidade, o Urbano e o Rio na Amazônia. Revista ACTA Geográfica, ANO II, n.º 3, jan./jun. de 2008. p.107-117.

LIMA, Marcos Castro de. Quando o amanhã vem ontem: a institucionalização da região metropolitana de Manaus e a indução ao processo de metropolização do espaço na Amazônia Ocidental. Tese (Doutorado em Geografia Humana) defendida junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: setembro, 2014.

LOPES; Enildo Batista; GHEDIN, Evandro; MASCARENHAS, Suelly A do N. Desafios na Formação de Professores na Amazônia Brasileira na Perspectiva da Etnomatemática. Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem-Estar. Ano 3, Vol. V, Número 2, Jul- Dez, 2019, p. 446-459.

MAGALHÃES, Lúgia Karam Corrêa de; AZEVEDO, Leny Cristina Soares Souza. Formação Continuada e Suas Implicações: Entre a Lei e o Trabalho Docente. Cad. Cedes, Campinas, v. 35, n. 95, p. 15-36, jan.-abr., 2015.

MARTINS, Ayrton Luiz Urizzi. Conservação da Agrobiodiversidade: Saberes e Estratégias da Agricultura Familiar na Amazônia. Fl.2015. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas (PGCASA-UFAM), 2016.

MOREIRA, Valdenir Fábio de. A práxis ambiental na escola rural Professora Francisca Góes dos Santos, Careiro da Várzea, Amazonas, Brasil. (Dissertação de Mestrado) do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e sustentabilidade na Amazônia, 2017.

MOURÃO, Ivens Roberto de; COLOMBINI; Rogério. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA; Companhia Nacional de Abastecimento – Conab; Diretoria de Gestões de Estoques – Diges; Superintendência de Programas Institucionais e Sociais de Abastecimento – Supab; Gerência de Modernização do Mercado Hortigranjeiro – Gehor; Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro – Prohort PNUD/Conab BRA 03/034. MANUAL I Breve História do Sistema de Ceasas no Brasil (1960 a 2007). Brasília: 2008.

NASCIMENTO, A. C. S. Resiliência e adaptabilidade dos sistemas socioecológicos ribeirinhos frente a eventos climáticos extremos na Amazônia Central. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

NOMA, Amélia Kimiko; CZERNISZ, Eliane Cleide da Silva. TRABALHO, EDUCAÇÃO E SOCIABILIDADE, 2010.

SILVA, C. A.; BRITO, A. K. R; FRAXE, T. J. P. Digitais do gênero feminino nas cerâmicas contemporâneas e possivelmente nas peças arqueológicas no Amazonas – Brasil Revista Terceira Margem Amazônia, v. 6, n.15, p.166-181.2020. Doi: <http://dx.doi.org/10.36882/2525-4812.2020v6i15p166-181>.

STERNBER, Hilgard O ‘Reilly. A Água e o Homem na Várzea do Careiro. 2.^a Ed., Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

TOCANTINS, Leandro. O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia. 9.^a ed., rev., Manaus: Editora Valer, Edição Governo do Estado, 2000.

TUAN, Yi-fu. Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo: Difel, 2012.

CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAIS

A Amazônia, de modo geral, é intrigante, pois os rios são as suas estradas. Quem não tem costumes de se locomover nos barcos regionais, devido ao balanço dos banzeiros produzidos pelos ventos, às vezes fica com mal-estar. Subir o rio Madeira, o Purus, o Juruá, o Japurá etc. leva dias, o que pode levar os passageiros ao estresse. Nas escolas da várzea, os(as) professores(as) camponesas(as) dependem dos desafios oriundos dos rios para caminharem até as escolas, o que, no período de chuvas, requer sua habilidade para trafegar nesses ambientes.

No levantamento das referências em relação à educação brasileira, notou-se que a temática é bem dinâmica. Por exemplo, a Lei de 1827, do Brasil Império, instituiu o ensino das primeiras letras em todo o território brasileiro, porém, devido às questões geográficas, não era igualitário.

A pesquisa realizada nos meandros das escolas do município de Careiro da Várzea identificou que o profissional da Educação que reside no Amazonas, afastado de área urbana, tem de ser um profissional polivalente, pois atua em espaços em que só é possível viver pelo esforço coletivo e também pela união.

A ida e as travessias do rio Amazonas para chegar à área de pesquisa mostraram que tanto o professor quanto os discentes passam por etapas de seca e de cheia do rio, que só podem ser contornadas pela força de vontade de cada ator social. Nesse sentido, a pesquisa em escolas camponesas deve continuar, pois só assim será possível disseminar que é por meio da escola que o saber e o conhecimento são difundidos em escalas exponenciais, e as práticas e as experiências realizadas durante a sazonalidade dos ambientes de várzea mostram que os galhos das árvores são os protetores daqueles cujo desafio é propiciar a educação mesmo em cenários dinâmicos como os das escolas de Careiro da Várzea.

REFERÊNCIAS GERAIS POR CAPÍTULO

CAPÍTULO 1.

AB'SABER, Aziz Nacib. *Ecosistemas do Brasil*. Marigo. São Paulo: Metalivro, 2008.

AB'SABER, Aziz Nacib. *Os Domínios de Natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas*. São Paulo: Ateliê Editora, 2003.

ALBUQUERQUE, Dayse da Silva; GÜNTHER, Isolda de Araújo. Onde em nós a casa mora? Os ambientes residenciais nas relações pessoa-ambiente. *In Psicologia ambiental em contextos urbanos [recurso eletrônico]* (Org). HIGUCHI, Maria Inês Gasparett, PATO, Ariane Kuhnen, Claudia. 1. ed. – Florianópolis: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019.

BALLÉ, William. Transformação da paisagem e mudanças da língua: Um estudo de caso em Ecologia Histórica. *In Sociedades Caboclas Amazônicas: Modernidade e invisibilidade*. (Orgs.) ADAMS, Cristina; MURRIETE, Rui; NEVES, Walter. São Paulo: Annablume, 2006.

BECKER, Bertha. Geopolítica da Amazônia. *ESTUDOS AVANÇADOS* 19 (53), 2005.

BRASIL. Constituição Política do Império do Brasil: Carta de Lei de 25 de março de 1824. Disponível em: < <https://www.monarquia.org.br>. Acesso em: jan. 2022.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo: Notas para Uma Análise de Percurso. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro: v. 7 n. 1, p. 35-64, mar. jun.2009.

CARVAJAL, Frei Gaspar de [1504-1584]. *Relação do famosíssimo e muito poderoso rio chamado Marañón*. Trad. Auxiliomar Silva Ugart. Manaus: Editora Valer, 2021.

CLEMENT, Charles Roland *et al.* Domesticação de plantas cultivadas na bacia do alto rio Madeira. *Bol. Mus. Pará. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 11, n. 1, p. 193-205, jan.-abr. 2016.

DEMO, Pedro. *Metodologia do conhecimento científico*. São Paulo: Atlas, 2013.

FELÍCIO, Munir Jorge. APONTAMENTOS DE EPISTEMOLOGIA AMBIENTAL. *Geoambiente On-line*, n. 21 (dezembro 13, 2013). Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/geoambiente/article/view/27844>. Acesso em: março 26, 2022.

FERREIRA, Alexandre Rodrigues (1756-1815). *Viagem Filosófica ao Rio Negro*, 2. ed., (orgs.) SANTOS, Francisco Jorge; URT, Auxiliomar Silva; OLIVEIRA, Mateus Coimbra. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas e Editora do Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia, 2007.

FRAXE, Therezinha de Jesus. Pinto. *Cultura Cabocla Ribeirinha: Mitos, lendas e transculturalidade*. 2.^a edição, São Paulo: Annablume, 2010.

FRAXE. Therezinha de Jesus. Pinto. *Homens anfíbios: Etnografia de um campesinato das águas*. 2.^a ed. São Paulo: Annablume, v.1. 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática social*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de pesquisa*. (Org.), coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

GOLDENBERG, Mirian. *A Arte de Pesquisar*. Ed. Record, São Paulo, edição 9, 2004.

GROOT, Judith I.M de; STEG, Lindasteg. VALUE ORIENTATIONS AND ENVIRONMENTAL BELIEFS IN FIVE COUNTRIES Validity of an Instrument to Measure Egoistic, Altruistic and Biospheric Value Orientations. *JOURNAL OF CROSS-CULTURAL PSYCHOLOGY*, Vol. 38 No. 3, May 2007 318-332. Disponível: https://www.researchgate.net/publication/247723935_Value_Orientations_and_Environmenta_l_Beliefs_in_Five_Countries. Acesso em: 19 mar., 2022.

JUNK, Wolfgang J. *et al.* *Várzeas Amazônicas: Desafios para um Manejo Sustentável*. Manaus: Editora do INPA, 2020.

KUHN. Thomas S. *A estrutura das revoluções científicas*, 7.^a ed. Perspectiva: São Paulo, 2013.

LEFF, Enrique. *Saber ambiental: Sustentabilidade, Racionalidade, Complexidade e Poder*. 9.^a ed. Petrópolis, Ed. Vozes, 2012.

FRAXE, Therezinha de Jesus. Pinto. *Cultura Cabocla Ribeirinha: Mitos, lendas e transculturalidade*. 2.^a edição, São Paulo: Annablume, 2010.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática social*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LEFF, Enrique. *Saber ambiental: sustentabilidade, Racionalidade, complexidade, poder*. 8.^a Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Fundamentos de metodologia científica*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

MEDEIROS, Maria Franco Trindade; ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. *Dicionário Brasileiro de Etnobiologia e Etnoecologia*. Recife: Nupeea, 2012.

MELLO, Thiago de. *Amazonas Pátria da Água*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3):621-626, 2012.

MORÁN, Emílio F. Adaptabilidade Humana: Uma Introdução à Antropologia Ecológica. Tradução de Carlos E. A. Coimbra Jr. e Marcelo Soares Brandão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alce Sampaio Dória. Ed. 14.^a revista e modificada pelo autor. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MOTA, Silvio, R. F. Desenvolvimento Sustentável. Vol. 4, n. 1, maio de 2008.

NEVES, Eduardo Góes. Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central. São Paulo: Ubu Editora, da Universidade de São Paulo, 2022.

PATO, Claudia. Psicologia ambiental em contextos urbanos [recurso eletrônico. eletrônicos. – 1. ed. Florianópolis: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019.

PORRO, Antonio. As crônicas do rio Amazonas. 2. ed., rev. e atualizada. Manaus: EDUA, 2016.

PRESTES CARNEIRO, Gabriela *et al.* Subsistence fishery at Hatahara (750–1230 CE), a pre-Columbian central Amazonian village, 2015. Disponível em: <http://ees.elsevier.com/jasrep>>. Acesso em: 3 dez. 2021.

SILVA, Carlos Augusto da. Área de Interface Ceramista Pretérita: A Coleção Arqueológica José Alberto Neves. Fl. 210. Tese de Doutorado, Programa de Sociedade e Cultura na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas, 2016.

STERNBERG, Hilgard O 'Reilly. A Água e o Homem na Várzea do Careiro. 2.^a Ed., Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998.

THIOLLENT, M. Metodologia de pesquisa-ação. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TOCANTINS, Leandro. O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia. 9. ed., rev., Manaus: Editora Valer, Edição Governo do Estado, 2000.

TUAN, Yi-fu. Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo: Difel, 2012.

VEIGA, José Eli da. Desenvolvimento sustentável, que bicho é esse? Campinas, SP: Autores Associados, 2008. (Armazém do Ipê).

VIEIRA, José Guilherme Silva. Metodologia de Pesquisa Científica na Prática. EDITORA FAEL, 2012.

WITKOSKI, Antonio Carlos. Terras, florestas de águas e de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2021 (série: Amazônia, a terra e o homem).

Yin, R.K. Pesquisa qualitativa do início ao fim [recurso eletrônico]; tradução: Daniel Bueno; revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso 2016.

CAPÍTULO 2

ALBUQUERQUE, Dayse da Silva; GÜNTHER, Isolda de Araújo. Onde em nós a casa mora? Os ambientes residenciais nas relações pessoa-ambiente. *In* Psicologia ambiental em contextos urbanos [recurso eletrônico] (Org). HIGUCHI, Maria Inês Gasparett, PATO, Ariane Kuhnen, Claudia. 1. ed. – Florianópolis: Edições do bosque/CFH/UFSC, 2019.

ARROY, Miguel G. Que Educação Básica para os Povos do Campo? Palestra proferida no Seminário Nacional “Educação Básica nas Áreas de Reforma Agrária do MST”, 2005.

ASSIS, Relato Linhares de. Desenvolvimento rural sustentável no Brasil: perspectiva a partir da integração de ações públicas e privadas com base na agroecologia. *Eco. Aplic.* 10(1): Campinas, SP, 75-89, 2006.

BRANCO, Antonio Venâncio Castelo; PASSOS, Valdenice Serudo. Gestão participativa na escola: uma experiência na casa familiar rural de Boa Vista do Ramos – AM, *REVISTA IGAPÓ – IFAM*, 2012. Disponível em: <<https://www.google.com.br/search>>. Acesso em: out., 2018.

BRASIL CONSTITUIÇÃO FEDERAL. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao1891.htm>. Acesso em: out., 2023.

BAZE, Abrahim. Ferreira de Castro: Um imigrante português na Amazônia. 3.^a ed. revista e ampliada. Manaus: Editora Valer, 2012.

BORGES, Heloísa da Silva.; MOURÃO, Arminda Rachel. (Org.). Trabalho e Educação do/no Campo: Agricultura familiar, agroecologia e alfabetização ecológica. 1. ed. Manaus, Amazonas, Brasil: Editora da UFAM, 2016.

BEHRING, Elaine Rossetti; BOSCHETTI, Ivanete. Política social, fundamentos e história. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CALDART, Roseli Salete. Educação do Campo: Notas para uma Análise de Percurso. *Trab. Educ. Saúde*, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009.

CASTELLS, Manuel. Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1824-1899/constituicao-35041-25-marco-1824-532540-publicacaooriginal-14770-pl.html>>. Acesso em: out., 2021.

CARVAJAL, Frei Gaspar de [1504-1584]. Relação do famosíssimo e muito poderoso rio chamado Marañón. Trad. Auxiliomar Silva Ugart. Manaus: Editora Valer, 2021.

DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.) ed. 28, Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

FRAXE, Therezinha de Jesus. Pinto. Cultura Cabocla Ribeirinha: Mitos, lendas e transculturalidade. 2.^a edição, São Paulo: Annablume, 2010.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática social. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

HARRIS, Mark. Presente Ambivalente: Uma Maneira Amazônica de Estar no Tempo. *In* Sociedades Caboclas Amazônicas: modernidade e invisibilidade. (Org.) ADMS, Cristina; MURRIETA, Rui; NEVES, Walter. São Paulo: Annablume, 2006.

IBGE. CENSO, 2010. Disponível em: <<http://www.idam.am.gov.br/municipio/boa-vista-doramos/>>. Acesso em: out., 2018.

JUNK, Wolfgang J. *et al.* Várzeas Amazônicas: Desafios para um Manejo Sustentável. Manaus: Editora do INPA, 2020

MOURÃO, Arminda Rachel Botelho; VASCONCELOS; Luciene Mafra; UCHÔA, Iraci Carvalho. Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 15, n. 2, p. 436-450, abr./jun. 2020. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riace.v15i2.12642>.

MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alce Sampaio Dória. Ed. 14.^a edição - revista e modificada pelo autor. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2010.

NEVES, Eduardo Góes. Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central. São Paulo: Ubu Editora, da Universidade de São Paulo, 2022.

NODA, Sandra do Nascimento (org.). Agricultura Familiar na Amazônia das águas. *Manaus*: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007.

PALACIO, Germán y NIETO, Valentina. Mujeres indígenas: globalización, alimentos y políticas sociales en el Trapecio Amazónico, 2013.

PASSOS, Maria das Graças; MELO, André de Oliveira. Casa Familiar Rural da França à Amazônia: uma proposta da Pedagogia da Alternância, 2008.

PINTO, Álvaro Vieira. A ciência como produto existencial das relações entre o homem e o meio. *In* Ciências e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, pp.76-96.

PORRO, Antônio. O povo das águas: ensaio de etno-história amazônica. Manaus: EDUA, editora da Universidade Federal do Amazonas, 2016.

PRESTES CARNEIRO, Gabriela *et al.* Subsistence fishery at Hatahara (750–1230 CE), a pre-Columbian central Amazonian village, 2015. Disponível em: <http://ees.elsevier.com/jasrep>>. Acesso em: 3 dez. 2021.

RANGEL, Alberto. Inferno Verde. (org.) TELLES, Tenório. Ed. 6.^a, Manaus: Editora Valer, 2008.

SOUSA, Romier *et al.* Educação do campo na Amazônia: A experiência histórica das Escolas Famílias do Estado do Amapá. Belém: Instituto Internacional de Educação do Brasil [IEB], 2016.

SANTOS, Boaventura de Sousa. A gramática do tempo: para uma nova cultura política, São Paulo: Cortez, 2006.

SILVA, Carlos Augusto da; MORAES, Railma Pereira; NODA, Sandra do Nascimento. O saber tradicional na manipulação de espécie vegetal no preparo de garrafadas na comunidade Cai N'água, em Manaquiri. 2010. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

SILVA, Carlos Augusto da. A reprodução de vidas em sítios arqueológicos em uma comunidade da Amazônia, em Cai N'água, Manaquiri-Amazonas. Manaus: EDUA, Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2014.

SILVA, Carlos Augusto da. A Interface Ceramista Pré-colombiana: A Coleção Arqueológica Prof. José Alberto Neves. 210ff., Tese de Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas, 2016.

TOCANTINS, Leandro. O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia. Ed. 9.^a Manaus: Editora Valer, Edição Governo do Estado, 2000.

TUAN, YiFu. Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 2013.

WITKOSKI, Antonio Carlos. Terras, florestas de águas e de trabalho: os camponeses amazônicos e as formas de uso de seus recursos naturais. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2007 (série: *Amazônia, a terra e o homem*)

CAPÍTULO 3

AZEVEDO, Fernando *et al.* Manifestos dos pioneiros da Educação Nova (1932) e dos educadores 1959 – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. 122 p. – (Coleção Educadores)

BRASIL. LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017. 58 p.

CAMARANO, Ana Amélia. Como a História Tratou a Relação entre População e Desenvolvimento Econômico no Novo Regime Demográfico: *In.* (Org.). CAMARANO, Ana Amélia. Uma nova relação entre população e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Ipea, 2014.

COSTA, Joanne Régis, *et al.* Educação de qualidade: contribuições da Embrapa editoras técnicas. – Brasília, DF: Embrapa, 2018.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO AMAZONAS. RESOLUÇÃO CIB/AM N.º 049/2022, DE 28 DE MARÇO DE 2022.

GIL, A. C. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2021.

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- JARDIM, L. W. L *et al.* A influência de eventos hidrológicos extremos sobre a diversidade florística em quintais agroflorestais. *Revista Ibero Americana de Ciências Ambientais*, v.12, n.9, p.104- 117, 2021.
- LIMA, Marcos Castro de. A Cidade, o Urbano e o Rio na Amazônia. *Revista ACTA Geográfica*, ANO II, n.º 3, jan./jun. de 2008. p.107-117.
- LIMA, Marcos Castro de. Quando o amanhã vem ontem: a institucionalização da região metropolitana de Manaus e a indução ao processo de metropolização do espaço na Amazônia ocidental. Tese (Doutorado em Geografia Humana) defendida junto à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: setembro, 2014.
- LOPES; Enildo Batista; GHEDIN, Evandro; MASCARENHAS, Suely A. do N. Desafios na Formação de Professores na Amazônia Brasileira na Perspectiva da Etnomatemática. *Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem-Estar*. Ano 3, Vol. V, Número 2, Jul- Dez, 2019, p. 446-459.
- MAGALHÃES, Lígia Karam Corrêa de; AZEVEDO, Leny Cristina Soares Souza. Formação Continuada e Suas Implicações: Entre a Lei e o Trabalho Docente. *Cad. Cedes*, Campinas, v. 35, n. 95, p. 15-36, jan.-abr., 2015.
- MARTINS, Ayrton Luiz Urizzi. Conservação da Agrobiodiversidade: Saberes e Estratégias da Agricultura Familiar na Amazônia. 2015. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, da Universidade Federal do Amazonas (PGCASA-UFAM), 2016.
- MOREIRA, Valdenir Fábio de. A práxis ambiental na escola rural Professora Francisca Góes dos Santos, Careiro da Várzea, Amazonas, Brasil. (Dissertação de Mestrado) do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, 2017.
- MOURÃO, Ivens Roberto de; COLOMBINI; Rogério. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – MAPA Companhia Nacional de Abastecimento – Conab, Diretoria de Gestões de Estoques – Diges, Superintendência de Programas Institucionais e Sociais de Abastecimento – Supab, Gerência de Modernização do Mercado Hortigranjeiro – Gehor, Programa Brasileiro de Modernização do Mercado Hortigranjeiro – Prohort PNUD/Conab BRA 03/034. MANUAL I Breve História do Sistema de Ceasas no Brasil (1960 a 2007). Brasília: 2008.
- NASCIMENTO, A. C. S. Resiliência e adaptabilidade dos sistemas socioecológicos ribeirinhos frente a eventos climáticos extremos na Amazônia Central. Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.
- NOMA, Amélia Kimiko; CZERNISZ, Eliane Cleide da Silva. TRABALHO, EDUCAÇÃO E SOCIABILIDADE, 2010.

APÊNDICE

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA (ABERTO)

N.º _____

PESQUISADOR (A): _____ DATA: __/__/22 HORA: __:__

MUNICÍPIO: CAREIRO DA VÁRZES UF: AM

COORDENADAS: Lat: _____ Long: _____

COMUNIDADE: _____ N.º da Foto: _____

1. DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE

1.1 Nome: _____

1.2 Sexo: 1.M () 2.F ()

2. DADOS DA LOCALIDADE (1 objetivo)

2.1 História do lugar:

2.2. Qual seu nível de escolaridade?

Fundamental (); Médio (); ou Superior ()

Foi em Escola Pública? () ou em Escola Particular ()

Em caso de Ens. Superior, onde cursou? Universidade pública () ou Faculdade particular ()

Se em Faculdade particular: Qual o valor da mensalidade? R\$ _____

Duração do curso: _____ Valor total do curso R\$ _____ (meses x valor)

Ano de início: _____ e Ano de conclusão: _____

Qual foi o Curso? _____

Fez Especialização: Sim () Não () Ano. Início: _____ Término: _____

Instituição: _____ Pública () ou Privada ()

Tema (TCC): _____

Obs.: _____

Fez Mestrado? Sim () Não ()

Se sim, ano de Início: _____ e ano de Término: _____

Instituição: _____ Pública () ou Privada ()

Tema (Artigo ou TCC): _____

Obs.: _____

Fez Doutorado? Sim () Não ()

Caso tenha feito: Ano de Início: _____ Término: _____

Instituição: _____ Pública () ou Privada ()

Tema: _____

Fez Pós-Dourado? Ano de Início: _____ Término: _____ Pública (), Privada ()

Instituição: _____

Tema: _____

Obs.: _____

Outros cursos? Quais?

2.3. Sr. (a) é servidor (a) concursado? Sim () ou Não ().

Quantos tempo de magistério? _____

2.4. Sr. (a) atua na carreira por gostar ou porque é a única forma de ganhar soldos (\$) para alimentar sua família?

Descrever a percepção do professor:

2.5. Sr. (a) utiliza às teorias pedagógicas em sua atividade em sala de aula? Como o sr. (a) utilizada? Descrever teorias:

2.6. Sr. (a) como profissional da educação realiza pesquisa em parceria com os alunos? Quais são as pesquisas mais frequentes? Descrever:

2.7 Como o sr. (a) costuma chegar à escola? de Moto (), de bicicleta (), ou de canoa (), outros ()_____

2.8. Sr. (a) utiliza os recursos da internet na escola para realizar pesquisa? Qual o horário? Pela manhã (), tarde (), à noite (), ou não utiliza ().

2.9. À Escola dispõem de sala de informática? Quantas salas: _____

2.10. À Escola tem biblioteca? Quais principais livros que sr. (a) utilizar para ler?

3. DADOS AMBIENTAIS

3.1. Quais as dinâmicas socioambientais que o sr. (a) utiliza em sala de aula? (2 objetivos)

3.1. Qual é a atividade agrícola que o sr^o (a) desenvolve aqui em horários que não está em sala de aula?

3.2 O sr^o (a) realiza prática de pesca?

3.3 O sr^o (a) consome os peixes capturados ou comercializa-os?

3.4 O sr^o (a) cria animais? Quais?

3.5. Em sua residência, o sr^o (a) realiza plantações de árvores frutíferas? Quais?

4. MUDANÇAS AMBIENTAIS

4.1. O sr^o (a) tem observado que as mudanças de subida e descidas d'águas vêm alterando o modo de vida na comunidade? (3 objetivos)

4.2. Quais as orientações que o srº (a) dá aos alunos em relação a preservação da natureza?

4.3. Durante a subida e descida das águas onde são realizadas às práticas recreativas com os alunos (as)?

4.4. No período da cheia do rio como é realizado o deslocamento à escola?

4.5. O Sr. (a) realiza práticas literárias junto aos alunos?

4.6. O Srº (a) utiliza internet em casa para realizar pesquisas?

Sim () ou Não ()

4.7 Sr^o (a) costuma trazer pessoas idosas da comunidade para falar sobre as plantas, roças, casas de farinas, pescaria etc.?

Sim () ou Não ()

4.8 O Sr. (a) pretende mudar de profissão?

Sim () ou Não ()

Porquê? _____